

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

Viviane Flaviano

**EMPODERAMENTO DAS MULHERES DO CAFÉ FEMININO DO
GRUPO MOBI NA COOPFAM**

Santa Maria, RS
2021

Viviane Flaviano

**EMPODERAMENTO DAS MULHERES DO CAFÉ FEMININO DO GRUPO
MOBI NA COOPFAM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Linha Dinâmicas econômicas e organizacionais na agricultura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do título de **Doutora em Extensão Rural**.

Orientador: Dr. Renato Santos de Souza
Coorientadora: Dra. Gisele Martins Guimarães

Santa Maria, RS
2021

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Flaviano, Viviane
EMPODERAMENTO DAS MULHERES DO CAFÉ FEMININO DO GRUPO
MOBI NA COOPFAM / Viviane Flaviano.- 2021.
172 p.; 30 cm

Orientador: Renato Santos de Souza
Coorientadora: Gisele Martins Guimarães
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós
Graduação em Extensão Rural, RS, 2021

1. Feminismo 2. Gênero 3. Agricultura Familiar 4.
Cafeicultura Mineira 5. Cooperativismo I. , Renato
Santos de Souza II. , Gisele Martins Guimarães III.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

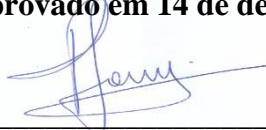
Declaro, VIVIANE FLAVIANO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Viviane Flaviano

**EMPODERAMENTO DAS MULHERES DO CAFÉ FEMININO DO GRUPO
MOBI NA COOPFAM**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do
Programa de Pós-Graduação em Extensão
Rural, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito para a obtenção
do título de **Doutora em Extensão Rural**.

Aprovado em 14 de dezembro de 2021:



Renato Santos de Souza, Dr. (UFSM) - Videoconferência
(Presidente/Orientador)



Gisele Guimarães, Dra. (UFSM) - Videoconferência
(Coorientadora)



Cassiane da Costa, Dra. (UERGS) - Videoconferência



Ana Paula Schervinski Villwock, Dra. (UFS) – Videoconferência



Carmen Rejane Flores Wizniewsky, Dra. (UFSM) - Videoconferência

Santa Maria, RS
2021

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a toda geração de mulheres que trabalham, lutam e preservam a agricultura familiar; dedico às mulheres da minha família que são meu porto seguro e referência; dedico aos meus ancestrais que me orientam e me auxiliam; dedico a minha família desta existência, por tanto amor. Dedico, ainda, ao meu grande amor Sérgio Campos, ao meu novo amor Unna F. S. F de Campos, ao Suckee e aos meus antigos e eternos amores: José Batista, Maria Natividade, Nívia, Evandro e Valentina.

AGRADECIMENTOS

Foi uma linda trajetória de descobertas e conquistas, um sonho realizado. E, destas experiências, descobri novas possibilidades e aspirações: com base nesta escola, sigo em busca de novas vivências. O tema que aqui apresento é apenas uma “semente” que responde às minhas inquietudes surgidas ao longo de cinco anos de doutoramento.

São tantos presentes que a vida me deu neste período. Em primeiro lugar, meu marido Sérgio, através do qual conheci a Maria Divina, o Sérgio, a Alessandra e o Ricardo. Em segundo lugar, me tornei tia da Valentina, quem me apresentou um amor que não sabia que seria capaz de sentir. Por fim, destaco o meu maior amor do mundo, minha filha Unna, por quem o amor transborda todos os dias. Obrigada, vida, por tanto.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Renato Santos de Souza, por acreditar em mim, por partilhar seus saberes e conhecimento, pela dedicação e apoio ao longo do meu doutorado de forma profissional e pessoal. É uma honra trabalhar com você.

Aos membros da banca, pela disponibilidade e pelas importantes contribuições feitas a este trabalho.

À Universidade Federal de Santa Maria, pela oportunidade em cursar o mestrado, e, quatro anos depois, seguir com o doutorado. Foram sete anos de caminhada, e, por isso, agradeço por todo conhecimento, trocas, saberes, sabores, dores, alegrias e autoconhecimento.

A Santa Maria, ao Rio Grande do Sul e a todos os amigos que cruzaram meu caminho e me transformaram em alguém que eu admiro muito. Aos professores com os quais tive a oportunidade de cursar as disciplinas. Ao grupo de estudo NEPEA (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Economia Agroindustrial), as minhas parceiras de estudo e de vida (Tatielle, Ana Paula, Bruna, Carine e Patrícia). Aos meus colegas de turma (Breno, Martin, Daniel, Cristiane, Marcos, Alida, Rodrigo, Fernanda, Jossiane, Adilson).

À família que me acolheu em Santa Maria com amor e respeito (Verginia, Waldir, Jana, Neli e Tininha), às grandes amigas que me acolheram em vários outros momentos (Marizete, Marta e João). As minhas amigas de vida de antes do doutorado, e de uma vida toda (Viviane, Ana Flavia, Eduarda).

À Universidade Federal de Viçosa – UFV, onde cursei minha graduação com muita honra e alegrias à cidade de Viçosa, que carrego no coração e a Minas Gerais, por tantas memórias.

Ao grupo MOBI (Rosa, Violeta, Ires, Flora, Jasmim, Margarida, Magnólia, Melissa, Hortência, Maia, Dália, Orquídea e Angélica), que, desde o início me acolheu e me disponibilizou seu tempo, um recurso tão escasso. Gratidão por confiarem em mim e na minha pesquisa, por acreditarem que vale a pena dar o testemunho em busca de mudanças.

À COOPFAM, por me receber de braços abertos e com uma xícara do melhor café do mundo nas mãos. A todas as mulheres e homens que entrevistei, com os quais conversei e tive a honra de conhecer, principalmente a Mariana, quem se tornou uma grande amiga.

As minhas companheiras de trabalho de campo, Alessandra Nohvais e Anna Goobbi, pelo lindo trabalho audiovisual e pela amizade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, perto ou longe contribuíram com esta pesquisa.

À VIDA!

A BUDA!

A DEUS!

ASSIM COMO É!!!

RESUMO

EMPODERAMENTO DAS MULHERES DO CAFÉ FEMININO DO GRUPO MOBI NA COOPFAM

AUTORA: Viviane Flaviano

ORIENTADOR: Dr. Renato Santos de Souza

COORIENTADORA: Dra. Gisele Martins Guimarães

Esta tese teve como objetivo compreender os processos de Empoderamento feminino presentes no cotidiano das mulheres cafeicultoras produtoras do café orgânico feminino do município de Poço Fundo (MG), bem como identificar quais são as vertentes do Empoderamento feminino na dinâmica do trabalho feminino na agricultura familiar com foco na cafeicultura orgânica. Para tanto, foram realizadas doze entrevistas em profundidade com as produtoras e três entrevistas com produtores. As produtoras eram vinculadas ao grupo de mulheres o MOBI (Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade), associadas à Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região a COOPFAM. A pesquisa se apoia em três eixos conceituais, quais sejam, Agricultura Familiar, Gênero e Empoderamento Feminino. O estudo é de corte qualitativo considerando gênero como categoria analítica, através de entrevistas semiestruturadas e de observação não participante. As entrevistadas aconteceram no ano de 2019, sendo que o primeiro contato aconteceu em março de 2019 e o último em março de 2020, completando assim doze meses de pesquisa de campo. O contexto empírico da pesquisa localiza-se no município de Poço Fundo, no sul de Minas Gerais. Foi utilizado a saturação de dados para definir o número de participantes nas entrevistas. Os resultados mostraram que o Empoderamento dessas mulheres do café aconteceu através do trabalho e de lutas pela conquista de espaços e direitos políticos, econômicos, sociais e financeiros. Foi identificado quatro variáveis em relação ao Empoderamento que contribui para que esse grupo de mulheres se sintam com poder, são elas; individual, financeiro, organizacional, coletivo e/ou comunitário. Os perfis das entrevistas são bem semelhantes, uma vez que de acordo com a metodologia de saturação, com dez entrevistadas já começaram a se repetir os discursos e as histórias de vida. O MOBI é o maior canalizador de mulheres em busca de conhecimento. Se a mulher não for fazer parte da cooperativa, ela pode fazer parte do grupo, desenvolvendo atividades que ela já realiza no seu dia a dia, como cultivar rosas, fazer artesanato, cultivar horta, fazer pães e bolachas caseiras para vender na feira de orgânicos que a cooperativa desenvolve toda semana. Existiam novas necessidades e as mulheres foram em busca da sua representatividade política, hoje uma mulher do grupo MOBI é a presidente. A divisão sexual do trabalho é muito presente nos lares e também nos cargos ocupados na cooperativa. A agricultura familiar é à base da produção cafeeira da cooperativa, a sucessão familiar é uma questão importante e muito necessária de acordo com as entrevistas. Conclui-se que a cooperativa é o meio pela qual as mulheres buscam seu Empoderamento e o MOBI é onde tudo acontece, onde se concretiza este Empoderamento.

Palavras-Chave: Feminismo. Gênero. Agricultura Familiar. Cafeicultura Mineira. Cooperativismo.

ABSTRACT

EMPOWERMENT OF WOMEN IN THE FEMALE COFFEE OF THE MOBI GROUP AT COOPFAM

AUTHOR: Viviane Flaviano

GUIDELINE: Dr. Renato Santos de Souza

CO-ORINER: Dra. Gisele Martins Guimarães

This thesis aimed to understand the processes of female empowerment present in the daily lives of women coffee growers who produce organic female coffee in the municipality of Poço Fundo (MG), as well as to identify the aspects of female empowerment in the dynamics of female work in family farming with focus on organic coffee farming. To this end, twelve in-depth interviews were carried out with the producers and three interviews with producers. The producers were linked to the women's group MOBI (Women Organized in Search of Equality), associated to the Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo and Region, COOPFAM. The research is based on three conceptual axes, namely, Family Agriculture, Gender and Female Empowerment. The study is qualitative, considering gender as an analytical category, through semi-structured interviews and non-participant observation. The interviewees took place in 2019, with the first contact taking place in March 2019 and the last in March 2020, thus completing twelve months of field research. The empirical context of the research is located in the municipality of Poço Fundo, in the south of Minas Gerais. Data saturation was used to define the number of participants in the interviews. The results showed that the empowerment of these coffee women happened through work and struggles to conquer political, economic, social and financial spaces and rights. Four variables were identified in relation to Empowerment that contribute to this group of women feeling empowered, they are; individual, financial, organizational, collective and/or community. The profiles of the interviews are very similar, since according to the saturation methodology, with ten interviewees the speeches and life stories have already started to be repeated. MOBI is the biggest channel of women in search of knowledge. If the woman is not going to be part of the cooperative, she can be part of the group, developing activities that she already carries out in her daily life, such as growing roses, making handicrafts, cultivating a vegetable garden, making homemade breads and cookies to sell at the organic fair. that the cooperative develops every week. There were new needs and women went in search of their political representation, today a woman from the MOBI group is the president. The sexual division of labor is very present in homes and also in the positions held in the cooperative. Family farming is the basis of the cooperative's coffee production, family succession is an important and very necessary issue according to the interviews. It is concluded that the cooperative is the means by which women seek their Empowerment and MOBI is where everything happens, where this Empowerment takes place.

Keywords: Feminism, Gender, Family Farming, Coffee Growing in Minas Gerais, Cooperatives.

RESUMEN

EMPODERAMIENTO DE LA MUJER EN EL CAFÉ FEMENINO DEL GRUPO MOBI EN COOPFAM

AUTOR: Viviane Flaviano

GUÍA: Dr. Renato Santos de Souza

COORDINADOR: Dra. Gisele Martins Guimarães

Esta tesis tuvo como objetivo comprender los procesos de Empoderamiento femenino presentes en la vida cotidiana de las mujeres cafeteras que producen café femenino orgánico en el municipio de Poço Fundo (MG), así como identificar los aspectos del Empoderamiento femenino en la dinámica del trabajo femenino. en agricultura familiar con foco en el cultivo de café orgánico. Para ello, se realizaron quince entrevistas en profundidad a productoras vinculadas al grupo de mujeres MOBI (Mujeres Organizadas en Búsqueda de la Igualdad), asociado a la Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo y Región COOPFAM. La investigación se sustenta en tres ejes conceptuales, a saber, Agricultura Familiar, Género y Empoderamiento Femenino. El estudio es de corte cualitativo considerando el género como categoría analítica, a través de entrevistas semiestructuradas y observación no participante. Los entrevistados tuvieron lugar en 2019, teniendo el primer contacto en marzo de 2019 y el último en marzo de 2020, completando así doce meses de investigación de campo. El contexto empírico de la investigación se ubica en el municipio de Poço Fundo, en el sur de Minas Gerais. Se utilizó la saturación de datos para definir el número de participantes en las entrevistas. Los resultados mostraron que el Empoderamiento de estas mujeres cafeteras llegó a través de su trabajo conquistando espacios y derechos, como el político, económico, social y financiero, que apuntaba a una mejor calidad de vida para todas sus familias y para la comunidad. Se identificó cuando las variables en relación al Empoderamiento que contribuyen a que este grupo de mujeres se sienta empoderado, son; individual, financiera, organizacional, colectiva y / o comunitaria. Según la inserción de las mujeres como cooperativistas, la visión de la cooperativa necesitaba cambiar, había nuevas necesidades y las mujeres buscaban su representación política, hoy una mujer del grupo MOBI es la presidenta. La división sexual del trabajo está muy presente en los hogares y también en los cargos ocupados en la cooperativa. La agricultura familiar es la base de la producción de café de la cooperativa, la sucesión familiar es un tema importante y muy necesario según las entrevistas. Tienen una identidad grupal muy bien definida y fortalecida, trayendo la propuesta de integrar nuevas mujeres que pertenecen al grupo MOBI y también producen café de mujeres. Por ello, desde que la mujer tomó conciencia de su poder y de su valor como persona, como mujer, como caficultora y como cooperativista, se han abierto nuevos espacios.

Palabras clave: Feminismo, Género, Agricultura familiar, Cultivo de café en Minas Gerais, Cooperativas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura Geral da tese	26
Figura 2 – Desenho da Pesquisa	53
Figura 3 – Mapa da Região Pesquisada	64
Figura 4 – Mapa do Município Pesquisado	67
Figura 5 – Resumo das Características do Empoderamento Feminino Encontrados no Campo	111
Figura 6 – Encontro de Mulheres COOPFAM	112
Figura 7 – Espaço das Reuniões	113
Figura 8 – Encontro das Mulheres da COOPFAM	113
Figura 9 – I Encontro das Mulheres COOPFAM	115
Figura 10 – Inauguração da Cafeteria	116
Figura 11 – Reunião Mensal da MOBI	120
Figura 12 – Mulheres e a Lida com a Colheita do Café	123
Figura 13 – Entrevista com a Cooperada	125
Figura 14 – Flora no seu Cafezal	133
Figura 15 – Visita na Propriedade da Cafeicultora	136
Figura 16 – Festa do Café da COOPFAM, Novembro de 2019	138
Figura 17– 4ª Festa do Café Orgânico <i>Fair Trade</i>	140
Figura 18 – Segundo Encontro do Dia das Mulheres	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Dimensões do Empoderamento.....	41
Quadro 02 – Unidades de Análise.....	56
Quadro 03 – Fontes de Documentos Utilizados.....	61
Quadro 04 – Linha do Tempo da Formação da COOPFAM.....	65
Quadro 05 – Características da COOPFAM.....	68
Quadro 06 – Projetos Sociais Desenvolvidos pela COOPFAM de acordo com a “Cadeia do Bem”.....	69
Quadro 07 – Caracterização Geral das Entrevistas e Conversas Informais.....	72
Quadro 08 – Resumo dos Dias de Visitas e de Observações no Grupo MOBI e na COOPFAM.....	75
Quadro 09 – Resumo do Perfil das Mulheres do Café Orgânico Feminino.....	92
Quadro 10 – Estado da Arte das Dimensões do Empoderamento Analisadas no Campo.....	97
Quadro 11 – Empoderamento Feminino na Perspectiva das Mulheres do MOBI	98
Quadro 12 – Dimensões do Empoderamento Feminino e as Palavras Relacionadas	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGRAS

COOPFAM - Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região Ltda
COOXUPE - Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé LTDA
COCCAMIG - Cooperativa Central de Cafeicultores e Agropecuaristas de MG
COOCAMINAS - Cooperativa dos Pequenos Cafeicultores do Poço Fundo Ltda
COOPAMA - Cooperativa Agrária de Machado Ltda
COAPEJA - Cooperativa Agropecuária de Jacutinga
DENACOOOP - Departamento de Cooperativismo e Associativismo Rural
EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MINASUL - Cooperativas dos Cafeicultores da Zona de Varginha Ltda
MOBI - Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade
SEAPA - Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento
ONU – Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	17
1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 OBJETIVOS.....	24
1.2 ESTRUTURA GERAL DA TESE.....	25
CAPÍTULO 2.....	27
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	27
2.1 ABORDAGENS CONCEITUAIS SOBRE GÊNERO	27
2.2 GÊNERO E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO MEIO RURAL	31
2.3 GÊNERO, COOPERATIVISMO E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO..	34
2.4 TEORIA FEMINISTA: DESIGUALDADES SOCIAIS E DE GÊNERO	37
2.5 ANALIZANDO O EMPODERAMENTO.....	40
2.6 O EMPODERAMENTO E AS MULHERES DO CAFÉ	43
CAPÍTULO 3.....	52
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	52
3.1 DESENHO DA PESQUISA.....	52
3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA E MÉTODO ADOTADO.....	54
3.3 O CASO ESCOLHIDO	56
3.4 COLETA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	58
CAPÍTULO 4.....	63
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	63
4.1 O CASO ESTUDADO	63
4.2 COOPFAM, UMA ORGANIZAÇÃO EM ESTUDO.....	70
4.3 TRAJETÓRIAS E ESPECIFICIDADES DAS MULHERES ORGANIZADAS EM BUSCA DE IGUALDADE – MOBI.....	78
4.4 AS MULHERES DO CAFÉ ORGÂNICO FEMININO	82
4.5 CERTIFICAÇÃO PARTICIPATIVA DO CAFÉ FEMININO	94
4.6 ONDE O EMPODERAMENTO ACONTECE.....	97
4.7 DIMENSÃO ECONÔMICA	101
4.8 DIMENSÃO ORGANIZACIONAL	103
4.9 DIMENSÃO INDIVIDUAL	106
4.10 DIMENSÃO COLETIVA E /OU COMUNITÁRIA	108
4.11 O TRABALHO DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR - DA CASA À LAVOURA.....	112
4.12 TRABALHO FEMININO X TRABALHO MASCULINO: VIVENCIANDO A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO CAMPO.....	128
4.13 AS FESTAS LOCAIS E SUA RELAÇÃO COM O GÊNERO.....	138
CAPÍTULO 5.....	144
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	144

5.1 RETOMANDO OS PRIMEIROS PASSOS	144
5.2 LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS	148
REFERÊNCIAS	150
ANEXO A - CARTA CONVITE DA PESQUISA DE CAMPO (MINUTA).....	160
ANEXO B - PROTOCOLOS DE ENTREVISTA	161
ANEXO C - FOTOS ARTÍSTICA DA PESQUISA (2019)	165

Antes de iniciar esta jornada de leituras e descobertas, convido você, leitor, a passar por uma experiência audiovisual, através da minha experiência de campo. Foi realizado um documentário sobre a pesquisa empírica, e, deste documentário, foi executado um trailer. O trailer foi apresentado no primeiro dia da Festa do Café, em novembro de 2019, na COOPFAM.

Pegue seu celular, aponte para o QR Code e aproveite!



CAPÍTULO 1

“Eu acho que contribuo bastante, tanto na questão financeira, como na questão da economia doméstica, porque tudo que a mulher faz ali no sítio contribui muito né?!” (Rosa, 2019).¹

1 INTRODUÇÃO

O momento atual vem apresentando várias pautas de discussão a respeito das questões de gênero, do Empoderamento feminino, dos movimentos feministas, da importância da valorização da agricultura familiar e do trabalho coletivo, sendo estas temáticas discutidas ao longo desta tese. O desenvolvimento deste estudo, nessa perspectiva, objetiva contribuir com informações e conhecimentos acerca das relações de gênero e do Empoderamento das mulheres rurais da agricultura familiar associadas de uma cooperativa de comercialização do café, na região Sul do estado de Minas Gerais.

Uma das grandes motivações para esse tema perpassa a minha história de vida, já que, segundo, minha mãe e minha avó paterna eu as acompanhava para a lavoura de café ainda recém-nascida, onde minha cama era uma paradeira² e meu abrigo do sol era um pé de café. Quando comecei a lembrar de minha infância, percebi que, por volta de cinco anos de idade, eu já ia para a lavoura com minha família para ajudar na panha³ e outros cuidados com a lavoura.

Me recordo de ajudar minha avó numa atividade muito comum na região onde morava, a Zona da Mata mineira, num município pertencente à cidade de São Miguel do Anta⁴, que era catar o café que ficava esquecido debaixo dos pés. Essa atividade era basicamente realizada pelas mulheres, e os fazendeiros negociavam o café recolhido, que era dividido ao meio. A renda que as mulheres faziam nesse período era destinada, na sua grande maioria, para a compra de alimentos para a família, melhorias na residência, pagamento de

¹ Com o intuito de preservar o máximo possível as falas das entrevistadas, nos trechos onde são as sujeitas da pesquisa que fala, foi transcrito tal qual foi falado. Foi feito apenas correções básicas de português, preservando o regionalismo.

² Objeto de bambú feito à mão, muito utilizado nos anos 60,70 e 80 para a panha do café na zona da Mata de Minas Gerais.

³ Período do ano em que é feita a colheita do fruto maduro do café.

⁴ Cidade localizada na Zona da Mata Mineira, segundo dados do IBGE (2005) sua população é de 6.845 habitantes, o setor que mais emprega é o da agricultura, a distância aproximada da capital (BH) é de 249km, sendo o café o produto mais produzido dessa região, com 967 toneladas por ano, marcado com forte presença da agricultura familiar.

dívidas, consultas médicas, enfim, o dinheiro era geralmente utilizado para as necessidades familiares.

Nesta atividade eu era parceira tanto da minha avó como da minha mãe, e, através dela, ganhava experiência e construía um laço afetivo com essa cultura, que se estendeu até eu completar quinze anos, idade em que precisei ir terminar meus estudos e trabalhar na cidade.

Meu histórico familiar, tanto materno quanto paterno, portanto, é de produtores(as) rurais da agricultura familiar, sendo o café uma das principais atividades agrícolas daquela época. Logo, esta atividade dentro da minha família era fundamental para a manutenção financeira da propriedade, desde a comercialização do café produzido nas nossas terras, até o serviço prestado pela família para ajudar outras famílias na manutenção de suas lavouras, em trabalhos como colheita, capina, plantio, recuperação de áreas, adubação e catação.

No período da panha, que abrangia desde o mês de maio até o mês de agosto, famílias inteiras da minha região se dedicavam a essa atividade. Na propriedade da minha família, havia quinhentos pés de café, o que gerava uma demanda de um mês de panha. Depois disso, já estávamos liberados para trabalhar em outras lavouras, para ganhar um dinheiro muito necessário para a manutenção familiar, atividade que, vale mencionar, era desempenhada por homens, mulheres e crianças, por isso, neste período de colheita, acontecia uma expressiva evasão escolar.

Outro aspecto motivacional para a realização da pesquisa perpassa pela minha formação acadêmica, visto que fiz graduação em Gestão de Cooperativas, e, no meu mestrado, pesquisei cooperativas agropecuárias do Rio Grande do Sul. Sendo assim, a junção desses fatores - mulheres, agricultura familiar, cooperativismo e produção do café - despertou o meu interesse para compreender melhor, de forma empírica e teórica, este universo.

Assim sendo, diante do exposto, percebe-se que, em toda a atividade cafeeira, as mulheres sempre estiveram muito presentes. De acordo com estudos feitos por Paulilo (2016), existem dois tipos de trabalhos produtivos femininos no *meio* rural, quais sejam, aqueles que se realizam dentro do lar e os que se realizam fora do lar. Os de dentro do lar incluem cuidados com animais domésticos e horta, e os trabalhos fora do lar, por sua vez, são os realizados na lavoura.

Histórica e culturalmente, a atividade da cafeicultura encontra-se muito presente em todo o estado de Minas Gerais, mas é na região sul que há uma concentração significativa de produtores em comparação com a produção total do estado, sendo que a comercialização do café representa a principal fonte de renda das famílias rurais contando com a presença de

pequenos e médios produtores, além de apresentar uma alta concentração de cooperativas de cafeicultores (VALE; CALDERARO; FAGUNDES, 2014).

A maior demanda de mão de obra na cafeicultura é exigida no período de colheita (panha), principalmente nas regiões montanhosas onde as máquinas têm dificuldade de acesso, pois o relevo é muito acidentado. Neste período, famílias inteiras se deslocam de uma lavoura a outra para auxiliar os vizinhos, gerando, assim, uma forma de complementação da renda familiar. Faz-se necessário destacar que este trabalho é geralmente realizado pelas mulheres, mesmo, o seu esforço sendo considerado apenas como uma “ajuda” pelos seus familiares.

Nesse sentido, ressalta-se que o trabalho das mulheres nas lavouras, as quais atuam desde o plantio até o processo final do café, apresenta função primordial na manutenção e reprodução dessa atividade no estado. Em estudo feito por Fontenele, Arzabe e Nogueira (2017), observou-se que o trabalho das mulheres do café acontece dentro e fora do lar, uma vez que são responsáveis por cuidar das crianças, do alimento, das roupas da casa, do ambiente externo, da capina, plantio, adubação, colheita e seca do café, considerada a etapa final antes de ir para a fase de torra e preparo.

Em outro estudo feito sobre esse tema em Minas Gerais, Guimarães e Ribeiro (2017) abordam a “força das mulheres” que trabalham com o café no estado mineiro, utilizando relatos de quatro regiões importantes na produção do café, sendo elas: Araponga, Martins Soares, Alto Jequitibá e Lajinha. Nas falas das mulheres, elas relatavam que, o fato de poderem ficar mais próximas da sua família, de terem contato com a natureza, de desenvolverem uma produção sustentável, de terem condições de melhorar sua renda familiar e ter seu próprio negócio, são fatores que as motivam a serem produtoras de café.

Segundo a Organização das Cooperativas Brasileira (OCB, 2010), a inclusão das mulheres em organizações cooperativas procura promover a solidariedade, a responsabilidade social e a equidade de gênero, considerados princípios fundamentais em que se baseiam as suas ações. No entanto, não basta que as mulheres atuem na produção e/ou gestão da produção cafeicultora, é necessária a sua participação dentro das organizações que congregam os(as) agricultores(as), reivindicando políticas e ações de beneficiamento, como nas associações, nos sindicatos e nas cooperativas. Dessa forma, esta pesquisa busca entender as questões de gênero presentes dentro das cooperativas e suas contribuições para o Empoderamento das mulheres que são produtoras de café.

Considerada em sua historicidade, “a categoria gênero se apresenta de modo complexo, envolvendo não só relações e características entre os sexos, mas indo além, sendo determinada também, numa dinâmica temporal, por elementos que são, ao mesmo tempo, significativos no que se refere às relações entre sociabilidade e cultura” (SANTOS E OLIVERIA, 2010, p. 12).

Para Scott (1995, p. 86), “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Segundo Bourdieu (1989, p.7), o poder pode ser definido como “um estado de autoridade onde há invariavelmente a dinâmica (relação de poder) entre dominador e dominado”. Desta forma, entende-se porque promover a equidade de gênero e o Empoderamento Feminino é o quinto objetivo da agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável da ONU, que visa “alcançar a equidade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (ONU, 2015).

Vale ressaltar, nesse sentido, a importância de se falar da necessidade de promover a equidade de gênero, visto que as diferenças entre homens e mulheres em relação aos direitos básicos existem, em maior ou menor medida, em todos os países. A respeito disso, Scott (2005, p.13), pontua que “a igualdade só pode ser implementada quando os indivíduos são julgados como indivíduos” e “a igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente” (idem, p.15).

Nesse âmbito, as diferenças de poder entre homens e mulheres levaram os movimentos feministas, a lutarem por igualdade de direitos, mesmo sendo elas metade da população mundial (SCOTT, 2005). No cerne destas lutas por igualdade, surge o conceito de Empoderamento, o qual, de uma forma abrangente, “reflete o modo como as mulheres assumem sua condição de sujeito por intermédio de conscientização, de participação e igualdade”. Sendo assim, o Empoderamento vai se configurando na sociedade “pelo capital sócio cultural que vai sendo adquirido nas interações com os outros e também com o grupo” (STREY; CÚNICO, 2016, p. 274).

Segundo Lisboa (2008, p.7) “Empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações e as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir”. De maneira análoga, Santos e Oliveira (2010, p. 12) dizem que o “poder e visibilidade são construtos históricos, determinados na e pelas relações sociais”.

Estudos sobre gênero no âmbito rural e, especificamente, em cooperativas de café são muito recentes, o que torna ainda mais relevante buscar o entendimento de como a associação

entre as mulheres pode promover a visibilidade e a valorização de seu trabalho, bem como o seu Empoderamento. Dessa forma, existem muitos aspectos a serem explorados dentro do universo da pesquisa, uma vez que este estudo envolve quatro temáticas principais: a agricultura familiar, especificamente a do sul de Minas Gerais; as organizações cooperativas agropecuárias; as questões de gênero e o Empoderamento feminino. Assim, esta tese se apoia em quatro eixos conceituais, quais sejam: agricultura familiar, cooperativismo agropecuário, gênero e Empoderamento⁵ feminino.

Para tanto, foi selecionado para esta pesquisa o grupo de mulheres agricultoras do café orgânico feminino, o MOBI (Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade), as quais fazem parte da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região Ltda, a COOPFAM, que fica localizada na cidade de Poço Fundo, em Minas Gerais.

Segundo Alves (1997), a agricultura familiar se caracteriza como sendo uma atividade agrícola que tem como base o trabalho da mão de obra familiar, “como definida pelo governo, a agricultura familiar é um subconjunto da agricultura, cujo proprietário administra e trabalha no estabelecimento, em conjunto com a família” (ALVES, 1997, p. 29).

Em uma perspectiva ampla, Pinho (1962) aponta que as cooperativas possuem relevância social, ao contribuírem para a manutenção e desenvolvimento da economia regional e local e para a promoção de postos de trabalho. Além disso, é expressiva a sua contribuição no âmbito econômico e financeiro, possibilitando a geração de renda onde estão inseridas. Freitas e Freitas (2012, p. 186), por sua vez, afirmam que “o desenvolvimento local se torna importante na medida em que vão se consolidando bases sociais de cooperação”. Outra questão importante, nesse sentido, é que “a cooperativa se apresenta como uma possibilidade de organização e divisão coletiva das diferentes demandas legais (sanitárias e fiscais) implicadas no processo de produção e comercialização de determinadas mercadorias” (SALVARO; ESTEVAM; FELIPE, 2014, p. 398).

A participação das mulheres nas cooperativas promove, dessa forma, uma outra forma de conduzir a gestão, trazendo novos papéis para homens e mulheres, visto que produz ‘fissuras’ no instituído acerca de normas e hierarquias de gênero, as quais atribuem posições sociais diferenciadas para mulheres e homens a partir da naturalização de ‘características femininas e masculinas’ (SALVARO; ESTEVAM; FELIPE, 2014, p. 397).

⁵ Nesta tese, como o objetivo central é estudar sobre o Empoderamento feminino, a palavra Empoderamento será sempre escrita com a primeira letra maiúscula.

Na construção do problema da tese, considerou-se como questão central a forma como acontece e se acontece o Empoderamento de produtoras rurais de café orgânico feminino inseridas no grupo Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade (MOBI), em uma cooperativa de café em Minas Gerais. Além disso, esta tese sustentou-se em questões estruturais sobre relações de gênero, Empoderamento feminino dentro da agricultura familiar e de uma organização cooperativa.

Tratar das questões de gênero dentro dos espaços em que prevalece a cooperação, mas que não de funcionar como um espaço empresarial e competitivo é sempre um desafio, uma vez que são poucos os trabalhos e as perspectivas teóricas realizadas levando em consideração estas temáticas. Portanto, este estudo pretende contribuir para aumentar a visibilidade das mulheres que são membros de cooperativas, tendo em vista que os espaços organizacionais estão cada dia mais ocupados por elas.

De maneira complementar, salienta-se que as cooperativas são fenômenos sociais, com interações de sujeitos com características e conhecimentos distintos. Os contatos que estes(as) atores e atrizes estabelecem, levam ao desenvolvimento do seu capital social, criando fluxos informacionais e combinando conhecimentos sobre Empoderamento feminino, mercado, estratégias, concorrentes, tecnologias e processos, que podem ser utilizados em benefício próprio. Logo, a formação do capital social depende de uma rede de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento, ou seja, de pertencimento a um dado grupo, com um conjunto de recursos embasados na ideia do coletivo, visando investimento no social para aumentar este capital. (BOURDIEU, 1985).

As relações sociais dentro das cooperativas, portanto, perpassam por uma governança democrática, fazendo com que aconteça convívio entre os atores e que ocorra troca de informações entre homens e mulheres. Visto isso, estudos que envolvam a conjuntura das mulheres cooperadas do café, no que diz respeito aos impactos de sua inserção em cooperativas, é justificável por suprir lacunas percebidas.

Deste modo, as cooperativas, agropecuárias são consideradas organizações com possibilidades de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico das regiões onde estão localizadas, especialmente pelo fortalecimento das atividades primárias, já que a forma de atuação destas instituições com foco na diversificação dos negócios pode contribuir para a geração de um desenvolvimento rural mais sólido, efetivo, cooperativo e equitativo (SINGER, 2002). Além disso, as organizações coletivas são promotoras das redes sociais de desenvolvimento, e, segundo Freitas e Freitas (2012, p.187), “as redes sociais que sustentam

as organizações da agricultura familiar são constituídas e constituintes do capital social que as operacionaliza”.

De acordo com a OCEMG (2020), na região sul de Minas, além da já citada COOPFAM, existe a COOXUPE (Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé LTDA); a Cooperativa Central de Cafeicultores e Agropecuaristas de MG (COCCAMIG); Cooperativa dos Pequenos Cafeicultores do Poço Fundo Ltda (COOCAMINAS); Cooperativa agrária de Machado Ltda (COOPAMA); Cooperativa Agropecuária de Jacutinga (COAPEJA) e as Cooperativas dos Cafeicultores da Zona de Varginha Ltda (MINASUL).

Assim, a agricultura familiar vem ganhando seu espaço e reconhecimento, sendo responsável pela produção de uma grande parcela dos alimentos no Brasil. Como afirmam CASSOL e WISNIEWSKY (2012, p.46), “[...] existe um reconhecimento oficial desta agricultura como específica e produtora de grande parte dos alimentos consumidos no país [...]”.

Diante disso, surgem diversas questões que orientam o desenvolvimento da presente pesquisa, sendo as principais:

- a) As mulheres rurais possuem quais elementos de Empoderamento?
- b) As cooperativas incentivam a inserção das mulheres na sua cadeia produtiva?

Quais cadeias?

- c) As questões de gênero são elementos centrais em organizações coletivas?
- d) Mulheres organizadas conseguem quais abordagens do Empoderamento?
- e) Como é o cotidiano das mulheres produtoras de café orgânico?
- f) Como é a participação de mulheres numa cooperativa?

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo central entender as realidades vivenciadas por agricultoras familiares que produzem café no estado de Minas Gerais, frente aos processos de Empoderamento oriundos, ou não, da sua inserção como integrantes de uma cooperativa de café. Será que o Empoderamento vem da participação delas na cooperativa ou da construção do MOBI e do café feminino?

Na perspectiva da extensão rural, este estudo se torna relevante por explorar o papel das políticas de inclusão existentes em organizações cooperativas e os caminhos percorridos para este processo acontecer, bem como entender como se configura um rural a partir do contexto da mulher que está inclusa numa lógica produtiva do café.

Com base nessas considerações, justifica-se o presente estudo pela sua contribuição para uma melhor compreensão sobre como as cooperativas agropecuárias podem influenciar

no Empoderamento da mulher rural, uma vez que muito pouco se sabe sobre esta temática. Nessa perspectiva, estudar a questão de gênero no âmbito cooperativo se torna inovador e viabiliza o debate sobre a importância da inclusão da mulher em todos os setores da sociedade.

Diante disso, esta pesquisa possui como questionamento norteador a seguinte questão: *Como acontece, e se acontece, o Empoderamento de agricultoras familiares produtoras do Café Orgânico Feminino inseridas no grupo Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade (MOBI) da COOPFAM?*

1.1 OBJETIVOS

Nesta sessão serão apresentados os objetivos geral e específico que guiaram a preparação e consecução deste estudo.

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar se ocorre e, em caso positivo, como ocorre o processo de Empoderamento de agricultoras familiares produtoras do Café Orgânico Feminino na COOPFAM, em Poço Fundo/ MG.

1.1.2 Objetivos Específicos

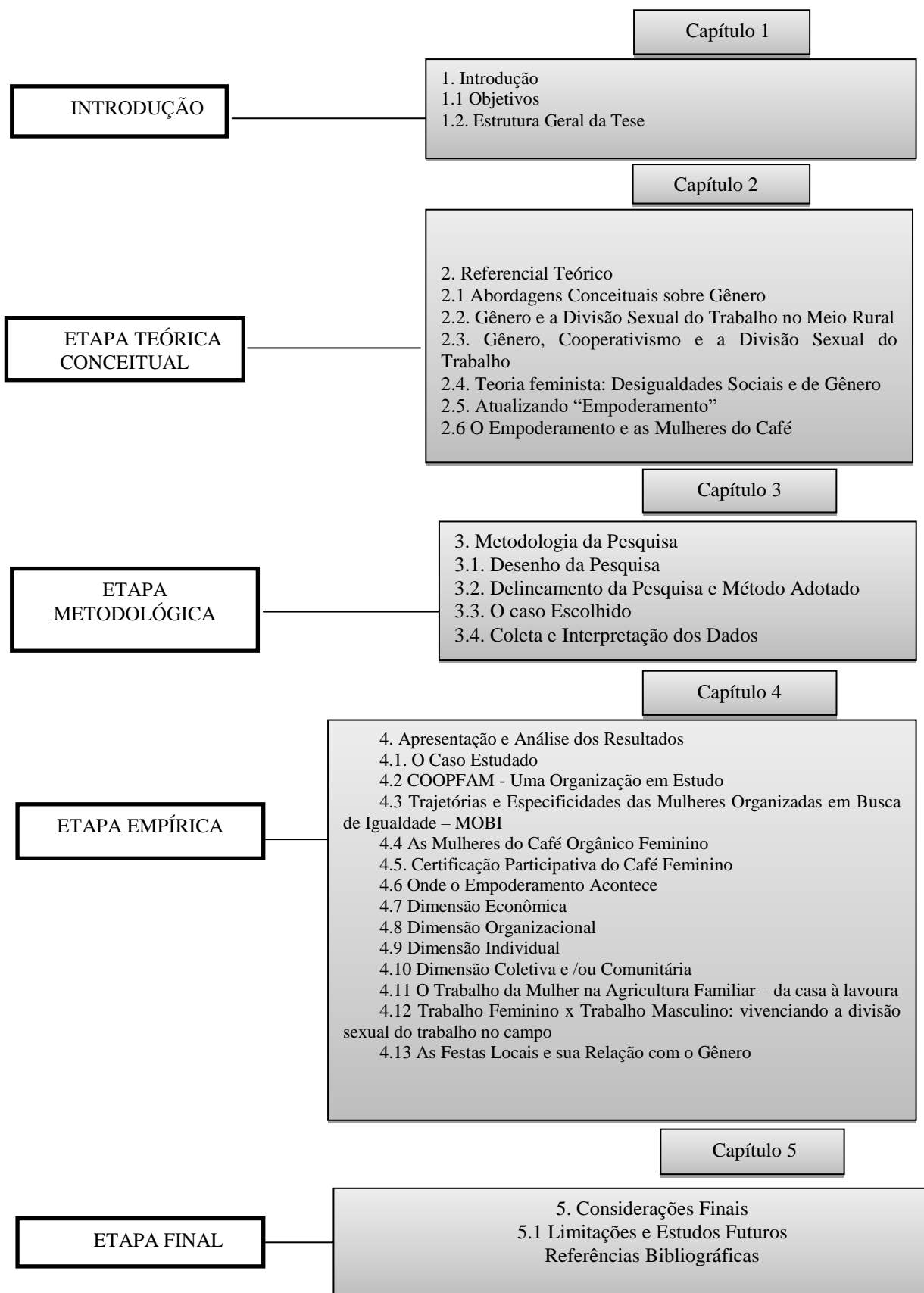
De acordo com o objetivo geral, foram construídos quatro objetivos específicos:

1. Traçar o perfil das mulheres participantes da MOBI e do Café Feminino;
2. Verificar a existência de ações que incentivem a equidade de gênero dentro da cooperativa;
3. Compreender se há e como acontece o Empoderamento feminino das mulheres participantes da COOPFAM.
4. Produzir material audiovisual das sujeitas da pesquisa.

1.2 ESTRUTURA GERAL DA TESE

Com base no exposto, esta tese está estruturada em quatro fases e consta de cinco capítulos, conforme apresentado na figura 1. O Capítulo 1 inclui a introdução, a definição do problema e da problemática do estudo, os objetivos (geral e específicos) e a justificativa da pesquisa. No capítulo 2, consta o Referencial Teórico que auxiliou de forma integral na formação e constituição de toda a pesquisa. No capítulo 3, está a Metodologia, de como foi realizada a coleta de dados e a sua interpretação. Já no capítulo 4, está a Apresentação e a Interpretação dos Resultados de acordo com o referencial teórico e os dados coletados. Para finalizar, no capítulo 5, estão às Conclusões, as Limitações do estudo e sugestão de estudos futuros.

Figura 1 – Estrutura Geral da Tese



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2021)

CAPÍTULO 2

“O café é reponsabilidade minha, fiz as mudas e plantei” (Violeta, 2019).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta sessão visa apresentar a construção teórica que baseia e fundamenta esta tese. Inicialmente, procurou-se apresentar os principais conceitos, e características referentes à temática de gênero. Em seguida, aborda-se as relações de gênero na agricultura familiar e na cafeicultura mineira. Dando continuidade às abordagens teóricas, apresenta-se uma discussão envolvendo o Empoderamento na agricultura familiar e na cafeicultura.

2.1 ABORDAGENS CONCEITUAIS SOBRE GÊNERO

Para referenciar esta tese, busquei entender gênero como categoria analítica, com base nos aportes teóricos de Joan Scott (1989, 1990, 1994, 1995, 2005), quem conceitua gênero como sendo, “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.14).

A terminologia “gênero” teve suas primeiras discussões na segunda metade da década de 1970, com a finalidade de debater as relações entre o homem e a mulher com a sociedade, além de procurar desnaturalizar as desigualdades de gênero e a subordinação das mulheres em relação aos homens (TEDESCH, 2007). Neste mesmo sentido, gênero é uma ferramenta de desconstrução, também utilizado para distinguir categorias sociais. Sendo assim, gênero se refere às relações sociais que regem os sexos. Neste mesmo contexto, Scott (1995, p.72) diz que:

... as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. A referência à gramática é ao mesmo tempo explícita e plena de possibilidades não-examinadas”. “Na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados”. “A palavra indicava rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico (SCOTT, 1995, p.72).

Diante do exposto, a categoria de análise desta tese se baseia no termo gênero, tendo como base a denominação feita por Scott (1995, p. 11), segundo a qual “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distingue os sexos; o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder”. De maneira complementar Chant (1997, p. 19), afirma que o termo gênero possui “um conceito amplo, abrangendo as relações desiguais entre mulheres e homens, que são amenizadas e influenciadas por uma série de fatores como idade, geografia, meios de geração de riqueza, religiões e tradicionais normas ou políticas governamentais”.

A diferença entre os sexos em sua formação biológica, fez com que, ao longo da história da humanidade fossem definidos papéis de gênero, visto que defendia-se que “os corpos dos homens e mulheres, por serem natural, biológica e anatomicamente diferentes, resultam em características psicológicas, sociais e comportamentais diferenciadas” (TILIO, 2014, p. 128). Logo, como é expressivamente defendido pelas lutas feministas, repensar estes papéis se torna, na atualidade, uma necessidade.

Desta forma, “gênero é um campo primeiro no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”, e, tendo relação com as definições normativas da feminilidade, “gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções culturais’ à criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p. 88, 75). As questões de gênero, vale destacar, embora tenham seu processo de construção estabelecido através dos laços sanguíneos, não são, necessariamente, construídas de forma semelhante dentro das organizações, na economia, na política e na sociedade como um todo, atuando de forma independente do parentesco.

Numa outra perspectiva, Louro (1997), introduz sua definição sobre gênero, com base na chamada “segunda onda” dos movimentos feministas, que teve início no final da década de 1960 e ganhou destaque ao se debruçar sobre os problemas políticos e sociais das mulheres, de modo a criar uma base analítica para se definir gênero. Sendo assim, entende-se porque “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito inclusive como sujeito da ciência” (LOURO, 1997, p. 17).

Naquela época, questionar, debater e romper a barreira da invisibilidade da mulher foi fundamental, visto que os espaços domésticos eram um ambiente majoritariamente feminino, sendo os espaços públicos dominados por homens, até o momento em que as mulheres começaram a romper esses espaços e ocupá-los. Levando isso em consideração, Louro (1997,

p. 17) defende a ideia de que “desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais”. Como afirma Scott (1995, p.73) “‘gênero’ era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares”.

Nicholson (2000, p. 10), por outro lado, defende em seu texto *Interpretando o Gênero*, a ideia de que “gênero tem suas raízes na junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental moderno: a da base material de identidade e da construção social do caráter humano”. retirar espaço Como referido anteriormente, numa primeira fase, o que prevalecia de pensamento em relação ao gênero era a diferença biológica entre feminino e masculino e a palavra que melhor definia gênero, nesse contexto, era “sexo”.

A segunda etapa teve como base as questões do feminismo: “as feministas do final dos anos 60 se valeram da ideia da construção social do caráter humano para minar o poder desse conceito” (NICHOLSON, 2000, p. 10). A partir de então, as feministas entenderam a prevalência das diferenças sociais entre a mulher e o homem que envolviam personalidade e o comportamento, não sendo, portanto, algo preestabelecido pela condição genética. Nesse sentido, é importante enfatizar que:

De um lado, o ‘gênero’ foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a “sexo” para descrever o que a socialmente construído, em oposição ao que a biologicamente dado. Aqui, ‘gênero’ é tipicamente pensado como referência a personalidade e comportamento, não ao corpo; ‘gênero’ e ‘sexo’ são, portanto, compreendidos como distintos. De outro lado, ‘gênero’ tem sido cada vez mais usado como referenda a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos ‘femininos’ de corpos ‘masculinos’. (NICHOLSON, 2000, p. 9).

Entende-se, deste modo, na visão de Scott (1995, p. 75) “sua utilização recente mais simples, ‘gênero’ é sinônimo de ‘mulheres’ ”. Visando reconhecer politicamente esse campo de pesquisa:

O termo ‘gênero’ não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo ‘história das mulheres’ proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, **o termo ‘gênero’ inclui as mulheres, sem lhes nomear**, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. **Esse uso do termo ‘gênero’ constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80.** (SCOTT, 1995, p. 75, grifos nossos).

No debate que vem sendo construído sobre gênero, principalmente no meio rural, observa-se como uma demonstração de resistência e de rompimento das normas antigas, da dominação dos homens sobre as mulheres, uma busca de condições de tomada de decisão feminina, para definir quais caminhos seguir. Estas mulheres buscam, além de exercerem seus diferentes papéis através de um novo aspecto, o envolvimento dos homens nestas transformações de paradigmas (SCHAAF, 2003). Neste mesmo sentido, Ramos (2014, p. 36) defende que “as dessemelhanças de gênero na zona rural brasileira se inscrevem num conjugado de outras desigualdades sociais, que são consideradas por vezes pela sociedade irrelevantes, no que tange à vida cotidiana das mulheres”. Neste contexto, vale ressaltar que as discussões sobre gênero perpassam os caminhos do simbolismo histórico, como diz (Machado, 1998);

Os estudos de gênero reivindicam radicalmente o simbólico, no sentido forte da simbolização como englobante do cultural, social e econômico e da simbolização como o não biológico, como o não natural, isto é, o social pensado na sua antinomia com o biológico. Trata-se da construção de um paradigma que reivindica, radicalmente, o caráter simbólico das relações de gênero e que aponta tanto para uma diferenciação quanto para uma indiferenciação, para um número qualquer de gêneros e para a instabilidade de quaisquer caracterizações (MACHADO, 1998. p.112).

Dessa forma, é importante destacar a importância de debater os papéis que as mulheres rurais desempenharam ao longo da história, os quais as colocam como sendo as responsáveis por cuidar do lar e da família. Na visão de Carneiro (1994), as mulheres rurais são trabalhadoras-mães e trabalhadoras-esposas, possuindo várias identidades, exigindo, através das lutas dos movimentos feministas, o reconhecimento dos seus direitos econômico, social e político.

Nesse contexto, Carneiro (1994, p. 14) afirma que as identidades referentes à mulher rural “é do produto desses dois fatores, o de pertencer ao gênero feminino e o de ocupar uma posição determinada na estrutura socioeconômica que resulta a identidade, ou melhor, as identidades múltiplas da mulher rural”.

Outra questão importante a ser debatida é a invisibilidade dos trabalhos das mulheres rurais, os quais são desenvolvidos em longas jornadas diárias. Geralmente, elas cuidam da casa, das crianças, da preparação dos alimentos, de idosos doentes, pequenos animais, de hortas, do quintal, produzem alimentos processados como doces, queijos, bolos, compotas, dentre outros, para o consumo interno e, muitas vezes, para serem vendidos em feiras,

trabalham também no cuidado do jardim e do pomar bem como trabalham no campo, na lavoura e em todos os afazeres da propriedade (RAMOS, 2014).

Esse tipo de trabalho não é reconhecido como um trabalho produtivo, mas, sim, como trabalho reprodutivo, sendo considerado apenas como uma ajuda ao homem, chefe da família (SOUSA e GUEDES, 2016). Como a comercialização costuma ser de responsabilidade masculina, o dinheiro que entra na casa geralmente é considerado de propriedade do homem. Logo, o trabalho feminino é desvalorizado.

2.2 GÊNERO E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO MEIO RURAL

Torna-se imperativo discutir os direitos das mulheres, os espaços que elas ocupam tanto em instância privada quanto pública, os papéis que normalmente homens e mulheres desenvolvem nas famílias e dentro das organizações, visto que, historicamente, o trabalho masculino é valorizado e remunerado enquanto o trabalho doméstico da mulher é considerado algo voluntário, altruísta, sem esforço e que não necessita ser remunerado e ou valorizado. Para Luz e Casagrande (2016, p. 9).

Dividir, separar, hierarquizar e desvalorizar são ações que se agregam para possibilitar a exploração do trabalho e a distribuição desigual das riquezas no mundo. A divisão sexual do trabalho historicamente separou e hierarquizou trabalhos: atividades masculinas foram associadas ao espaço público – a política, a ciência, a tecnologia, a economia, dentre outras – e passaram a ser mais valorizadas, a resplandecer mais e a receber maior reconhecimento e poder; por outro lado, atividades femininas foram associadas ao espaço privado – as atividades domésticas e o cuidado humano, dentre outras – e passaram a ser desprestigiadas, desacreditadas, consideradas não-científicas e até mesmo não-intelectuais, como se isto fosse possível (LUZ; CASAGRANDE, 2016, p. 9).

A divisão sexual do trabalho teve suas origens no início do século XIX, quando mulheres e homens desempenhavam diferentes papéis. Havendo esta dicotomia de papéis, a divisão sexual foi instaurada e perpetuada nos espaços de trabalho. Com direitos e deveres desiguais, as mulheres acabavam ficando numa situação de vulnerabilidade e limitação profissional em relação aos homens e à sociedade (SOUSA; GUEDES, 2016).

Desse modo, dentro das cooperativas, assim como em outras organizações, a divisão sexual do trabalho é baseada nos papéis que mulheres e homens desempenham na sociedade e/ou nasceram para desempenhar, logo, os papéis são socialmente atribuídos. No entanto, a participação das mulheres ainda é muito tímida em relação à participação dos homens (LIMA, 2012). Por isso, romper barreiras de gênero em relação ao trabalho é o desafio das mulheres

dentro das cooperativas, “na e pela mediação da cooperativa e pela identidade cooperada, o trabalho, como prática social, confere visibilidade social e produção de novas formas de subjetividade às mulheres” (SALVARO; ESTEVAM; FELIPE, 2014, p. 399).

Deste modo, dentro das cooperativas, assim como em outras organizações, a divisão sexual do trabalho é baseada nos papéis que mulheres e homens desempenham na sociedade e/ou nasceram para desempenhar, os papéis são socialmente atribuídos. No entanto, a participação das mulheres ainda é muito tímida em relação à participação dos homens (LIMA, 2012). Romper barreiras de gênero em relação ao trabalho é o desafio das mulheres dentro das cooperativas, “na e pela mediação da cooperativa e pela identidade cooperada, o trabalho, como prática social, confere visibilidade social e produção de novas formas de subjetividade às mulheres” (SALVARO; ESTEVAM; FELIPE, 2014, p. 399).

Costa (2014) encontrou nos seus resultados de tese, trabalho desenvolvido em Alegrete, na região Oeste do Rio Grande do Sul, que a divisão tradicional do trabalho entre homem e mulher é muito presente no meio rural, afirmando que essa divisão;

Atribui ao homem às tarefas de manejo do gado e das atividades agropecuárias voltadas à comercialização, enquanto que à mulher são destinadas as tarefas de limpeza da casa, de produção e elaboração de alimentos e artesanatos, bem como o cuidado das crianças, idosos e enfermos. Muitas vezes, a mulher também atua nos trabalhos entendidos como “produtivos”, além dos trabalhos de “âmbito reprodutivo”, embora seu trabalho seja costumeiramente invisibilizado (COSTA, 2014, p. 128).

Na visão de Hirata (2015), com a globalização, as empresas foram se padronizando e trazendo novas visões sobre a divisão sexual do trabalho. Os homens, desse modo, tiveram maior facilidade em melhorar sua qualificação e atingir cargos de gestão, sendo que as mulheres, para conseguir cumprir às exigências do mercado, precisaram acumular funções e terem uma dupla jornada, sem falar da desigualdade de salários e o pouco acesso aos cargos de direção que possuem maiores salários.

Ainda sobre a divisão sexual do trabalho, segundo Paulilo (2016), é são considerados trabalhos da mulher, no meio rural, o serviço doméstico, o trabalho produtivo do lar e o fora do lar. O serviço doméstico inclui lavar e passar roupas, cozinhar e lavar a louça, organizar a casa, cuidar das crianças, costurar e, em alguns casos, buscar água e lenha; já o trabalho produtivo do lar inclui cuidados com a horta e os animais domésticos, enquanto o trabalho produtivo fora do lar refere-se às atividades realizadas nas áreas de campo.

Outro conceito importante para discutir a divisão sexual do trabalho no meio rural é a ideia de ‘trabalho leve’ e ‘trabalho pesado’. O ‘trabalho leve’ está sempre relacionado ao

feminino, e, por isso, obtém menor rentabilidade, mesmo a mulher trabalhando o mesmo número de horas que os homens, e exigindo muito esforço físico, já o ‘trabalho pesado’ está relacionado à figura masculina, já que exige maior esforço físico e, por isso, tem maior remuneração e prestígio (PAULILO, 2016). Assim sendo, em relação ao trabalho leve, a autora diz que, por ser considerado trabalho de homem, tem maior remuneração e prestígio. Mesmo que o trabalho seja pesado e cansativo como carregar água na cabeça por longas distâncias, se é considerado trabalho de mulher, é visto como leve e desvalorizado.

Para Paulilo (2016), o ‘trabalho leve’ é executado tanto pelas mulheres quanto pelas crianças, podendo ser estafante, moroso ou mesmo nocivo à saúde. Logo, o trabalho é considerado ‘leve’ pelo fato de ter “baixa remuneração, não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar” (PAULILO, 2016, p. 115).

Marcadamente no meio rural, a divisão sexual do trabalho atribuiu à mulher o trabalho reprodutivo, este identificado ao espaço privado. Por não ser expresso em valores monetários, o trabalho reprodutivo é considerado improdutivo e, conseqüentemente, o tempo e a energia que as mulheres do meio rural empregam para sua realização se tornam invisíveis, esquecidos e desvalorizados pela sociedade. Embora as mulheres participem ativamente do trabalho na agricultura propriamente dito, ele é um trabalho atribuído aos homens e, por ser expresso em valores monetários, é considerado produtivo (AGUIAR, 2016, p. 267).

De acordo com dados da ONU MULHER (2019), houve uma redução de quase 16% espaço na pobreza entre 2002 e 2014, sendo que as mulheres foram às menos beneficiadas já que a porcentagem de mulheres de 20 a 59 anos vivendo em famílias pobres aumentou em relação aos homens da mesma faixa etária. Alguns fatores podem explicar essa realidade, como as menores taxas de emprego ofertados para elas em relação aos homens, os menores benefícios de proteção social e as mudanças profundas na dinâmica familiar, como o relativo aumento de mães solteiras (esse público estava, nos anos 2002 e 2014, entre as famílias mais pobres em relação a outros modelos de famílias).

No contexto da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, o primeiro objetivo é promover a erradicação da pobreza, de todas as formas e em todas as partes do mundo até o referido ano. Por isso, foram elencados sete metas de combate à pobreza para serem seguidas por todos os países: 1) erradicar a pobreza extrema para todas as pessoas do mundo (atualmente é considerado pobre quem vive com menos de US\$ 1,25 por dia); 2) reduzir pelo menos à metade a proporção de homens, mulheres e crianças, de todas as idades, que vivem na pobreza; 3) implementar, em nível nacional, medidas e sistemas de proteção social apropriados para todos; 4) garantir que todos os homens e mulheres, particularmente os

pobres e vulneráveis, tenham direitos iguais aos recursos econômicos; 5) construir a resiliência dos pobres e daqueles em situação de vulnerabilidade, e reduzir a exposição e vulnerabilidade deles a eventos extremos relacionados com o clima e outros choques e desastres econômicos, sociais e ambientais; 6) garantir uma mobilização significativa de recursos a partir de uma variedade de fontes; e, por fim, 7) criar marcos políticos sólidos, em níveis nacional, regional e internacional, com base em estratégias de desenvolvimento a favor dos pobres e sensíveis a gênero (ONU Brasil, 2015, *on line*).

Sob tal ótica, um ponto importante a ser discutido sobre as mulheres é a questão da pobreza. Segundo Marcela Lagarde, “a ‘pobreza de gênero’ é produto da dominação e opressão de gênero: o gênero feminino é aquele que mais trabalha, recebe menor retribuição pessoal por seu trabalho, e enfrenta mais impedimentos e limitações para alcançar riqueza social” (LAGARDE, 1996, p. 170).

2.3 GÊNERO, COOPERATIVISMO E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A Aliança Cooperativa Internacional define cooperativas como a união de pessoas que se associam de forma democrática com necessidades e objetivos em comum, com o princípio básico “um membro, um voto”, sendo os(as) associados(as) com direitos iguais de voto, independentemente do capital investido. Nelas, as sobras são reinvestidas na cooperativa ou retorna a seus membros (ICA, 2019).

Segundo dados da Organização Nacional das Cooperativas (OCB, 2020), as cooperativas estão presentes em mais de cem países, possuem um bilhão de pessoas associadas em 2,6 milhões de cooperativas espalhadas em todo o mundo. São sete princípios que as regem, os quais estão em vigor desde 1844: adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e interesse pela comunidade. São também sete os ramos de atuação: agropecuário, consumo, crédito, infraestrutura, saúde, trabalho, produção de bens e serviços e transporte.

Atualmente, existem três tipos de sociedades cooperativas, as de primeiro grau ou singular, que tem o objetivo de prestar serviço direto para seus associados; as de segundo grau ou central, que visam gerenciar as relações entre as cooperativas, sendo constituídas por no mínimo três cooperativas; e, por fim, as de terceiro grau ou confederações, que tem como objetivo organizar os serviços entre as cooperativas centrais ou federações (OCB, 2020).

No ano de 2018, a OCB fez uma pesquisa nas 2.951 cooperativas do Brasil sobre a distribuição por gênero dos empregados, sendo 52% homens e 48% mulheres em um total de 425,3 mil empregados nos sete ramos. No quadro de dirigentes, em 2016, o número de homens foi de 75%; em 2017, foi de 76% homens e 24% mulheres, e, em 2018, apenas 25% dos membros diretores eram mulheres. No quadro social, em 2014, o número de homens era de 67% contra 33% de mulheres, já em 2018 não houve mudança significativa, sendo 64% e 36% respectivamente. No quadro de funcionários contratados, 52% eram homens e 48% mulheres em 2018 (OCB, 2018). No perfil do quadro de dirigentes, no ano de 2018, existia uma maciça presença masculina com faixa etária entre 35 a 65 anos. Estes números demonstram a divisão sexual do trabalho nas organizações cooperativas presente nos setores administrativos e de gestão.

Conforme Macêdo Et Al (2004), algumas organizações favorecem os homens a chegarem a posições de gestão com maior facilidade e rapidez que as mulheres, considerando que essas posições demandam maior prestígio e poder, acontecendo, assim, uma exclusão das mulheres dos cargos de gerência. Para tanto, o conceito de exclusão foi definido por Sawaia (2001, p. 9) como;

[...] um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. **É um processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela.** Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, **devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social**, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema (SAWAIA, 2001, p. 9, grifos nossos).

A exclusão das mulheres dos vários setores da sociedade favorece as relações desiguais de poder entre elas e as mulheres, não sendo possível um desenvolvimento equitativo através de decisões compartilhadas. Nesse contexto, “a exclusão é mais que uma restrição da vida material, do econômico, é mais que uma restrição da vida subjetiva, do convívio com o outro, é uma exclusão do ser, do poder ser, do viver” (ROSA, 2014, p. 95).

Na visão de Simone de Beauvoir, na primeira versão da sua obra *O Segundo Sexo*, “a vontade masculina de expansão e domínio transformou a incapacidade feminina em maldição. O homem quis esgotar as novas possibilidades oferecidas pelas novas técnicas, apelou para uma mão-de-obra servil, reduziu seu semelhante à escravidão” (BEAUVOIR, 1970, p. 98).

Segundo dados de Brasil (2009), apenas a partir da década de noventa as cooperativas mundiais iniciaram um processo de olhar para as questões de gênero. Nesse contexto, foi criado, no Brasil, o Departamento de Cooperativismo e Associativismo Rural – Denacoop, o

qual visa “promover a incorporação do componente gênero como política pública, apoiando ações de capacitação, divulgação, geração de renda e organização cooperativista e associativista com base no desenvolvimento sustentável” (BRASIL, 2009, p. 9).

Seguindo esta proposta, no ano de 2008, foi realizado em Brasília o I Fórum Nacional de Gênero, Cooperativismo e Associativismo, e a II Exposição de Produtos e Serviços Cooperativos, destacando as cooperativas de mulheres (BRASIL, 2009). Há muito pouco tempo, portanto, o sistema cooperativo despertou para as necessidades das mulheres como sujeitas de todo o processo de construção das organizações cooperativas.

Em estudos feitos por Baldissarelli et al. (2018), foi observado que as mulheres vêm conquistando seus espaços nas cooperativas, porém não está havendo concessões por parte das organizações: “as cooperativas são organizações dinâmicas nas quais interagem homens e mulheres das mais distintas profissões e setores da economia. Embora seja um ambiente majoritariamente masculino, as mulheres estão conquistando espaços, voz, voto e cargos de comando” (BALDISSARELLI et al., 2018, p. 92).

No mundo, existem cerca de 1,2 milhão de cooperativas agropecuárias. No Brasil, no ano de 2019, elas tinham mais de um milhão de associados em 1.613 cooperativas, gerando 209.778 mil empregos. Dentre estas, 18% só importam, 48% exportam e 34% importam e exportam. Em Minas Gerais, 16 cooperativas são internacionalizadas. No ano de 2018, em Minas Gerais, havia 193 cooperativas agropecuárias, somando 169.724 mil cooperados e gerando 15.790 mil empregos. Sendo assim, o cooperativismo agropecuário em Minas Gerais tem uma das maiores expressividades da região sudeste (OCEMG, 2019).

Para Schaaf (2003), o engajamento das mulheres em empreendimentos colaborativos faz com que ocorra um equilíbrio entre desejos de auto realização pessoal e profissional e os cuidados com a família. Um ponto importante que tem relação com a realização pessoal dessas mulheres está atrelado a continuar cuidando do outro. Essa troca de afeto, carinho e atenção, vale mencionar, é muito importante para seu engajamento e participação nos espaços coletivos.

Tratar das questões de gênero dentro dos espaços em que prevalece a cooperação, mas que não deixam de funcionar como espaços empresariais e competitivo, é sempre um desafio, uma vez que são poucos os trabalhos e as perspectivas teóricas realizados sobre esta questão.

Nesta perspectiva do trabalho das mulheres rurais, Lombardi (2009, p. 154), afirma que;

As estatísticas analisadas comprovaram que o lugar das mulheres no setor agropecuário continua sendo na produção para consumo próprio ou do grupo familiar e em atividades não remuneradas, majoritariamente desenvolvidas na unidade de produção familiar ou como ‘ajuda’ aos demais membros da família. As trabalhadoras ocupam-se principalmente na horticultura, floricultura e criação de pequenos animais, no próprio estabelecimento, e elas não costumam considerar essas atividades como trabalho, mas como uma extensão dos afazeres domésticos, uma vez que aquela produção se destina ao sustento da família (LOMBARDI, 2009, p. 154).

Alguns temas abordados pelos movimentos feministas do século XIX questionam o fato dos maiores níveis de pobreza serem entre as mulheres. Destarte, o movimento discute e busca igualdade de direitos e salarial, acesso à educação e à saúde e o reconhecimento de direitos referentes ao trabalho doméstico, dentre outros (CARRASCO, 2006). Vale ressaltar que as organizações cooperativas, ao longo dos anos, incentivam a manutenção dos espaços rurais e da agricultura familiar, promovendo, assim, identificações variadas entre a população e as cooperativas. Nessa perspectiva,

Evidencia-se um espaço rural com relevância estratégica na dimensão econômica, apresentando uma diversidade de atividades e potencialidades de encaixe no cenário global; com relevância política, no qual diferentes movimentos sociais propõem papéis a serem desempenhados pelo rural, sustentados pela organização de sua população; relevância na produção de sentidos que ressignificam as expectativas em relação às funções que o rural pode ocupar no futuro. (Guimarães et al., 2015 p. 392).

Nota-se que, para os autores, os espaços ocupados pelo rural são passíveis de modificações ao longo das décadas, fazendo com que a população precise se adaptar a todas estas transformações. Logo, fazer parte de organizações coletivas pode auxiliar neste processo.

2.4 TEORIA FEMINISTA: DESIGUALDADES SOCIAIS E DE GÊNERO

No século XVI, durante o dito antigo regime, as leis eram expressamente contrárias aos direitos das mulheres, carregando nas suas conjunturas a dominação masculina. Como Simone Beauvoir colocou em sua obra *Segundo Sexo*, “é no século XVI que se codificam as leis que se perpetuam durante todo o Antigo Regime; nessa época os costumes feudais já desapareceram totalmente e nada protege a mulher contra as pretensões dos homens que as querem prender ao lar doméstico” (BEAUVOIR, 1970, p. 125). O movimento feminista recebeu grande influência dessa escritora francesa, nascida em Paris no dia 9 de janeiro de 1908.

Em uma aula ofertada pela Universidade do Chile em 2019 sobre as correntes feministas, a professora Silvia Lamadrid Alvarez⁶ fala como o movimento feminista iniciou uma expressiva busca por direitos, a qual foi acentuada no século 19, na Europa e nos Estados Unidos da América, com o chamado Sufragismo⁷, movimento que reivindicou os direitos políticos e civis das mulheres, assim como os direitos sociais vinculados à maternidade. Nesse contexto, em 1928, as inglesas conquistaram o direito ao voto; em 1920, nos EUA, as mulheres podiam votar em todo o país; na França, elas puderam em 1945; na América Latina, o primeiro país a aprovar o voto feminino foi o Equador em 1929; no Uruguai, esse direito tornou-se realidade em 1932, no Chile foi em 1949 e, no Peru, em 1955, processo que dependeu das condições culturais, sociais e políticas de cada país. No Brasil, em 1932, no governo do Getúlio Vargas, foi conquistado o direito ao voto. Histórica e culturalmente, portanto, para que todos esses direitos pudessem ser conquistados, os movimentos feministas foram fundamentais.

Para Calás e Smircich (1999), as abordagens feministas são classificadas em sete diferentes enfoques: liberal, radical, psicanalítica, marxista, socialista, pós-estruturalista/pós-moderna e multicultural (terceiro-mundista ou pós-colonialista). Cada um deles apresenta diferentes formas de como abordar a desigualdade de gênero, apresentando diversos recursos para solucionar essa desigualdade.

A primeira abordagem é a Liberal, cuja origem remonta à teoria política do século XVIII e XIX, a qual defendia que os seres humanos eram autônomos e dotados de racionalidade e questionava o papel da mulher na sociedade, através da luta pela igualdade de oportunidades para homens e mulheres. O seu objetivo central, portanto, seria a equidade de gênero ou a “justiça de gênero”. Segundo este argumento, na sociedade em transição, “as mulheres não votavam, não podiam ter propriedade em seu nome e, com a transição de uma forma de produção econômica centrada no lar para uma economia industrial, foram gradativamente se tornando mais isoladas e dependentes economicamente” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 278).

A abordagem Radical tem seu início no final dos anos 60. Sua questão central incide na subordinação das mulheres em detrimentos dos homens, e o argumento defendido é o de

⁶ Socióloga pela P. Universidade Católica do Chile. Mestre em Ciências Sociais com foco em Sociologia da Modernização (1999, Universidade do Chile). Doutora em História com foco na História do Chile (2014, Universidade do Chile). Coordenadora do Núcleo de pesquisa ‘Género y Sociedad Julieta Kirkwood’, do departamento de Sociologia da U. do Chile.

⁷ Sufragismo foi um movimento do final do século XIX que foi liderado pelas mulheres que reivindicavam seus direitos ao voto.

que o sistema favorece a dominação masculina através do gênero. Essa abordagem, busca, além disso, construir uma sociedade livre da divisão sexual do trabalho e libertar as mulheres de seu “papel reprodutivo histórico” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 284).

A abordagem Psicanalítica teve como base as teorias psicanalíticas freudianas, e “em geral, o feminismo psicanalítico nega o determinismo biológico das interpretações psicanalíticas tradicionais de gêneros e sexualidade” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. espaço 289). Essa corrente se alinha com o discurso de Simone de Beauvoir, que afirmava que “não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade” (BEAUVOIR, 1970, p. 59).

Na linha Marxista, que teve início desde meados do século XIX, gênero e classe são tomados como sendo categorias sociais: “o pensamento feminista marxista analisa como as identidades são construídas por meio de práticas sociais como o trabalho, observando que poder e sexualidade estão entrelaçados nas relações de trabalho” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 292).

A teoria feminista Socialista, por sua vez, surge nos anos 70, numa tentativa de sintetizar os feminismos marxista, psicanalítico e radical. Essa linha de pensamento “pretende incorporar as virtudes de cada uma dessas correntes e, ao mesmo tempo, superar os seus limites. Em particular, essa visão teoriza o gênero dinamicamente, em termos processuais e materiais” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 293).

A sexta abordagem é a Pós-estruturalista/Pós-moderna, incluindo o feminismo francês, a corrente da teoria anglo-americana e a linha pós-moderna, permitindo “interseções mais complexas de gênero e outras categorias sociais, que tanto desconstroem posições analíticas tradicionais, quanto abrem espaço para diferentes engajamentos políticos que reconhecem relações assimétricas de poder entre aqueles que pretendem ser o “mesmo” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 301). De maneira análoga, Barrett e Lima (1999) fazem uma revisão de como o movimento feminista chegou nas discussões pós-estruturalistas/pós-modernas e como as ciências sociais trataram de explicar o mundo através da ‘estrutura social’, ‘papel’, ‘indivíduo’ ou ‘mercado de trabalho’ dos atores sociais:

Esses pós-estruturalistas oferecem uma análise crítica tanto da teoria social liberal dominante quanto da filosofia (incluindo a psicologia, as ciências políticas, etc.), mas talvez eles ataquem mais de perto os pressupostos do pensamento marxista e radical. Em particular, os pressupostos do materialismo e a consciência dependente da matéria e o domínio das relações econômicas foram dizimados [...]”. Uma segunda tese que merece ser notada é o desafio pós-estruturalista às suposições acerca da causalidade. O problema da causalidade é aqui ligado a críticas ao pensamento teleológico e à atribuição retrospectiva de poder epistemológico ao

passado [...]”. “Um terceiro elemento do pós-estruturalismo que tem uma implicação óbvia e crucial na relação entre palavras e coisas é a sua forma de abordar a linguagem. O pressuposto básico acerca da linguagem nas teorias social e feminista costumava ser o de que a linguagem era um veículo para a expressão de ideias [...]. (BARRETT e LIMA, 1999, p. 2-3).

A última corrente é a Terceiro Mundista /Pós-colonialista, que surgiu no início dos anos 70 trazendo uma problematização do conceito de gênero, questionando o feminismo ocidental, debatendo os aspectos de gênero em meio ao fenômeno da globalização, e demonstrando “as possibilidades de ação política e de pluralismo político dentro dos limites micropolíticos da via organizacional cotidiana” (CALÁS E SMIRCICH, 1999, 311).

Outra luta popular muito importante são os feminismos relacionados ao rural conhecido como feminismo camponês popular, visto que a luta das mulheres rurais é um movimento sobretudo em prol da vida, dos direitos políticos, econômicos, sendo assim “os movimentos tratam de ‘lutas’ sobre direitos e significados e politizam que não é político desafiando a arena política para estender os seus próprios limites e ampliaram a sua agenda” (SCHAAF, 2003, p. 440).

2.5 ANALIZANDO O EMPODERAMENTO

O termo Empoderamento, apesar de ter ganhado destaque em diferentes contextos nos últimos anos, tem significados distintos em variadas conjunturas socioculturais e políticas e não se traduz facilmente em todas as línguas. Dessa forma, discutir e buscar entendimento sobre este tema no contexto de gênero e no universo rural se torna um desafio pelo fato de poucos estudos incidirem nessa perspectiva.

Levando isso em consideração, vale mencionar que vários termos são utilizados para definir o Empoderamento, como: controle, poder, auto confiança, poder de escolha, vida digna, liberdade, valorização das capacidades individuais, luta, independência, tomada de decisão, despertar das capacidades, entre outros, que, obviamente, dependem do contexto analisado para serem precisados. Logo, “Empoderamento é relevante no nível individual e coletivo e pode ser econômico, social ou político”. (NARAYAN, 2002, p. 14).

Destaca-se, ainda, que, para Baquero (2006), o Empoderamento tem sua origem na Reforma Protestante, movimento que remonta à Alemanha do início do século XVI, cuja situação religiosa e econômica era de muita tensão, já que o auto clero criticava a alta dos impostos anunciada pelos políticos e a população questionava a necessidade dos numerosos dias santos que deveria estar na igreja e que, por isso, deixava de trabalhar. O início da

Reforma, em 31 de outubro de 1517, adveio do fato do monge Martinho Lutero afixar suas 95 teses na porta da catedral de Wittenberg e de apontar as falhas da igreja e seus abusos em relação à sociedade (VALENTIN, 2010, p. 61).

Na visão de Narayan (2002), o Empoderamento é importante para promover dignidade e qualidade de vida das pessoas, melhorar as formas de governabilidade de uma região, promover qualidade de vida da população carente e melhorar a prestação de serviço oferecido a determinada população através de políticas e projetos. Numa tentativa de melhor descrever o Empoderamento, Romano (2002) traz um estudo muito significativo para explicar onde ele atua:

Através do Empoderamento se busca conscientemente quebrar, eliminar as relações de dominação que sustentam a pobreza e a tirania, ambas fontes de privação das liberdades substantivas. Com o Empoderamento se procura combater a ordem naturalizada ou institucionalizada dessa dominação (seja ela pessoal, grupal, nacional, internacional; seja ela econômica, política, cultural ou social) para construir relações e ordens mais justas e equitativas. O Empoderamento implica em tomar partido (ou relembrando a antiga palavra de ordem: ‘compromisso’) pelos pobres e oprimidos e em estar preparado para lidar quase todo o tempo com conflitos (ROMANO, 2002, p.12).

Nesse mesmo contexto, os autores Villacorta e Rodríguez (2002) escrevem sobre o Empoderamento retratando o impacto das transformações sociais advindos dessas relações de poder.

O Empoderamento faz referência a produzir mudanças nas relações de poder que afetam negativamente o desenvolvimento da sociedade em seu conjunto e, em especial, aos setores sociais em desvantagem. Porém, a própria ideia de desvantagem é relativa em função da presença de outros setores sociais que detenham cotas maiores de poder em um determinado âmbito social. Assim, o Empoderamento da mulher é relativo ao poder que detenham os homens; o Empoderamento dos pobres é relativo ao poder dos ricos e dos setores médios; e o Empoderamento das etnias indígenas é relativo ao poder social dos mestiços (VILLACORTA; RODRÍGUEZ, 2002, p. 52).

Inicialmente, faz-se necessário conceituar o Empoderamento em três dimensões, de acordo com Baquero (2006), sendo três tipos: individual, organizacional e comunitário. Para melhor compreensão, no Quadro 1, esses tipos serão melhor descritos.

Quadro 1 – Dimensões do Empoderamento

Dimensões	Indicadores	Objetivos
Empoderamento Individual	Envolve questões de autoestima, autoconfiança, aceitação, afirmação.	Melhorar as condições de vida da pessoa, através do entendimento de quem ela é e como ela pode atuar em seus diferentes núcleos de relacionamentos.
Empoderamento Organizacional	Envolvimento nos diferentes níveis da organização, seja ele na gestão bem como em conselhos, secretarias, diretorias. - Tomada de decisão; - Planejamento; - Execução; - Implementação; - Assessoria; - Participação direta e indireta.	Melhoria da produtividade da organização, envolvimento da equipe, construção de rede de apoio, sistema de hierarquia menos robusta.
Empoderamento Comunitário e ou Coletivo	Tem uma variação em relação à aceitação do Empoderamento nas diferentes comunidades, vai depender do projeto e de como ele é executado. Existem dificuldades em relação à efetividade do Empoderamento, porém se ele for bem executado esses são os benefícios: - Empoderamento pessoal; -Evolução e continuidade dos grupos formados; -Criação de associações e organizações comunitárias; - Ação social e política.	Conquista e defesa dos direitos individuais e coletivos, interferências na condução de projetos e políticas.

Fonte: BAQUERO (2006)

De acordo com o Quadro 1, na dimensão organizacional, o Empoderamento é importante no saber delegar o poder para ser bem direcionado para a tomada de decisão, gerando, assim, autonomia e participação efetiva dos colaboradores nos diferentes níveis da organização. Na dimensão comunitária, o engajamento das pessoas nos projetos e ações é fundamental para a criação da compreensão sobre a problemática em discussão, por isso, seu objetivo é desenvolver competências para uma atuação política que busque o bem-estar e a melhoria de vida de todos os envolvidos. O Empoderamento individual, por sua vez, perpassa pelo aspecto cognitivo, levando em consideração que as pessoas tomam posse de seus próprios desejos, sonhos, objetivos, planos, desenvolvendo, assim, um pensamento crítico em relação à realidade em que estão inseridas (BAQUERO, 2006).

2.6 O EMPODERAMENTO E AS MULHERES DO CAFÉ

As informações do CENSO/IBGE do ano de 2006 sobre agricultura familiar estão desatualizadas, no entanto, essa é a fonte mais segura para a busca e a apreensão dos dados que serão aqui expostos. Neste censo, os estabelecimentos rurais identificados no Brasil foram de 4.367.902 milhões de agricultores familiares, representando 84,4% dos estabelecimentos rurais brasileiros, ocupando uma área de 80,25 milhões de hectares, ou seja, 24,3% da área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários brasileiros, onde produziam 38% do café (parcela constituída por 55% do tipo Robusta ou Conilon e 34% do Arábica) (IBGE, 2006). Estes dados demonstram a importância e relevância da agricultura familiar no Brasil e principalmente para o cultivo do café.

A cafeicultura em Minas Gerais tem importância social e econômica, sendo responsável, em vários municípios, pela manutenção da reprodução da agricultura familiar, uma vez que é expressiva a participação da mão de obra familiar neste tipo de cultivo. Historicamente, a criação de cooperativas agropecuárias no Brasil tinha foco na exportação, mas, com a crise dos anos 1920, o governo viu a necessidade de valorizar o pequeno produtor, sendo que uma das formas de escoar a sua produção era através das cooperativas agropecuárias. Nessa época, o café já era produto de destaque na economia nacional, por isso, organizar a produção em cooperativas se tornava muito viável para fortalecer a cafeicultura familiar (COSTA; JUNIOR; SILVA, 2015).

Segundo Taunay Affonso, na sua obra *História do Café no Brasil* do ano de 1939, o café é uma das mais importantes culturas comerciais tradicionais no Brasil. De acordo com a autora, “o Brasil é o café” (TAUNAY, 1939, p. espaço 16), visto que, já no ano de 1727, foram trazidas as primeiras mudas de café para o Brasil, sendo que as primeiras plantações aconteceram na região Norte, mais especificamente em Belém, e, em seguida, foram plantadas no Maranhão e na Bahia.

Entre os anos de 1800 e 1850, o plantio em outras regiões do Brasil foi experimentado, através das mudas que vieram da região do Pará para a região Sudeste, especificamente para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, locais onde o clima era muito favorável para o cultivo (TAUNAY, 1939). Nesse contexto, por volta dos anos de 1707, o plantio do café iniciou-se em Minas Gerais, e foi na região da Zona da Mata mineira que o café teve suas primeiras lavouras, como uma estratégia para substituir o ciclo do ouro, que estava em decadência. Desse modo, sua importância colonial foi inquestionável. Nos dias

atuais, vale ressaltar, essa notoriedade econômica e social continua muito expressiva (TAUNAY, 1939).

Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2019), o Brasil é considerado o país com maior produção e exportação de café do mundo. Em 2018, a modo de exemplificação, foram colhidas 61,66 milhões de sacas, um total de 35% da produção mundial. Em dez anos, a safra brasileira de café cresceu 56% no volume produzido, passando de 39,5 milhões de sacas, em 2009, para 61,66 milhões de sacas em 2018. O Brasil produziu, entre os anos de 2008 e 2017, a média de 32,38% de toda produção mundial de café sendo duas as qualidades de café cultivadas, o Café Arábica (*Coffea Arabica*) e o Conilon (*Coffea Canephora*), que se diferenciam em espécies, plantio, colheita e região plantada.

No Brasil, em 2019, a produção do café Arábica foi estimada entre 36,12 milhões e 38,16 milhões de sacas, e do café Conilon foi estimada entre 14,36 milhões e 16,33 milhões de sacas de 60 kg. No referido ano, o estado de Minas Gerais produziu entre 26,42 a 27,68 milhões de sacas e a região sul de Minas teve uma redução na produção com uma safra variando entre 14,49 milhões e 15,18 milhões de sacas (CONAB, 2019).

Este café vai para 128 países, sendo 40,6 milhões de saca (60kg) que geram uma receita cambial ao ano de US\$5,1 bilhões. No ano de 2019, as exportações cresceram 13,9% em relação a 2018, que foi de 35,6 milhões de sacas. A produção do Arábica foi de 34,30 milhões de sacas, e a de Conilon foi de cerca de 15,01 milhões de sacas colhidas (CONAB, 2019).

Os estados brasileiros responsáveis por 99,6% da produção nacional são (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Amazonas). Minas Gerais concentra a maior área do café arábica, com 1,21 milhão de hectares, correspondendo a 69,6% da área ocupada no Brasil. A safra gira em torno de 1,77 milhão de hectares ano (CONAB, 2019).

Considerando essas informações estatísticas da produção de café no Brasil e em Minas Gerais, pode ser observada a relevância econômica do café para o país. Exemplo disso é o “Café nas Montanhas”, nome dado ao café produzido na região sul do estado em um relevo acidentado, com baixa utilização de mecanização e uma concentração da produção nas mãos dos agricultores familiares (BREGAGNOLI; MONTEIRO, 2013).

Na definição do Café de Montanha, vários fatores foram levados em consideração para classificar uma região produtora, quais sejam as semelhanças físicas, culturais, sociais e econômicas, bem como a topografia, a altitude, a intensidade do uso do trabalho como fator

de produção, as dificuldades no uso de máquinas e equipamentos e a escala de produção dos cafeicultores (RUFINO et al., 2010). Outra característica dos produtores de café da Região sul de Minas, é a tendência dos produtores em se associarem às cooperativas (84%), independentemente do tamanho da propriedade. (CORDEIRO et al., 2010).

Portanto, as principais contribuições do referencial teórico tem relação com os autores que estudam gênero e suas nuances, a agricultura familiar e suas peculiaridade e, por fim, a teoria do Empoderamento feminino, em que estão incluídos os movimentos sociais feministas, o poder como dominação e como perpetuação da espécie, e o envolvimento das mulheres em busca de uma identidade em prol de se sentirem representadas dentro destes movimentos.

A partir de 1970, a temática do Empoderamento ganhou destaque através das agências de fomento, tanto governamentais quanto privada, dado que ela tem ligação direta com os movimentos sociais que buscam analisar e solucionar questões ligadas a gênero e raça (PEDINI e MACHADO, 2014), pautas que são do interesse tanto do âmbito público quando do privado.

Na visão de Bourdieu (2002), o poder das mulheres, de certa forma, se restringe ao poder dos homens. Nesse sentido, além do processo de compreensão sobre a distribuição do poder depender do tempo, seria necessário considerar que;

Por um lado, qualquer que seja sua posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo o que elas são e fazem, e está na própria base de um conjunto sistemático de diferenças homólogas: há algo em comum, apesar da enormidade da distância, entre a mulher [da diretoria] que, para ter a força de enfrentar a tensão ligada ao exercício do poder sobre os homens ou ao meio masculino, tem que se massagear a cada manhã, e a mulher [operária] da metalurgia, que tem que buscar na solidariedade das "companheiras" um conforto contra as provações ligadas ao trabalho em meio masculino, como o assédio sexual ou, simplesmente, a degradação da própria imagem e da autoestima infringidas pela feura e sujeira impostas pelas condições de trabalho (BOURDIEU, 2002, p. 111).

O autor revela ainda que os sentimentos envolvendo o dominante e o dominado varia, sendo que o poder simbólico desempenhado pelo dominante gera no dominado, em muitos casos, o desenvolvimento de sintomas físicos, que podem ser acentuados pelo sentimento de vergonha e culpa (BOURDIEU, 2002).

Além disso, Bourdieu (2002, p. 8) retrata a questão da dominação como algo que precisa ser debatido pelo Estado em todos os setores da sociedade, como nas escolas e organizações, deixando claro que existe a “relação de força material e simbólica entre os

sexos”, e evidenciando que as lutas feministas pelo reconhecimento dos seus direitos são fundamentais para combater todo e qualquer tipo de dominação. No trecho transcrito a continuação, o autor escreve sobre a ordem social que leva à manutenção de uma sociedade embasada na valorização do masculino:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2002, p. 18).

Em um sentido mais amplo e mais profundo, vale ressaltar que, ao longo dos séculos, as diferenças biológicas foram determinantes para diferenciar o feminino e o masculino, como afirma o sociólogo:

A diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2002, p. 18).

No que se relaciona às questões que envolvem o poder, segundo Bourdieu (2002, p. 52), “o poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder”.

Em várias regiões do Brasil, a mulher do meio rural desenvolve trabalhos e atividades variadas. Nos últimos anos, objetivando entender essa temática, vários estudos foram desenvolvidos dando enfoque ao Empoderamento das mulheres rurais. Autores como Conte e Weschenfelder (2012), por exemplo, estudaram o Movimento de Mulheres Camponesas do Rio Grande do Sul (MMC/RS), abordando as questões de liberdade, resistência e Empoderamento, e puderam concluir que as lutas dessas mulheres vão do âmbito privado ao público, podendo realizar transformações positivas na região, através das suas lutas e da resistência.

Corroborando esse estudo, Andersson (2015, p. 176), em sua tese sobre o Empoderamento das Mulheres Agricultoras e a Agroecologia, fez algumas observações relevantes, segundo as quais;

Na ausência dos maridos ou quando eles trabalham fora, são elas que assumem a frente dos espaços produtivos (lavoura e mercados), bem como as tarefas da casa; assim, conclui que “os processos de Empoderamento, tanto individual, como

coletivo e político se dão em formas e níveis diferentes nos municípios estudados” (ANDERSSON, 2015, p. 176).

Apesar disso, o Empoderamento ainda se expressa de forma tênue, sendo reflexo da recente caminhada das mulheres agricultoras nesta direção. Neste estudo, foi observado que o processo de Empoderamento aconteceu, também, pela inserção das mulheres nos processos de produção e de comercialização. Outra constatação do estudo foi que “interlocutoras assumiram novos espaços em razão do afastamento dos esposos das atividades atinentes à produção, fato que, em maior ou menor grau, potencializou a inserção delas na produção de base ecológica”. (ANDERSSON, 2015, p. 176).

Ainda na visão de Andersson (2015), o trabalho da mulher no meio rural perpassa a tradicional visão de que elas são simplesmente ajudantes, embora elas sejam protagonistas na tomada de decisão e no desenvolvimento das atividades nos espaços familiares e coletivos. Sob tal ótica, o feminismo e as lutas destas mulheres fortalecem os espaços de luta e voz, demonstrando a força que os grupos podem representar na sociedade.

Nesse âmbito, vale mencionar que as conquistas alcançadas pelas mulheres fazem com que elas tenham um aumento de autoestima e de autoconfiança, contribuindo, assim, para as futuras relações e para o processo de Empoderamento destas e das próximas gerações. Sendo assim, quando a mulher se coloca como o eixo que liga a família, com seu papel reprodutivo, educacional e seu comprometimento com as atividades domésticas, “as possibilidades de Empoderamento sob a dimensão social e política são mínimas, pelo fato de não existirem mecanismos de organização e construção de espaços coletivos” (OSÓRIO HERNÁNDEZ, 2009, p. 2018).

Em estudo feito por Melo (2003) no município de Afogados do Ingazeira – PE, é retratado que o posicionamento das mulheres agricultoras dentro da constituição familiar acarreta em mudanças e transformações relevantes, bem como inserir os afazeres domésticos como tarefa para os meninos, possibilitando, assim, uma conscientização dos papéis femininos e masculinos. Nesse contexto, vale referir que são as mulheres agricultoras uma das grandes responsáveis pelo acompanhamento dos filhos no desenvolvimento escolar e no gerenciamento da economia doméstica das residências. Em contrapartida, os afazeres das mulheres na lavoura são vistos apenas como uma simples ajuda, sendo considerado invisível.

Ainda na visão de Melo (2003), nessa região de Pernambuco, dentre as famílias pesquisadas, a participação das mulheres em sindicatos e associações vem proporcionando mudanças nas relações de gênero. No entanto, ainda existe a necessidade de políticas públicas

específicas serem desenvolvidas para este público, uma vez que as existentes não conseguiram promover a inclusão das mulheres de forma efetiva.

Com relação à importância da região sul de Minas na produção de café, vale destacar que, nela, o café é o “carro chefe” das propriedades, onde vários agricultores se organizam em cooperativas e associações com o intuito de agregar valor a seu produto e, dessa forma, se tornarem mais competitivos e alcancarem o mercado nacional e internacional. (SILVEIRA e MARQUES, 2009).

Em estudos feitos por Silveira e Marques (2009) na região de Poço Fundo, onde se localiza a cooperativa estudada, vem sendo observado um aumento considerável do interesse do agricultor familiar pela plantação de alimentos orgânicos, dentre estes estão o café. Esses autores observaram que a agricultura familiar em Poço Fundo recebe incentivos do município e do estado para a produção de orgânicos, ocorrendo, assim, um fortalecimento da agricultura familiar orgânica local.

Vale ressaltar que, em estudos feitos por Engel, Almeida e Depont (2017, p. 78) sobre agricultores familiares organizados em cooperativas, pôde ser observado que “a agricultura familiar tem se readaptado a novos formatos e encontrou no cooperativismo uma estratégia de sobrevivência e crescimento, principalmente, levando em conta o mercado globalizado e competitivo que se tem na contemporaneidade”. Destaca-se ainda, que “os produtores organizados em cooperativa possuem mais força no mercado e também para reivindicar, do governo, recursos financeiros” (ENGEL; ALMEIDA; DEPONT, 2017, p. 78). Sendo assim, as cooperativas são aliadas dos agricultores familiares e a união fortalece estas pessoas.

Pensando em termos conceituais e introdutórios, a agricultura familiar possui características e configurações particulares, com a gestão e a mão de obra vindo da família, dentro das propriedades. A Lei nº 11.326, de julho de 2006, define a Política Nacional da Agricultura Familiar e os critérios para identificação desses atores, estabelecendo quatro características gerais que reconhecem um agricultor como familiar e empreendedor familiar rural, sendo elas:

- 1) Não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- 2) Utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- 3) Tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; e
- 4) Dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006).

Na visão de Wanderley (2017, p. 69), “a agricultura familiar se tornou a categoria consagrada, capaz de abranger todas as formas de agricultura, baseadas na associação entre

trabalho, família e produção, bem como aquelas fundamentadas nos laços comunitários de natureza étnica”.

Numa visão complementar, Picolotto (2015) afirma que a agricultura familiar no Brasil possui três formas de valorização e reconhecimento. Primeiramente, pelo aumento de sua importância política através da formação de comitês e associações de produtores como a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG); em segundo lugar, pela criação da categoria em lei da Agricultura Familiar e de políticas públicas específica para esta categoria, e, por fim, pelo reconhecimento da importância deste modelo de agricultura, ressignificando o lugar de “atrasado, insignificante”, uma vez que a agricultura familiar no país é muito diversa, heterogênea e indispensável.

A década de 1990 foi o marco da entrada da agricultura familiar no vocabulário científico, apontando para um período de repensar toda uma dinâmica rural, com o objetivo de construir novas formas e caminhos para o desenvolvimento rural (ABRAMOVAY, 2007). São agricultores(as) que vêm lutando por sua permanência no meio rural, buscando sua adaptação em um ambiente em constantes transformações, procurando novos mercados e formas de sobreviver em meio a grandes latifúndios, promovendo ao longo dos anos várias rupturas sociais e econômicas. Pensar em agricultura familiar, portanto, é entender que existiram e existem vários movimentos de resistência e luta. É nesse contexto que Wanderley (2003, p. 58) assegura que;

O agricultor familiar não é um personagem passivo sem resistência diante de forças avassaladoras vindas de fora e de cima do seu universo. Pelo contrário, ele constrói sua própria história nesse emaranhado campo de forças que vem a ser a agricultura e o meio rural inseridos em uma sociedade moderna (WANDERLEY, 2003, p. 58).

Destaca-se, ainda, a questão da formação familiar, que é importante para que ocorra a manutenção e sobrevivência dos produtores no meio rural. Nesse sentido, Wanderley (2009, p. 41) afirma que “o adjetivo familiar” “visa somente reforçar as particularidades do funcionamento e da reprodução dessa forma social de produção, que decorrem da centralidade da família e da construção de seu patrimônio”.

Nessa perspectiva, é entendido que a família rural possui características próprias e podem ser assim designadas:

Por família rural entende-se a unidade que se reproduz em regime de economia familiar e que desenvolve qualquer processo biológico sobre um pedaço de terra, “situada” num território com determinadas características socioeconômicas, culturais e ambientais (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009, p. 48).

De acordo com esses autores, as pessoas que formam a família rural não necessariamente trabalham todas em tempo integral no estabelecimento, pois o complemento da renda total da família pode vir de diferentes fontes, como o trabalho assalariado, aposentadoria, dentre outros. Para Abramovay (2007, p. 15), existem duas características fundamentais que caracteriza a agricultura familiar:

A primeira delas é a combinação de rendas internas e externas ao estabelecimento, o qual, mesmo sob uma maior magnitude das rendas não agrícolas, continua tendo a gestão, a posse da terra e o trabalho realizado em seu interior organizados em base familiar. A segunda é a identificação das causas explicativas da vitalidade do mundo rural na mera decorrência do dinamismo emanado de economias urbanas (ABRAMOVAY, 2007, p. 15).

Para Brumer e Anjos (2008), a questão da sucessão familiar está a cada dia se tornando um problema de gênero nas famílias, dado que cultural e historicamente são os homens que assumem as propriedades, gerando, assim, um expressivo êxodo rural das mulheres para as cidades na busca de oportunidades e escolaridade, uma vez que elas são excluídas do direito de assumir a propriedade.

A crescente legitimidade social do êxodo da agricultura pela escolarização e acesso a outras profissões; a possibilidade do questionamento da autoridade paterna e materna ou ainda dos sogros, dadas pela aquisição de saberes técnicos e pelo acesso a políticas públicas parecem ser recursos a serem usados por filhas e filhos de agricultores no espaço familiar e em suas estratégias de reprodução (BRUMER e ANJOS, 2008, p. 15).

Reconhecer as peculiaridades e necessidades do agricultor familiar se torna ponto central para a criação de políticas voltadas para a manutenção destes atores. Desse modo, Wanderley (2009, p. 40) defende a ideia da diversidade da população e do universo rural de forma ampla: “esta gente sobrevive do que consegue plantar e colher, há um consenso de que a população que vive nas áreas rurais brasileiras é bastante diversificada, tomando como referência as formas de ocupação do espaço, as tradições acumuladas e as identidades afirmadas”. Estes agricultores se fortalecem e se unem para conseguir sobreviver e permanecer em suas terras, ou mesmo quando não as possuem.

É neste contexto da agricultura familiar marcado por resistência e luta por direitos que o trabalho da mulher rural precisa ser discutido, interpretado, categorizado e repensado. Para Carneiro (2001), o sistema patriarcal que sustenta o trabalho feminino dentro agricultura familiar faz com este trabalho seja visto e entendido como sendo parte de suas obrigações conjugais, não precisando ser estabelecido um contrato de trabalho formal e remunerado,

sendo assim, “ser agricultora não é uma profissão, mas um estatuto matrimonial” (CARNEIRO, 2001, p. 52).

Destaca-se, ainda, segundo Carneiro (1994), que as necessidades e reivindicações das mulheres produtoras da agricultura familiar ou trabalhadoras rurais assalariadas incidem no direito de acesso à terra, nas melhorias salariais e em uma política agrícola que possa proporcionar uma melhoria na qualidade de vida deste público.

No caso das mulheres rurais, existe uma necessidade maior, que é seu reconhecimento como agricultora, uma vez que, na maior parte do tempo, o trabalho destas mulheres é invisível, e “esse trabalho invisível é em geral identificado com as tarefas do lar, enquanto as atividades realizadas pelos homens se restringem ao trabalho fora da casa” (HEREDIA; CINTRÃO, 2006, p. 4). Essa invisibilidade da mulher no meio rural vem de processos históricos, com predomínio da exploração capitalista e da dominação patriarcal. Ou seja, estas relações de gênero são constituídas em um contexto de poder desigual (SANTOS, 2016).

De maneira complementar, Heredia e Cintrão (2006, p. 4), retratam um pouco deste cenário na agricultura familiar.

Na agricultura familiar, além do trabalho na casa, as mulheres participam do trabalho na agricultura e se responsabilizam pelo “quintal”, onde podem realizar atividades agrícolas (hortas, pequeno roçado para consumo, transformação de alimentos) e o trato dos animais, especialmente aqueles de pequeno porte destinados ao consumo direto da família. Estas atividades não são consideradas como trabalho porque não são contabilizadas em termos monetários. Com isto, também não é considerado como trabalho o esforço que demanda a sua realização, nem mesmo nos casos em que a existência desses produtos contribui como todos os outros, para conformar a renda da unidade familiar, seja via consumo direto ou via venda (HEREDIA; CINTRÃO, 2006, p. 4).

Analisando as considerações dos diversos autores aqui citados, quando se fala de trabalho rural referente às mulheres, esta categoria inclui as agricultoras familiares e as assalariadas rurais sem fazer as diferenciações necessárias e gerando, assim, a deficiência de dados oficiais referentes a este público (HEREDIA; CINTRÃO, 2006).

Além dos autores supracitados, Brumer e Anjos (2008) dizem que a exclusão da mulher na continuação da propriedade familiar é algo que agrava a permanência da mulher no meio rural, bem como dificulta o seu acesso à educação, ao desenvolvimento profissional, ~~acesso~~ ao crédito, aos meios de produção e às políticas públicas. Nessas discussões sobre as questões de gênero, em síntese, para falar da assimetria das interrelações dos sexos, o Empoderamento feminino é um ponto de partida.

CAPÍTULO 3

“Em momentos de muita dificuldade eu tive o apoio das minhas amiga. Eu sinto que isso é o valor do grupo” (IRES, 2019).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para delinear uma pesquisa, é necessário discernir a melhor forma de conduzir uma metodologia que possa responder às perguntas e atender os objetivos propostos. Por isso, nesta seção, apresento o desenho da pesquisa, o método empregado, as técnicas de coleta de dados e a sua forma de análise.

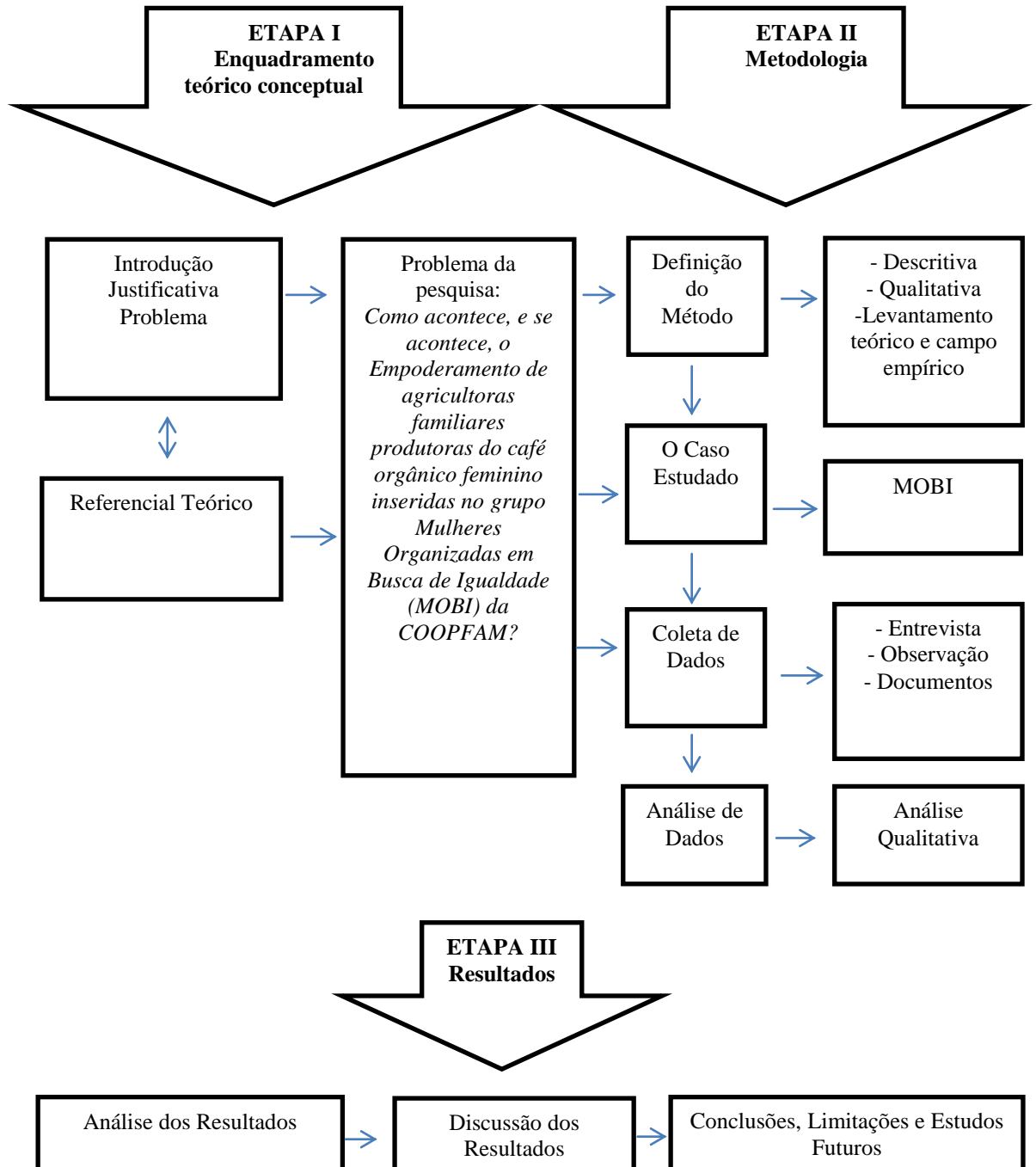
3.1 DESENHO DA PESQUISA

Na visão de Flick (2009), nas pesquisas qualitativas, não é muito comum a realização do desenho da pesquisa, visto que este é um passo mais habitual e característico nas pesquisas quantitativas. No entanto, como o desenho da pesquisa pode explicar de uma forma mais visual as suas etapas, é possível elaborá-lo em estudos de caso e de comparação.

O autor descreve, dessa forma, os pontos chaves para a elaboração de um desenho de pesquisa em estudo qualitativo, uma vez que partir de um componente básico pode melhor delimitar a pesquisa, além de definir apropriadamente o seu foco (FLICK, 2009).

Para melhor compreensão dos passos seguidos para a realização deste estudo, numa tentativa de melhor visualizar a forma de organização desta tese, foi escolhido organizá-la em três momentos assim denominadas: Etapa 1- introdução e objetivos; Etapa 2 - desenvolvimento e operacionalização da pesquisa; e, por fim, Etapa 3 - análise dos resultados e conclusão. Na figura 2, podem ser visualizadas estas etapas.

Figura 2 – Desenho da Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na Etapa I, além da apresentação da introdução, foram definidos a problemática, os objetivos que orientaram a pesquisa e a sua justificativa. A Etapa II contempla um detalhamento dos processos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do estudo e o método utilizado. A Etapa III consiste na última etapa do trabalho, que incide na análise dos resultados, assim como na discussão, das limitações e na proposição de estudos futuros.

3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA E MÉTODO ADOTADO

A realização do presente estudo buscou responder à seguinte questão da pesquisa: *Como acontece, e se acontece, o Empoderamento de agricultoras familiares produtoras do café orgânico feminino inseridas no grupo Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade (MOBI) da COOPFAM?*

Buscando explorar essa problemática, a abordagem adotada foi de corte qualitativo, com vista a potencializar o entendimento acerca do problema de pesquisa, assim como obter maior conhecimento dos aspectos que não podem ser facilmente observados e medidos de forma direta, tais como sentimentos, pensamentos, intenções e comportamentos (GIL, 2002).

A pesquisa qualitativa aprofunda a riqueza interpretativa, a contextualização do ambiente, os detalhes e as experiências únicas (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006), abordando temas dentro das ciências sociais que não podem ser quantificados. Além disso, engloba questões relacionadas aos significados, motivações, valores e atitudes, características humanas que precisam ser trabalhadas de uma forma mais interpretativa, entendendo a realidade social a partir das representações sociais (DESLANDES, 2009).

Nessa perspectiva, Denzin e Lincoln (2000, p. 3) definem a pesquisa qualitativa como sendo;

Uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que tornam o mundo visível. Estas práticas transformam o mundo. Elas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversações, fotografias, gravações e memórias. Neste nível a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa, naturalista do mundo. Isto significa que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em sua configuração natural, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas dão a eles (DENZIN; LINCOLN, 2000, p. 3).

Visando atingir o objetivo proposto - compreender se ocorre o processo de Empoderamento de mulheres rurais produtoras de café orgânico feminino de uma cooperativa de agricultores familiares em Poço Fundo – MG, bem como, compreender como o

Empoderamento acontece – desenvolveu-se a investigação através de um estudo de caso essa frase repete o que foi dito anteriormente. A respeito dessa escolha, Yin (2001, p. 19), afirma que “os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por quê”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

Ainda segundo Yin (2001, p. espaço 35), “o estudo de caso, como outras estratégias de pesquisa, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados”, sendo de suma importância para este tipo de estudo o uso da análise metodológica da pesquisa qualitativa. Desta forma “o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (YIN, 2001, p. 21). Assim sendo, no entendimento do autor “os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por quê”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (YIN, 2001, p. 19).

Na visão de Gil (2008), os pesquisadores sociais vêm utilizando de forma ampla o estudo de caso, que tem como propósitos explorar, descrever e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas. Já na visão de Yin (2001, p. 27), “o estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas”.

Dessa forma, o estudo de caso poderia ser utilizado quando o pesquisador fosse lidar com condições contextuais. Nas palavras de Yin (2001, p. 32), “essa primeira parte de nossa lógica de planejamento nos ajuda a entender os estudos de caso sem deixar de diferenciá-la de outras estratégias de pesquisa que já foram discutidas”. Além disso, cabe mencionar que para um estudo de caso único apresentar relevância, “o caso precisa se constituir em um evento raro ou exclusivo, ou se servir a um propósito revelador” (YIN, 2001, p. 67).

Esta pesquisa utilizou-se da observação participante, da entrevista semiestruturada, do diário de campo e da pesquisa documental. Portanto, este estudo foi executado em uma unidade única de análise, técnica que aborda o problema, o delineamento da pesquisa, a coleta e a análise de dados, a apresentação de resultados, e ainda acompanha todo o percurso da pesquisa.

Quadro 2 – Unidades de Análise

Unidades de análise	Categorização das unidades
Gênero	<ul style="list-style-type: none"> - Abordagens conceituais; - Divisão sexual do trabalho no meio rural; - Gênero, Cooperativismo e a divisão sexual do trabalho; - Gênero e o Empoderamento.
Empoderamento	<ul style="list-style-type: none"> - Empoderamento Feminino e as Mulheres Rurais; - Empoderamento Feminino e as Cooperativas de Café; - Empoderamento Econômico; - Empoderamento Organizacional; - Empoderamento Individual; - Empoderamento Coletivo e / ou Comunitário.
Agricultura Familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Agricultura familiar e suas nuances; - A Agricultura Familiar e as questões de gênero; - A Agricultura Familiar e as mulheres rurais; - A Cafeicultura Mineira e a agricultura familiar.

Fonte: Elaborado pela autora com base no referencial teórico (2021)

3.3 O CASO ESCOLHIDO

No contexto da agricultura familiar, é inquestionável a importância da participação feminina em seus diversos setores. No entanto, quando se pensa na inserção e inclusão das mulheres nos setores de produção, nas atividades remuneradas, nas organizações coletivas, nos setores financeiros e nas questões de equidade de gênero, muito se precisa caminhar para chegar em um modelo de igualdade de direitos. Para entender melhor esses processos, buscou-se uma cooperativa de agricultores familiares que desenvolvesse projetos para promover a inserção das mulheres agricultoras.

Uma busca inicial aconteceu em junho de 2018, primeiramente no site da OCEMG (Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais) para verificar quantas e quais eram as cooperativas produtoras de café do estado voltadas para a agricultura familiar. O segundo momento foi entrar em contato com essas cooperativas por e-mail com algumas perguntas (quantas mulheres cooperadas existem em sua cooperativa? Quais programas de inserção das mulheres vocês desenvolvem? Existe uma preocupação com a desigualdade de gênero na cooperativa?).

O terceiro momento se deu pela escolha da cooperativa que apresentou respostas positivas em relação às questões de gênero, através de contato por e-mail com todas as cooperativas de café do estado de Minas Gerais. Através de um breve questionário sobre as condições das políticas de inclusão de gênero, foram priorizadas as cooperativas de café afiliadas à OCEMG.

A Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região - COOPFAM foi selecionada para o estudo de caso por ter seus valores de formação na economia solidária, com destaque para o trabalho das mulheres, bem como a maneira como elas vêm se constituindo como sujeitos político e social nas cooperativas de café, e numa perspectiva rural. Além disso, são mulheres que se mobilizam e se articulam através de grupos de interesses para formar uma cooperativa justa e inclusiva, e organizam experiências produtivas e de comercialização em busca de melhores condições de vida.

Na década de 80, teve início um movimento dos (as) produtores(as) orgânicos(as) de Poço Fundo em prol da melhoria de vida da comunidade, juntamente com a Pastoral da Terra (movimento da Igreja Católica). Com a união dos (as) agricultores(as), em 1991 houve a criação da Associação dos Pequenos Produtores de Poço Fundo; em seguida por meio de muito trabalho e dedicação, aconteceu, em 1993, a certificação orgânica pela Associação de Agricultura Orgânica, e com uma demanda de acesso a novos mercados, foi fundada, em 2003, a Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região Ltda – COOPFAM.

O grupo Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade – MOBI teve início em 2006, sendo formado principalmente por agricultoras do café orgânico da COOPFAM. Em média, participam 30 mulheres, que buscam igualdade de direitos nas relações de gênero no meio social, familiar, organizacional e político.

Em 2012, foi o lançamento da linha Café Orgânico Feminino, que simbolizou a materialização de todo o trabalho dessas mulheres. Em 2018, aconteceu o lançamento da linha de Café Feminino Sustentável, com o objetivo de incluir mais mulheres que se dedicam à produção do café convencional. Já no ano seguinte, em 2019, teve início a Certificação Participativa do Café Feminino, uma proposta que tem sua fundamentação na Metodologia do Sistema Participativo de garantia da qualidade orgânica.

Ainda em 2019, o grupo era composto por treze cooperadas produtoras do café feminino orgânico, cinco cooperadas produtoras de café convencional, duas produtoras de café feminino sustentável e as demais desenvolviam outras atividades como o cultivo de flores orgânicas, e a confecção de artesanatos sustentáveis através do reaproveitamento de resíduos do café, como a palha e a borra.

No capítulo dos resultados, serão detalhadas a cooperativa estudada, as atividades do grupo de mulheres, sua formação, e as protagonistas que compõem o café orgânico feminino.

3.4 COLETA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Visando responder os objetivos propostos, foram utilizadas várias técnicas de coleta de dados, quais sejam, entrevistas semiestruturadas, observação participante, diário de campo e documentos.

Inicialmente, foi realizada uma ampla pesquisa bibliográfica objetivando reunir os principais trabalhos científicos e autores que viessem a compor o referencial teórico apresentado. Em seguida, realizou-se uma pesquisa documental em materiais disponibilizados pela Cooperativa e pelo grupo MOBI, como *folders*, websites, textos de jornais e revistas, encartes e atas.

A análise e a interpretação dos dados coletados pelas entrevistas semiestruturadas foram realizadas através do método de análise de conteúdo, técnica que se constitui por uma análise de informações sobre o comportamento humano, possibilitando uma aplicação bastante variada, e que conta com duas funções: verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos (MINAYO; SANCHES, 1993).

As entrevistas foram transcritas com a autorização dos respondentes (ver apêndice 1), para que ocorresse a análise de conteúdo. Assim, elas foram submetidas a sucessivas leituras de modo a identificar a presença de certos conteúdos, cujas características foram organizadas em categorias de respostas (BARDIN, 1977). As transcrições foram submetidas às fases de pré-análise, exploração, análise do material e interpretação. A respeito da análise de conteúdo, Bardin (1977, p. 31) afirma que ela “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

A amostra constituiu-se como não-probabilística intencional, ou seja, os elementos que a compõem foram escolhidos por uma estratégia adequada e possuem uma relação intencional com as características estabelecidas (KRUL; RHODEN; POYER, 2001).

Segundo Flick (2009), na maioria dos casos, a amostragem na pesquisa qualitativa não é orientada por uma seleção formal de uma parte da população existente ou suposta. Essa população é escolhida como forma de estabelecer informações deliberadamente selecionadas para se construir um *corpus* de exemplos empíricos com vistas a estudar o fenômeno de interesse da maneira mais construtiva (FLICK, 2009). Acreditar as pessoas a serem

entrevistadas no estudo de caso é, sem dúvida, uma maneira de administrar a diversidade (FLICK, 2009).

Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas com o uso de uma filmadora profissional, com consentimento prévio do(a) entrevistado(a), utilizando-se de um roteiro prévio de questões (Anexo B). Algumas dessas entrevistas, vale mencionar, aconteceram na pousada (localizada em Poço Fundo) e nas casas da(os) entrevistadas(os) ; outras estenderam-se para além da “sala de casa” ,ultrapassando o espaço doméstico e sendo realizadas junto aos espaços de produção, sobretudo a lavoura do café e o terreiro onde é feito a secagem do café.

Figura 3. Um dos Locais de realização das entrevistas



Fonte: Pesquisa de Campo (2019)

Através da coleta de dados, buscou-se alcançar os objetivos propostos com a utilização de várias técnicas: entrevistas semiestruturadas, observação não participante e análise de dados secundários (dados históricos), uma vez que, na visão de Engeström (1987), a utilização de métodos variados viabiliza a maior veracidade do conjunto de dados. Assim sendo, foram entrevistadas doze mulheres, com idades entre 19 e 65 anos, participantes da COOPFAM e do grupo MOBI, cujas entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com procedimentos da análise de conteúdo.

A respeito das entrevistas semiestruturadas, Triviños (2007) defende a ideia de que elas partem de certos questionamentos básicos, formulados tanto a partir do suporte teórico quanto de todas as informações coletadas sobre o fenômeno estudado. Segundo Flick (2009), as notas obtidas em entrevistas devem conter os elementos essenciais acerca das respostas dos entrevistados e informações sobre o andamento da entrevista. As entrevistas desta pesquisa,

cabe destacar, abordaram questões que representaram o mais próximo possível as categorias que a literatura sugere.

Visando manter o sigilo e a confidencialidade dos dados, as entrevistadas receberam nomes fictícios de flores de diversas variedades, já que o grupo trabalha com flores orgânicas e elas puderam ser vistas na maioria das residências visitadas nos espaços internos e externos das casas. A observação participante aconteceu em todos os momentos em que eu me reuni e/ou visitei as mulheres entrevistadas.

Segundo Flick (2009), a observação é uma estratégia de pesquisa em que o pesquisador analisa os aspectos de seu interesse, sob a perspectiva dos membros da comunidade, isto é, do caso estudado. Na visão de Lakatos e Maconi (2003, p. 190), “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações, e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

Na observação não participante, o pesquisador analisa o fato sem necessidade de intervir na realidade, “não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático” (LAKATOS; MARCONI 2003, p. 193).

Foi realizado um diário de campo, cujas notas foram redigidas após cada contato com o campo de pesquisa. Dessa forma, no final de cada dia de visita, escrito de forma cronológica e com riqueza de detalhes, foram registradas todas as vivências experienciadas ao longo do dia, os detalhes das estradas até a casa da entrevistada, como foi todo o dia de visita e os gestos da entrevistada durante a entrevista, como era organizada sua propriedade e o entorno dela. Enfim, tudo o que pudesse enriquecer a pesquisa foi colocado no diário.

O diário de campo também é utilizado como forma de organizar as tarefas e de ter um breve relatório descritivo das atividades, como comentários, reflexões, observações, insights e anotações que o pesquisador julga relevante. Este diário precisa ser escrito com calma e tempo para que nenhum detalhe se perca (LIMA; MIOTO; O DAL’PRA, 2007). Segundo Trivinos (1987), fazer anotações diárias das vivências do campo auxilia o pesquisador a ter mais clareza do problema investigado.

Por fim, foi realizada uma pesquisa documental cujos documentos, com o passar do tempo, tornaram-se importantes fontes de dados (GIL, 2002). Nesse sentido, foram utilizados

como fontes documentais estudos anteriores, histórico da Cooperativa, atas, reportagens, dentre outros.

Para definir o número de mulheres entrevistadas, foi utilizada a técnica de saturação, uma forma de se identificar o limite de participantes que pode ser definida como sendo “a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados” (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008, p. 17). Em outras palavras, novas participantes seriam desconsideradas da pesquisa quando não agregassem conhecimento do assunto escolhido ou esses assuntos se repetissem de forma demasiada.

A amostragem foi então definida com base no princípio da saturação de amostra, pois “é uma norma prática das abordagens qualitativas, considerar que o material construído no campo está suficiente quando se percebe que as ideias acerca das questões da pesquisa começam a se repetir” (GOMES et al., 2005).

Além das entrevistas com as mulheres que são do grupo MOBI e produzem café feminino, foram entrevistados dois homens que são cooperados; um deles, inclusive, é um dos fundadores da cooperativa e irmão de uma produtora do café feminino, a pioneira do café feminino. Entrevistei, também, a responsável pelo departamento de mulheres, jovens e idosos da cooperativa, que também foi uma das minhas informantes chave. Por fim, realizei conversas informais com responsáveis políticos da cidade e com colaboradores da certificação do café feminino, além de conversas com os maridos das produtoras.

Nesta investigação, foram utilizados os seguintes documentos, como é demonstrado no Quadro 3.

Quadro 3 – Documentos Utilizados

Fonte	Documentos
Grupo MOBI	Atas do Grupo MOBI anos de 2017, 2018 e 2019
Jornal de Poço Fundo	Textos do dia 06/03/ 2018
Jornal Desk Especial Mulher	Texto do dia 18/03/2019
Jornal Rede Moinho 24h	Texto do dia 21/11/2019 Matéria: Poço Fundo, o destino do café orgânico no sul de Minas.
Anuário do Cooperativismo Mineiro 2010	Texto da página 109 e 110
Jornal Página Rural 17 anos	Texto do dia 17/04/2019 Matéria: MG: mulheres impulsionam produção de café orgânico no sul de Minas Gerais, diz Mapa.
Revista C&O Agro	10/2019 Matéria: Produtora de café orgânico dá exemplo de liderança em cooperativa.

COOPFAM	Normas para certificação e comercialização do café feminino.
COOPFAM	Resultado da visita de verificação para certificação participativa do café feminino da COOPFAM.
COOPFAM	Questionário sobre a participação da mulher na cadeia produtiva do café.
COOPFAM	Roteiro para visita de verificação – certificação participativa do café feminino.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados do campo (2020)

A coleta de dados totalizou quinze idas ao campo em todas as etapas da pesquisa (contato inicial, reuniões, entrevistas e eventos), gerando um volume de informações de 144 horas de observação não participante e 60 horas e 30 minutos entre entrevistas e diálogos com informantes chaves. Isso totalizou 17 horas e 30 minutos de gravação das entrevistas, as quais foram transcritas e geraram 130 páginas de material, mais 30 páginas do diário de campo, além de 10 horas de gravação de vídeo para o material audiovisual e um total de 79 fotos (de um total de 150) profissionais editadas de todo o trabalho de campo, que foram utilizadas nas exposições.

CAPÍTULO 4

[...] me considero produtora de café e agricultora. Tudo que a gente vai fazer tem seus desafios, mas, no final, é tudo tranquilo. A gente já foi nascida e criada nesta área de trabalho rural [...] (FLORA, 2019).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

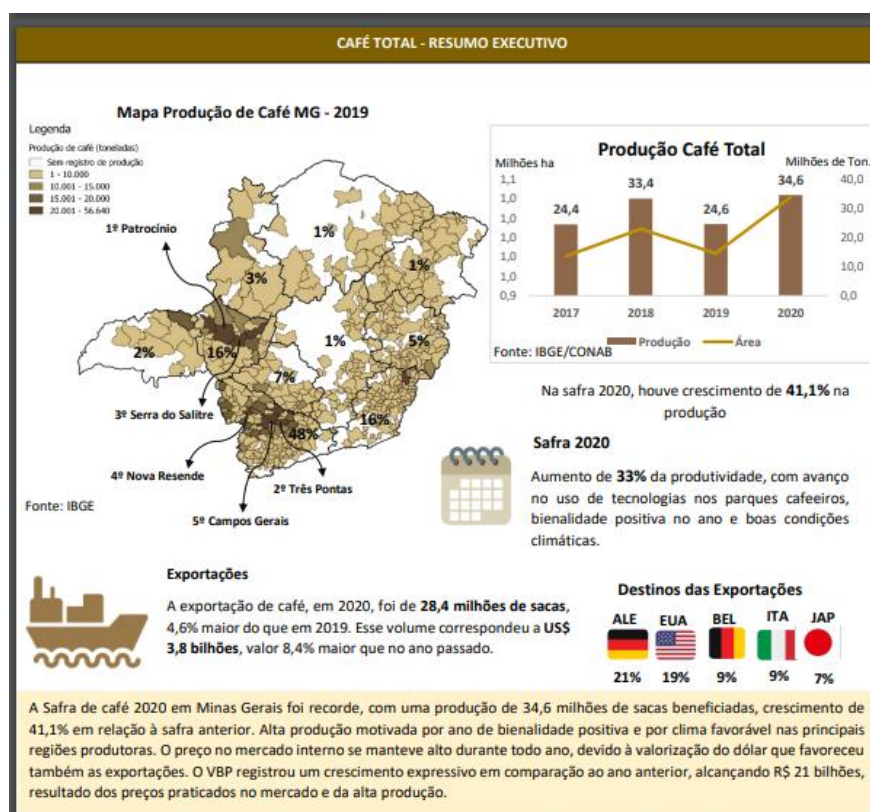
Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa, sendo abordada, inicialmente, uma análise do caso estudado e, posteriormente, uma análise detalhada do campo social pesquisado. Ao final da análise dos dados do caso, que se deu de forma qualitativa, é apresentada uma síntese dos principais aspectos evidenciados na pesquisa. A pesquisa qualitativa buscou seguir as orientações de Triviños (1987), Minayo (1996), Bardin (1977) e Yin (2001) para responder os objetivos definidos no estudo.

4.1 O CASO ESTUDADO

O interesse em estudar questões de gênero e do Empoderamento feminino em um grupo de mulheres que produzem café orgânico feminino vem desde o primeiro ano do doutorado, pelo fato do assunto ter relação com a minha história de vida e meus questionamentos sobre a não valorização do trabalho feminino em diversos setores da agricultura familiar, em particular em relação às cafeicultoras.

Segundo dados da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), Minas Gerais ocupa a primeira posição no ranking nacional de produção de café. No ano de 2020, por exemplo, a colheita foi de 34,65 milhões de sacas, com um crescimento de 41,1% em comparação ao total produzido em 2019. O café arábica é o mais cultivado, cerca de 90% do total (CONAB, 2020).

Figura 3 – Mapa da Região Pesquisada



Fonte: Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Seapa (2020).

A cooperativa estudada foi fundada na década de 80 através de reuniões entre produtores de café as quais aconteciam na Pastoral da Terra, vinculada à Igreja Católica e desenvolvida pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Essas reuniões tinham como objetivo melhorar a qualidade de vida dos agricultores da região de Poço Fundo – MG e o plantio e venda do café. Em 1991, com o objetivo de promover a cooperação no grupo e melhorar as condições de vida e trabalho dos agricultores, foi criada a Associação dos Pequenos Produtores da Comarca de Poço Fundo e Região.

A associação era constituída quase que exclusivamente por agricultores familiares do café, os quais, com as primeiras experiências da produção orgânica, conheceram, em 1996, na Alemanha, o *Fair Trade*⁸ e conquistaram, nos anos seguintes, as certificações de orgânico nacional e internacional. Em busca de novos mercados, eles se formalizaram em 2003 como COOPFAM - Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região Ltda.

⁸ O comércio justo surgiu na década de 1960, na Europa, com o objetivo de implementar práticas mais igualitárias aos produtores e promover preços mais equitativos, contribuindo para um desenvolvimento sustentável, e gerando, assim, melhores condições comerciais (CARY, 2004).

Atualmente, são mais de 500 famílias cooperadas distribuídas em cerca de 20 municípios em Minas Gerais. No ano de 2007, ocorreu sua primeira exportação e, em 2009, aconteceu a construção da unidade de processamento, torrefação e industrialização do café. Nos anos de 2012 e 2014, juntamente com as cooperadas que produziam café orgânico, foi lançado o café feminino, o qual, a título de curiosidade, foi selecionado para ser o café servido na Copa do Mundo FIFA 2014. O evento foi um grande sucesso para a divulgação do café feminino no mercado nacional e internacional. Na entrevista da Margarida (2019), ela menciona que foi a partir da Copa de 2014 que o Café Feminino começou a ser mais conhecido “foi depois do grupo MOBI, em 2010 começou a torrefação. Aí, na Copa foi que o café pegou fama, numa feira no Rio. Aí, vendeu na Copa de 2014”.

No ano de 2018, ocorreu o lançamento da marca Cadeia do Bem. Segundo dados da COOPFAM (2019), essa é uma cadeia que se baseia em ações transformadoras para as pessoas e para a comunidade, promovendo uma boa relação entre produção e consumo, objetivando alcançar a sustentabilidade e a qualidade de vida de todos os envolvidos.

Em síntese, a COOPFAM se apoia em quatro pilares, o café, o meio ambiente, a família e a comunidade. Formada majoritariamente por agricultores familiares, atualmente ela conta com uma média de 500 cooperados, que tem como princípios de trabalho a sustentabilidade, o respeito e a valorização das pessoas, contribuindo para o desenvolvimento local e regional dentro do *Fair Trade* e da Cadeia do Bem. A Cooperativa possui três linhas de café que se dividem entre orgânico e sustentável, são eles: o Microlote, Café Feminino e o Familiar (COOPFAM, 2019).

Quadro 4 – Linha do Tempo da Formação da COOPFAM

Ano	Trajectoria
1980	Crise do café na região, êxodo rural e forte aproximação dos produtores com a Comissão Pastoral da Terra ⁹ , início dos ideais de cooperação.
1991	Criação da Associação dos Pequenos Produtores de Poço Fundo com o objetivo de melhorar as relações comerciais dos produtores e, assim, melhorar as condições de vida das famílias. Primeira experiência de produção orgânica na Fazenda Jacarandá, localizada em Machado, cidade vizinha a Poço Fundo.
1996	Viagem de um associado para um congresso na Alemanha, conhecendo <i>Fair Trade</i> .
1997	Certificação Orgânica pela AAO (Associação de Agricultura Orgânica).
1998	Primeira associação a ter certificação do <i>Fair Trade</i> .
1999	Sede própria com secretaria e telefone. Certificação <i>BCS OKO Garantie e pela FLO</i> . Primeiras visitas de compradores de café orgânico.

⁹ A Comissão Pastoral da Terra (CPT) se configura como um órgão pertencente à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundada na ditadura militar. Ela tem como objetivo ajudar os produtores rurais a se fortalecerem e a se organizarem (PEDINI, 2011).

2000	Primeira venda de forma conjunta com uma grande cooperativa de café da região. Apresentação do trabalho dos agricultores na Conferência Internacional de Mercado Justo e Café Orgânico no Brasil (31 de março, 01 e 02 de abril de 2000, em Machado – MG).
2001	Venda internacional do primeiro lote de café orgânico, sendo 286 sacas no valor de R\$ 675,00 a saca.
2003	Em busca de uma organização que viabilizasse a venda do café orgânico e que pudesse ter uma ampliação do mercado consumidor em 16 de novembro de 2003, com um total de 20 cooperados, aconteceu a fundação da COOPFAM.
2004	Participação em um evento internacional do café na Itália, chamado de Terra Madre, organizado pelo movimento <i>Slow Food</i> , acontecendo, assim, uma aproximação da Cooperativa com compradores de café orgânico e da cadeia <i>Fair Trade</i> . Nesse contexto, possuíam 196 cooperados, sendo que 130 destes eram produtores orgânicos.
2005	Autorização para exportação e construção de galpão para armazenamento do café dos cooperados.
2007	Aquisição de equipamentos para beneficiamento do café e a primeira exportação direta.
2009	Construção da unidade de processamento vegetal constituído pela torrefação e industrialização do café.
2010	Recuperação da crise e criação da marca “Café Familiar da Terra”. A Cooperativa apresentava 293 famílias certificadas pela <i>FLO- Cert</i> .
2011	A COOPFAM ganhou a premiação “Exporta Sul Minas”.
2012	O café feminino é selecionado para ser exclusivamente servido na Copa do Mundo de Futebol de 2014.
2014	O Café Feminino ganha ainda mais visibilidade depois da Copa do Mundo de 2014.
2017	Construção do novo armazém da Cooperativa.
2018	Lançamento da nova marca da cooperativa “Cadeia do Bem”, com o objetivo de transformar ações e ideias de uma comunidade em busca da sustentabilidade.
2019	Início de uma gestão com a primeira mulher presidenta da história da cooperativa.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Pedini (2011); (Lima, 2016); COOPFAM (2019).

Sendo assim, a COOPFAM foi escolhida como um caso único, considerando ser relevante para a proposta do trabalho. O que chama atenção é o fato de apresentar uma linha de café produzido exclusivamente por mulheres associadas: o “café orgânico feminino”. Ou seja, a escolha dessa cooperativa justifica-se em função de seu histórico de atuação, do trabalho realizado na tentativa de promover a diminuição da desigualdade de gênero e das questões de representatividade do setor cooperativo.

Por tudo o que aqui foi dito, entende-se que a COOPFAM é referência em agricultura familiar, orgânica, solidária e agroecológica nos dezoito municípios em que atua os quais englobam a região produtora de Poço Fundo, Machado, Andradas, Campestre, Ouro Fino, Cambuí, Paraguaçu, Santa Rita do Sapucaí, São João da Mata, Silvanópolis, Natércia, Nepomuceno e Inconfidentes, todos situadas no sul de Minas Gerais.

Poço Fundo (2020) é um município que faz parte do Circuito Turístico de Minas Gerais e está localizado ao sul do estado. Fica a 395 km da capital Belo Horizonte, é cortado pela rodovia MG- 179 e é caracterizado por apresentar um clima tropical temperado e um relevo montanhoso, o que favorece a plantação do café de montanha, como poder ser observado na Figura 4.

Figura 4 – Mapa do Município Pesquisado



Fonte: Prefeitura de Poço Fundo (2020)

Segundo dados do IBGE (2019), o município de Poço Fundo foi fundado em 02 de abril de 1870, tem uma população de 16.791 pessoas, é delimitado pelos municípios de Machado, Espírito Santo do Dourado, São João da Mata, Carvalhópolis, Turvolândia, Campestre, Ipiuína e Caldas. Seu Produto Interno Bruto (PIB), em 2017, foi de R\$ 15.335 milhões. A população urbana e a rural correspondem a 15.959 pessoas, sendo que 6.678 moram no meio rural (IBGE, 2017). Os municípios que possuem produtores de café associados são Santa Rita do Sapucaí, São João da Mata, Silvanópolis, Natércia, Nepomuceno e Inconfidentes, todas situadas no sul de Minas Gerais (COOPFAM, 2018).

O projeto estudado em profundidade foi o grupo MOBI (Mulheres Organizadas em busca de Igualdade), que conta com a participação de trinta mulheres, as quais trabalham com a produção de rosas orgânicas, o HORTMOBI, a confecção de artesanato com a matéria prima da borra e palha do café, o café orgânico feminino e o café sustentável feminino.

De acordo com as informações da Cooperativa, assim como exposto no Quadro 5, ela possui as seguintes certificações: *BCS ÖKO-GARANTIE*, Produto Orgânico Brasil, *FAIRTRADE FLO-CERT* e Selo *SIPAF*, certificações brasileira e internacional. No Quadro 5, podem ser observadas características relevantes da organização pesquisada.

Quadro 5 – Características da COOPFAM

Características
<ul style="list-style-type: none"> - Foi fundada em 2003; - Apresenta 500 sócios espalhados em aproximadamente 20 municípios; - Possui 30 mulheres cooperadas; <p>Certificações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ <i>BCS Oko Garantie</i> é uma certificadora com sede em Nuremberg/Alemanha. ❖ Selo de produção Orgânica, o qual segue o regulamento brasileiro (Lei 10.831), que, desde 2011, é obrigatório para comercialização de quaisquer produtos orgânicos em abrangência nacional. ❖ Certificação de comércio justo <i>Fair trade</i> pela FLO (<i>Fair trade Labeling Organization</i>). Sediada na Alemanha, a FLO certifica organizações envolvidas em toda cadeia, da produção à comercialização, de diversos produtos ao redor do mundo. ❖ Selo SIPAF, que atesta que a produção é familiar. Este SIPAF (Selo de Identificação da Participação da Agricultura Familiar) é uma forma de identificar os produtores que utilizam de forma integral a mão de obra familiar, com a participação majoritária da agricultura familiar. ❖ Comercializa três tipos de cafés: ❖ Café Feminino, o café é 100% arábica, pode ser vendido torrado ou cru, produzido pelas mulheres cooperadas, pode ser encontrado o sustentável ou o orgânico; ❖ Café Microlote, que é 100% arábica. Pode ser vendido torrado ou cru. ❖ Café Familiar é 100% arábica, cultivado em terras de altitude superiores a 1.000 metros, pode ser encontrado na versão orgânica ou sustentável. ❖ Os produtores são 100% da agricultura familiar; ❖ O Café Familiar foi o primeiro a conquistar o selo <i>Fair Trade</i> em 1998. Atualmente, é exportado para 12 países; ❖ Os cafés são vendidos torrados ou <i>in natura</i>.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base nos dados da COOPFAM (2019)

Partindo dessa perspectiva, uma forma dos produtores poderem se inserir no Comércio Justo se dá através de organizações de agricultores como cooperativas e associações, onde as atividades possam proporcionar de forma sustentável benefícios sociais, econômicos e ambientais para os associados e para a comunidade, além de contribuir para a diminuição da desigualdade através de uma comercialização mais justa dos produtos. Os produtores organizados em cooperativas ou associação facilitam o suporte técnico e a logística, além de conseguirem uma melhor negociação para obter um preço justo e conseguir acesso a vários mercados (FAIR TRADE, 2012).

Em 2018, foi criada a nova marca da cooperativa, a “Cadeia do Bem”, que possuiu quatro pilares principais: o café, o meio ambiente, as famílias e a comunidade. Os projetos desenvolvidos para auxiliar esses quatro pilares são apresentados no Quadro 6 (COOPFAM, 2019).

Quadro 6 – Projetos Sociais Desenvolvidos pela COOPFAM de acordo com a “Cadeia do Bem”

Quatro pilares	Projetos sociais
O café	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Cafés Especiais; • Programa de Incentivo e Produção de Café Orgânico; • Projeto Crédito Fundiário para possibilitar o acesso à terra; • Projeto Pavimentação de Terreiros de Cafés; • Programa de Melhoria da assistência técnica para o produtor; • Programa de Conservação do Solo.
Meio Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> • Projeta Recicla <ul style="list-style-type: none"> – Construção de galpão de reciclagem para resíduos familiares. – Organização do grupo da Usina de Reciclagem. • Projeto Garantindo Água Boa: <ul style="list-style-type: none"> – Análise de água; – Construção de fossa ecológica; – Potabilidade da água: restauração de nascentes. • Construção de Barragens de Contenção de erosão. • Construção de ponto de coleta de lixo. • Projeto Piloto de restauração de água. • Análise de resíduos de agrotóxicos na água. • Aquisição de mudas de espécies nativas e frutíferas.
Comunidade	<p>Projeto Arca de Letras</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para facilitar o acesso à leitura fornecendo bibliotecas pequenas que são colocadas nas casas ou sedes de uso coletivo (associações comunitárias, pontos de cultura, igrejas), de acordo com a escolha da comunidade e disponibilidade dos agentes. • Projeto Unidos pela inclusão Social: reabilitação e inclusão social de jovens e crianças com deficiência. • Projeto Amadurecer: parceria COOPFAM com o Asilo Lar São Vicente de Paula. • Projeto inclusão Digital para cooperados, jovens e crianças carentes do município. • Projeto Criança Feliz: <ul style="list-style-type: none"> – Doação de Brinquedos temáticos; – Construção de parques de diversões nas escolas rurais; – Doação Monetária. • Projeto Luta Social: custeio de viagem para participação em campeonatos.
Família dos Cooperados	<ul style="list-style-type: none"> • Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade; • Projetos para Jovens: <ul style="list-style-type: none"> – Curso de Barista para jovens da família cooperada; – Diagnóstico Familiar – Escola Agrícola: levantamento de necessidades. - Jovens Agricultores: palestras, viagens e cursos para filhos dos produtores, para que continuem o trabalho dos pais. • Projeto Plantando e Colhendo Saúde: implantação de programa de reabilitação e tratamento para dores na coluna, em parceria com a UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas. • Projeto Escola Cidadã: ensino de qualidade para filhos dos produtores, em convênio com o Centro Educacional Cooperar. • Projeto Sem Fronteiras: Curso de Inglês para Colaboradores, cooperados e familiares.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponível pela COOPFAM (2020)

No que se refere ao primeiro contato com a Cooperativa, destaco que este aconteceu em meados de 2017 quando iniciei o projeto de tese. Inicialmente, fiz um levantamento das cooperativas de café do estado de Minas Gerais, e, depois de selecionar a COOPFAM como sendo um caso único, entrei em contato com um antigo amigo que estava pesquisando sobre o comércio justo na cooperativa. Ele, então, me falou um pouco sobre o MOBI e sobre o trabalho da COOPFAM, me passou o contato de minha atual informante chave, a Angélica. Na época, ela estava trabalhando com o grupo para a sua pesquisa de mestrado. Ela conhecia o grupo desde 2016, quando escreveu sobre ele em seu trabalho de TCC. Ela se prontificou a me ajudar no que fosse necessário, e, em seguida, entrei em contato, pelo telefone que encontrei no site da Cooperativa, com o departamento de marketing, onde fui muito bem atendida.

O setor de marketing se apresentou muito disponível a me auxiliar na ideia de pesquisa. Informaram-me do Grupo de mulheres e do café feminino, me falaram que estavam acostumados a receber vários estudantes e pesquisadores de várias partes do mundo, gostavam da troca de saberes e foi solicitada uma proposta de projeto. Em seguida, enviei a proposta de projeto e aguardei a resposta.

Passada uma semana, a Cooperativa me enviou um e-mail autorizando minha pesquisa, já encaminhando alguns contatos importantes que iriam me auxiliar no percurso. Rosa foi a primeira mulher do MOBI com quem entrei em contato, me apresentei, passei informações da pesquisa e pedi autorização do grupo para realizar o trabalho de tese. Ela me respondeu de forma muito carinhosa e receptiva, disse que já havia apresentado a proposta de tese na reunião do grupo e que elas me autorizariam a realizar a pesquisa. Sendo assim, com a autorização no final de setembro de 2018, foi definido meu objeto de pesquisa e o caso a ser estudado na tese.

4.2 COOPFAM, UMA ORGANIZAÇÃO EM ESTUDO

Na visão de Bourdieu (2001), a teoria sobre campo tem relação com um mundo social de pluralidades, tanto dos mundos quanto das lógicas correspondentes e com um espaço onde as posições dos agentes se encontram fixadas. O campo é onde os agentes travam lutas de interesses.

Os campos não são estruturas fixas. São produtos da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam (BOURDIEU, 2001, p. 129). O que determina a existência de um campo e demarca os seus limites são os interesses

específicos, os investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um *habitus* e as instituições nele inseridas. O que determina a vida em um campo é a ação dos indivíduos e dos grupos, constituídos e constituintes das relações de força, que investem tempo, dinheiro e trabalho, cujo retorno é pago consoante a economia particular de cada campo (BOURDIEU, 1987, p. 124).

Podemos pensar nas cooperativas como sendo um campo social de construção coletiva, debates, disputa de poder e relações cognitivas. Nesse contexto, Bourdieu (1988), em sua obra *Questions de sociologie*, define campo como sendo um espaço estruturado que possui diferentes contextos e onde acontecem disputas entre dominantes e dominados: “campo é um universo no qual as características dos produtores são definidas por sua posição nas relações de produção, pelo lugar que ocupam em um determinado espaço de relações objetivas” (BOURDIEU, 1988, p. 82).

No campo, existem as relações de poder entre os agentes, os quais ocupam espaços específicos, chamados de *quantum*. Esse *quantum* define o que vem a ser “capital social”. A estrutura do campo social possui duas polaridades, a de dominantes versus dominados. Os dominantes são aqueles que detêm o maior capital social e os dominados são aqueles que possuem baixo capital social (BOURDIEU, 1983). Nesse contexto, “a noção de campo vem designar uma espécie de zona cultural que ocupa uma posição no mapa da estrutura social e se distingue de outras zonas, por seus interesses, estruturas, regras, leis e formas de poder, hierarquia e prestígio” (MARTELETO; PIMENTA, 2017, p. 10).

Seguindo esse pensamento, colocar a cooperativa como sendo um campo social em estudo, faz muito sentido, pelo fato de ser um espaço onde existe uma hierarquia de poder. Além disso, quando se fala em Empoderamento político, se fala sobre ocupar espaços onde diferentes interesses estão em discussão. Em face disto, existe, dentro da estrutura da cooperativa, espaços de disputa que buscam mudanças de poder, se configurando como sendo uma relação de força ente os agentes.

É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados (BOURDIEU, 1996, p. 61).

Considerando a existência de relações de poder e de força dentro das organizações, Bourdieu define como é esta estrutura: “a estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores” (BOURDIEU, 1996, p. 90).

Voltando para o campo de estudo em questão, a COOPFAM, para melhor compreender como se configura esta ocupação de espaço pelas mulheres, as visitas e as entrevistas tiveram como foco entender como funciona a experiência de ter uma mulher como presidenta e ocupando espaços dos conselhos. Para tal, durante o trabalho de campo, aconteceram entrevistas e conversas com o público masculino, na tentativa de entender como é dividir espaços de poder com as mulheres. No quadro 7, é apresentado, de maneira especificada, o público pesquisado e a duração de cada entrevista. Este material, vale mencionar serviu de base para os resultados finais.

Quadro 07 – Caracterização geral das entrevistas e conversas informais

Nº	Entrevistadas (os)	Local	Ocupação	Data	Duração da entrevista (horas)
1	Rosa Café Feminino	Pousada	Café Feminino, MOBI, Cooperada, agricultora.	13/04/19	01: 10 min
2	Pedro <u>Público Masculino</u>	Pousada	Grupo de Jovens da COOPFAM, filho de cooperada, colaborador voluntário da MOBI, estudante e agricultor.	13/04/19	00:40 min
3	Violeta Café Feminino	Pousada e propriedade da agricultora	Café feminino, MOBI e cooperada, agricultora.	13/04/19 e 14/04/19	01: 20 min
4	Ires Café feminino	Propriedade da agricultora	Café feminino, MOBI, cooperada, agricultora.	14/04/19	01:15 min
5	Joaquim <u>Público masculino</u>	Pomar de Frutas da casa da Ires	Um dos fundadores da Cooperativa e simpatizante da MOBI, agricultor.	14/04/19	00:25 min
6	Flora Café feminino	Propriedade da agricultora	Líder de Bloco, Café feminino, MOBI e agricultora.	15/04/19	01:20 min
7	Pedro Conversa informal	Propriedade da agricultora Flora	Marido da Flora, Cooperado, simpatizante da MOBI, agricultor.	15/04/19	00:25 min
8	Jasmim Café feminino	Propriedade da agricultora	Café feminino, MOBI, cooperada, agricultora.	15/04/19	01:00 min
9	Vitória Representante política Conversa informal	Residência do entrevistado	Colaboradora do grupo MOBI, dona de casa.	15/04/19	3:00 min
10	João Representante político Conversa informal	Residência do entrevistado	Colaborador do grupo MOBI, funcionário público, ex-professor do instituto federal.	15/04/19	00:40 min
11	Margarida Café feminino	Propriedade da agricultora	Café feminino, MOBI, Cooperada, agricultora.	16/04/19	01:20 min
12	Jorge Conversa informal	Propriedade do agricultor	Cooperado, esposo da Margarida, agricultor, colaborador da MOBI.	16/04/19	00:20 min

13	Magnólia Café Feminino	Propriedade da agricultora	Café feminino, conselho fiscal na cooperativa e MOBI, cooperada, agricultora.	16/04/19	01:20 min
14	Melissa Café Feminino	Propriedade da agricultora	Coordenadora do MOBI, conselho fiscal na cooperativa, café feminino, artesã, MOBI, cooperada, agricultora.	17/04/19	01:30 min
15	Daniel Conversa informal	Propriedade do agricultor	Marido da Melissa, Cooperado e Colaborador da MOBI, agricultor.	17/04/19	00:20 min
16	Hortência MOBI e informante chave	Propriedade da agricultora, COOPFAM, casa da Melissa, reuniões do grupo, festa do café, eventos do grupo, conversas por telefone.	Líder do grupo de jovens, MOBI, filha de cooperados, agricultora.	18/04/19	05:30 min
17	Maia Café Feminino	Pousada e propriedade da agricultora.	Sub-secretária da MOBI, administrativo e diretoria da Cooperativa, café feminino, cooperada, agricultora e estudante.	18/04/19	02:00
18	Dália MOBI	Propriedade da agricultora.	Grupo de jovens, MOBI e filha de cooperados, agricultora e estudante.	18/04/19	01:00
19	Orquídea Café Feminino	Visita de campo na casa da Melissa e por telefone.	MOBI, café feminino, cooperada, agricultora.	17/04/19 e 22/04/19	01:35
20	Letícia Conversa Informal	Propriedade da Melissa / Reunião da MOBI.	Acompanha o grupo desde 2014 através de pesquisas além de ser uma colaboradora que auxilia o grupo na certificação do café feminino. Servidora do Instituto Federal do sul de Minas.	17/04/19	3:00 min
21	Francisco Conversa Informal	Propriedade da Melissa / Reunião da MOBI	Servidor do Instituto Federal do sul de Minas acompanha o grupo com pesquisas.	17/04/19	00:30 min
22	Angélica Informante Chave	COOPFAM, Pousada, casa da Melissa, reuniões do grupo, festa do café, eventos do grupo, conversas por e-mail e telefone.	Informante chave, pesquisadora, colaboradora do grupo MOBI, colaboradora da COOPFAM.	13/04/19 ao dia 17/04/19 No total: 20/09/17 até 08/03/2020	30:30 min
Total de horas				60:30 min	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base na pesquisa de campo (2019)

O Quadro 7 foi organizado de acordo com a sequência exata dos dias das visitas *in loco*, com o intuito de incluir todos os participantes da pesquisa, sem, obviamente, perder o foco do meu público alvo, que são as mulheres do café feminino e do grupo MOBI. A agenda de visitas foi organizada com a ajuda das informantes-chaves, Hortência e Angélica, que me auxiliaram em todo o processo da pesquisa, não só nos dias de visita, mas em toda a demanda que esta tese exigia. No total, foram vinte e duas pessoas que participaram de forma direta da pesquisa, sendo feitas com quinze delas entrevistas em profundidade. A Angélica foi a primeira com quem entrei em contato para iniciar minhas primeiras visitas à cooperativa. Ela me passou informações dos horários de reunião do grupo com as mulheres do MOBI e do café feminino, me passou o celular da coordenadora do grupo e falou da pesquisa para todos os envolvidos.

Na primeira visita à Cooperativa, que aconteceu em oito de março de 2019, ela me apresentou o espaço e as mulheres do MOBI. Em seguida, conheci a Hortência, quem me adicionou ao grupo de *WhatsApp* do MOBI e me apresentou aos seus integrantes, no dia 8 de março de 2019, durante uma das reuniões mensais, as quais acontecem na segunda sexta-feira do mês. Nessa data, que é considerado o Dia Internacional da Mulher, além da reunião do grupo, houve uma festividade no salão paroquial cedido pela Igreja Católica da cidade, e, para finalizar o dia de comemorações, aconteceu o lançamento da cafeteria da Cooperativa e a inauguração, em frente à cafeteria no espaço da cooperativa, da feira de orgânicos dos produtores da região.

Alguns colaboradores (7, 9, 10, 12, 15, 20, 21) auxiliaram através de conversas informais: são atores que, direta ou indiretamente, apoiam e fortalecem o trabalho das mulheres dentro do grupo MOBI e da Cooperativa, e que agregam à construção do grupo. São eles esposos das produtoras de café, homens que acompanham a luta e empenho que estas mulheres têm no seu dia a dia, filhas(os), que, assim como os maridos, presenciam o trabalho diário de suas mães, e pessoas que pesquisam e estudam os processos que o grupo vem promovendo ao longo dos anos.

As conversas informais auxiliaram no entendimento do contexto geral da formação e atuação das mulheres da MOBI, e na compreensão do impacto que o grupo de mulheres apresentava naquele contexto. As entrevistadas 1, 3, 4, 6, 8, 11, 13, 14, 16, 17, 18 e 19 são as participantes da MOBI e produtoras do café orgânico feminino com as quais foram feitas entrevistas em profundidade, através de visitas em suas propriedades, onde estavam trabalhando no cafezal ou com alguma atividade de processamento do café.

As entrevistadas 16 e 18 (Hortência e Adália) são produtoras de café feminino orgânico e sustentável e fazem parte da MOBI. Elas, no entanto, não são cooperadas e não podem vender em seu nome a sua produção de café, já que não possuem propriedades em seus nomes, sendo o pai e o avô os proprietários das terras onde elas cultivam o café. Elas são irmãs e vendem o café juntamente com o café da sua mãe (Maia 17), dado que o processo de produção, colheita e secagem de mãe e filhas são iguais.

As informantes chaves 16 e 22 (Hortência e Angélica) foram um suporte que tive durante todo o processo de pesquisa na Cooperativa, já que meus primeiros contatos se deram com elas através da troca de informações, dados, dicas e encaminhamentos fundamentais para todo adiantamento da pesquisa. Os contatos tiveram início no final de 2017 e se estenderam até o final da pesquisa de campo em 2020.

Para Yin (2001, p. 112);

Informantes-chave são sempre fundamentais para o sucesso de um estudo de caso. Essas pessoas não apenas fornecem ao pesquisador do estudo percepções e interpretações sob um assunto, como também podem sugerir fontes nas quais pode-se buscar evidências corroborativas - e pode-se iniciar a busca a essas evidências (YIN, 2001, p. 112).

Neste estudo de caso, as informantes chaves abriram várias portas que me proporcionaram mergulhar com muita intensidade em todo o período da pesquisa, validando meu questionário de entrevista, apresentando a região e a Cooperativa, o grupo de mulheres e vários colaboradores além de me adicionar ao grupo de *WhatsApp* da MOBI, onde fiz o acompanhamento das atividades, eventos, assuntos referentes aos projetos, dias e horários do encontros, novos projetos, feiras e reuniões.

As informantes chaves, além disso, me auxiliaram na organização dos dias de campo, me deram informações mais detalhadas das mulheres do café feminino, me conduziram para conseguir encontrar as casas das entrevistadas, e, em resumo, foram fundamentais na condução de todo meu período de pesquisa.

Quadro 08 – Resumo dos Dias de Visitas e de Observações no Grupo MOBI e na COOPFAM

Diário de campo	Locais	Objetivo das observações e atividades desenvolvidas	Data	Duração das visitas (horas)
Dia 1	- Pousada de uma das integrantes da MOBI.	-Primeira visita à cidade de Poço Fundo; - Reconhecimento do local da pesquisa; -Escrever diário de campo.	07/03/19	03:00
Dia 2	- COOPFAM; - Reunião mensal do Grupo MOBI; - Encontro de Mulheres	-Primeira visita à Cooperativa e ao Grupo MOBI; - Fazer mapeamento geral de como funcionava a organização do Grupo;	08/03/19	10:00

	COOPFAM; - Inauguração da Cafeteria; - Inauguração da Feira de Orgânicos.	- Entender como era a participação das Mulheres e a construção do Café Feminino. -Escrever diário de campo.		
Dia 3	- COOPFAM; - Cafeteria da COOPFAM; - Reunião mensal do MOBI.	- Conhecer melhor as mulheres da MOBI e de como se organizavam; - Apresentar proposta de Tese; -Deixar proposta e documentação necessária para a pesquisa com a responsável do grupo; - Articulação do grupo; - Participação dos cooperadas (os); - Escrever diário de campo.	12/04/19	09:00
Dia 4	- Fotos e vídeos pela cidade para ser incluídos no documentário.	- Início do trabalho de campo; - Organização da agenda de visitação; - Fotos para a exposição; - Vídeos para o documentário; - Participação das cooperadas (os); - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual.	12/05/19	04:00
Dia 5	- COOPFAM; - Sede de uma das entrevistas; - Primeira entrevista; -Início da segunda entrevista.	- Reorganização da agenda de visitas; - Conhecer de perto uma lavoura de café de uma das entrevistadas; - Fotos e vídeos; - Conhecer a estrutura física desta propriedade: (terreiro de café, armazém, sistema de separação dos grãos); - Fotos da cidade; - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual.	13/05/19	12:00
Dia 6	- Propriedade de uma cooperada; - Entrevista; - COOPFAM.	- Visita nas instalações da COOPFAM; - Conhecendo a história da Cooperativa; - Fotos e vídeos da propriedade visitada; - Organização da agenda de visitas; - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual.	14/05/19	12:00
Dia 7	- Propriedade de uma cooperada.	- Fotos e vídeos da propriedade visitada; - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual; - Entrevista; - Conhecer a zona rural da cidade.	15/05/19	10: 00
Dia 8	- Propriedade de uma cooperada.	- Fotos e vídeos da propriedade visitada - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual; - Entrevistas.	16/05/19	10:00
Dia 9	- Propriedade de uma cooperada; - Casa de uma figura política da cidade.	- Fotos e vídeos da propriedade visitada; - Escrever diário de campo; - Entrevistas; - Organização do material audiovisual.	17/05/19	12:0
Dia 10	- COOPFAM; - Propriedade de uma cooperada;	- Fotos e vídeos da propriedade visitada; - Escrever diário de campo; - Entrevistas; - Organização do material audiovisual; - Primeira certificação do café feminino; - Reunião das mulheres sobre o processo de certificação do café feminino.	18/05/19	12:00

Dia 11	- Propriedade de uma cooperada.	- Fotos e vídeos da propriedade visitada; - Entrevistas; - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual.	18/05/19	12:00
Dia 12	- Festa do café da COOPFAM, primeiro dia ;	- Primeiro dia da festa do café; - Articulação das mulheres; - Festival de pratos; - Premiação para os seis melhores colocados; - Participação da Comunidade; - Diálogo com dirigentes da COOPFAM e membros da MOBI; - Montagem da exposição de fotos impressas; - Montagem da exposição de fotos no telão; - Apoiadora na apuração dos votos do festival de pratos; - Exposição do trailer do documentário. - Fotos e vídeos; - Participação das cooperadas (os); - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual.	08/11/19	07:00
Dia 13	- Festa do café segundo dia.	- Articulação das mulheres; - Participação da Comunidade; - Fotos e vídeos; - Exposição de fotos impressa. - Participação das cooperadas (os); - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual.	09/11/19	12:00
Dia 14	- Festa do café terceiro dia.	- Articulação das mulheres; - Participação da Comunidade; - Fotos e vídeos; - Exposição de fotos das mulheres do café feminino. - Participação das cooperadas (os); - Escrever diário de campo; - Organização do material audiovisual.	10/11/19	12:00
Dia 15	II encontro da Mulher COOPFAM.	- Articulação das mulheres; - Participação da Comunidade; - Fotos e vídeos; - Participação das cooperadas (os); - Apresentação do Documentário sobre as Mulheres do Café Feminino; - Diálogo sobre a “Importância do trabalho da mulher na Agricultura Familiar”; - Exposição de fotos das “Mulheres do café Feminino”; - Escrever diário de campo.	08/03/20	07:00
		Total de horas de visitas: 144 h		

Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa de campo (2019; 2020)

De acordo com o Quadro 8, um total de quinze visitas foram realizadas tanto na Cooperativa como em toda a comunidade onde moram as mulheres do café feminino e do grupo MOBI. O período de pesquisa foi de 12 meses, tendo sido iniciado no dia 08 de

março de 2019 e finalizado também na data de 8 de março de 2020 , quando se comemora o Dia Internacional das Mulheres.

Ao longo desses doze meses, observou-se a rotina de trabalho do grupo, das mulheres de forma individual, do trabalho desempenhando pela Cooperativa em prol do desenvolvimento do grupo, bem como os eventos realizados tanto pela Cooperativa como pelo MOBI.

4.3 TRAJETÓRIAS E ESPECIFICIDADES DAS MULHERES ORGANIZADAS EM BUSCA DE IGUALDADE – MOBI

O grupo MOBI foi criado em 2006 dentro da Cooperativa de Agricultores Familiares da Cidade de Poço Fundo em Minas Gerais (COOPFAM). Ao todo, de forma indireta, participam 30 mulheres do projeto, sendo que, de forma efetiva, com participação registrada em ata, segundo as atas de 2017, 2018 e 2019, foram em média dezessete mulheres que participam das reuniões mensais do grupo, que são realizadas toda segunda sexta-feira do mês nas dependências da Cooperativa.

De maneira mais específica, dessas dezessete mulheres participantes de forma efetiva, treze são produtoras do café orgânico feminino e duas do café feminino sustentável; as demais são produtoras de rosas orgânicas, confeccionam o artesanato a partir da borra e palha do café e são produtoras do HORTMOBI¹⁰. Dessas reuniões, participam também colaboradores que são de instituições locais, municipais e estaduais; conforme o projeto que está em andamento, participam também professores do Instituto Federal de Machado e alguns pesquisadores de diversas universidades do país. Estive presente em três reuniões do grupo, e variados assuntos foram tratados em um período de três a quatro horas de reunião.

A primeira visita realizada foi no dia 8 de março de 2019, dia de muitas atividades e também festividades importantes para o grupo devido ao fato de ser comemorado o Dia Internacional da Mulher. Dessa forma, teve um almoço coletivo com o grupo no qual me apresentei e conheci alguns de seus integrantes. Assim sendo, anotei no Diário de Campo daquele dia:

¹⁰ HORTMOBI: Projeto desenvolvido pelas mulheres da MOBI. Iniciado em 2019, numa tentativa de melhorar a alimentação das famílias e promover a soberania alimentar das mesmas. Seu objetivo é a produção de legumes, verduras, hortaliças e chás sem agrotóxicos, alimentos que vão para a mesa das famílias produtoras e para a comunidade, que pode adquirir na feira de orgânicos realizada toda semana na sede da COOPFAM.

Ser recebida com aqueles sorrisos e tamanha disponibilidade por aquelas mulheres, foi o início de uma jornada que me encantava e me fazia querer conhecer as histórias por trás daqueles rostos. O meu primeiro contato foi com a Hortência, uma jovem cheia de afazeres, porque aquele dia demandou muito do seu tempo e trabalho, mas ela parou e me ouviu, sentada no restaurante, nos seus minutos de descanso logo depois do almoço. Ela me passou informações básicas sobre o grupo e um pequeno roteiro dos dias de encontro, solicitou alguns documentos para levar até o grupo, para então, poder formalizar as minhas entrevistas (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

A Hortência se tornou uma das minhas informantes-chaves durante toda minha pesquisa. Uma jovem produtora de vinte e dois anos, que está cursando superior em gestão em agronegócio. É solteira, não tem filhos, não possui cargo de gestão na Cooperativa, mas pretende ocupar futuramente. No MOBI ela está desde o início 2006. Seu pai já ocupou o cargo de Presidente da Cooperativa e atualmente é o vice-presidente. Sua mãe, assim como o seu pai, foi uma das fundadoras do Grupo MOBI e também da COOPFAM. Logo, ela tem uma história conectada com o campo e com a formação coletiva dos agricultores da COOPFAM.

Hortência é produtora de café orgânico, comercializa seu café em conjunto com a sua mãe, já que, como não possui terras em seu nome, não consegue ser cooperada. Já estamos em 2022. Essa informação não faz sentido porque está no futuro. É a filha mais velha de três, tem uma irmã de dezenove anos chamada Dália e um irmão com dezessete anos chamado Fernando. Seus irmãos participam, assim como ela, do grupo de jovens da Cooperativa, e também são produtores de café orgânico, bem como tomate orgânico e hortaliças em geral.

Hortência me explicou como acontece sua participação na Cooperativa: em resumo, por ela ser filha de produtor, o caminho para ela ter a sua cota e conseguir votar e vender seu café feminino depende apenas de ter alguma terra com lavoura de café no seu nome.

[...] como eu sou filha de cooperado, eu posso cooperar e não preciso participar das seis reuniões, sendo que, cada pessoa que deseja cooperar, precisa participar de seis reuniões. Eu não preciso participar destas seis reuniões, porque subentendem que eu já faço parte do processo. Filhos que são dependentes ainda, que são maiores de dezoito e que moram na casa dos pais podem cooperar com esse quesito. (ENTREVISTADA HORTÊNCIA, 2019).

Segundo a entrevistada, as terras estão em nome do seu avô, porém a família está em processo de regularização da documentação através do inventário, para, assim, ela estar apta a ter o cartão de produtor, e, em seguida, poder ser uma cooperada da COOPFAM, tornando-se oficialmente produtora do Café Feminino.

Como pontua DEERE (2004),

O argumento do Empoderamento reconhece que os direitos das mulheres à terra são decisivos para aumentar seu poder de barganha dentro da família e da comunidade, para acabar com sua subordinação aos homens e, assim, atingir uma real igualdade entre homens e mulheres (DEERE, 2004, p. 176).

Ainda segundo Deere (2004), o reconhecimento do direito das mulheres a possuírem a sua terra surgiu por duas razões, pela razão “produtivista” e pela razão do “Empoderamento”. O argumento produtivista reconhecia o direito das mulheres a terem a sua terra, visando aumentar o bem-estar dessas mulheres e também dos seus familiares; já o argumento do Empoderamento reconhece que o direito das mulheres à terra surgiu para aumentar o poder de barganha dentro da família, bem como dentro da comunidade, sendo assim “acabando” com a questão da subordinação das mulheres em relação aos homens. Mesmo assim, no Brasil, as mulheres só obtiveram o direito formal à terra a partir da constituição de 1988.

Depois do almoço, as mulheres se encontraram na sala na COOPFAM para dar início à reunião mensal do grupo. As mulheres se organizaram em formato de roda e, no centro dela, o nome do grupo foi escrito com grãos de café e várias mudas de rosas na volta como forma de representar o trabalho desenvolvido por elas. As mudas de rosas foram distribuídas no final da reunião para todas que estavam presente.

As mulheres, além de produzirem o café orgânico e sustentável feminino, confeccionarem artesanato com subprodutos do café, como a palha e a borra, e cultivarem rosas orgânicas, também promovem várias iniciativas para estimular o trabalho coletivo entre elas, como a carona solidária e a brinquedoteca, que foi criada dentro do espaço onde acontecem as reuniões mensais da MOBI. A brinquedoteca surgiu da necessidade dessas mães precisarem levar seus filhos para as atividades do grupo. Entendendo que a inserção das crianças nestes espaços também é importante, as crianças representam o futuro da Cooperativa.

Vários são os cursos realizados para a capacitação e aprimoramento das mulheres, como curso de cosméticos naturais, oficinas de fabricação de sabão biodegradável, projeto implantação de rosas e flores orgânicas e o projeto HORTMOBI. O MOBI tem como objetivo, nesse sentido, contribuir com a liberdade e a igualdade das mulheres, por meio da união e participação no trabalho e na sociedade. Em várias falas, inclusive, as mulheres relataram o que significa este grupo para elas:

É muito bom, gosto das reuniões, da troca de experiência, uma faz uma coisa e a gente tenta, é muito bom. Descobri muita coisa depois dessas participações Foram

tantas coisas para melhor, ajudou muito. Comecei a fazer diferente várias coisas dentro de casa e na lavoura. (ENTREVISTADA JASMIM, 2019).

A MOBI me ajudou muito na minha trajetória, por causa do café feminino, que começou no grupo, eu valorizo tudo isso aí, e a cooperativa lógico. Se não tivesse a cooperativa, não tinha o MOBI, porque a gente começou por causa da cooperativa. O café feminino foi por causa do MOBI. Se a gente não tivesse fazendo reunião lá, a gente constava em ata. Começamos fazendo várias reuniões e discutíamos. Fazíamos curso pelo Senar, inventávamos coisa assim para gente participar no começo. Aí, na hora que entrou o café feminino, deu uma força né?! Deu mais força para a mulher ir para frente. (ENTREVISTADA MARGARIDA, 2019).

O MOBI veio para fortalecer e deixar as mulheres mais unidas. Ali já fala a mesma linguagem, né?! De mulher para mulher, as histórias são parecidas, têm as atas das reuniões que a gente faz nos primeiros domingos. Aí, a coordenadora pega a ata e faz a reunião do grupo, toda segunda sexta do mês, que é a reunião do MOBI. (ENTREVISTADA, MAGNÓLIA, 2019).

Em 2018, a COOPFAM lançou a linha do Café Feminino Sustentável com o objetivo de agregar mais mulheres ao grupo. No entanto, a produção de orgânico ainda é uma barreira pela necessidade do conhecimento do cultivo ou por várias mulheres já produzirem o café convencional Assim, na produção do café sustentável, a cafeicultora entra em um processo de transição produzindo na forma SAT (sem uso de agrotóxicos). Depois de três anos, atendendo a todas as exigências da Cooperativa, registra como sendo café feminino orgânico.

Em algumas falas, podem ser observadas as vantagens da produção do café orgânico, como o fato de ajudar na preservação do solo, da água, do ar e da vegetação, de trazer benefícios para a saúde tanto de quem produz como de quem consome, além de financeiramente ser mais viável em relação ao café convencional.

[...] o café é mais valorizado, o orgânico é melhor para vender, paga melhor, a renda melhorou, ter o meu dinheiro fez diferença na minha vida. (ENTREVISTADA JASMIN, 2019).

Depois que a lavoura passou para orgânico, você percebe que a lavoura melhorou muito. O adubo orgânico que eu joga é farinha de carne de osso e de mamona. (ENTREVISTADA FLORA, 2019).

[...] depois que fundou a cooperativa, nós passamos para o orgânico. A gente era café convencional, a gente colhia umas 200 sacas. Quando a gente passou para orgânico, teve uma queda tão grande que a gente ficou muito decepcionado. Aí, a gente voltou a colher até 40 sacas, até a gente aprender a trabalhar com orgânico. Aí, vieram os técnicos e a ajuda da cooperativa e foi melhorando as lavouras. Tem lavoura que a gente teve que arrancar mesmo porque não deu certo como orgânico. Aí, depois, nós aprendemos como trabalhar com o orgânico e a gente viu que foi melhor. Foram muitos desafios para chegar até aqui. (ENTREVISTADA MARGARIDA, 2019).

[...] estou tentando convencer meus netos a produzir café orgânico, mas eles estão com medo, porque dá muito trabalho. O café orgânico dá mais trabalho, dá mais serviço, mas o preço é melhor. Eu vou falar uma verdade para vocês, eu não gosto de agrotóxico, a gente não usa em nada. Antes de produzir orgânico, a gente sempre

deu muito valor à natureza, a gente nunca foi de cortar árvore. Depois que virou para orgânico, a gente valoriza mais ainda. (ENTREVISTADA MARGARIDA, 2019).

4.4 AS MULHERES DO CAFÉ ORGÂNICO FEMININO

Durante o período de visitas as entrevistas aconteciam na sala, na lavoura de café, no terreiro de café, na varanda das casas, durante uma caminhada ou na horta. Foi um período marcado por muito afeto e carinho em que pude conhecer um pouquinho do universo dessas mulheres fortes e guerreiras. A cada dia com elas emergiam histórias admiráveis que me faziam retornar às memórias que guardo com muito carinho de minha trajetória como cafeicultora.

Para não ficar muito extenso o material, as histórias aqui contadas terão vínculos estreitos com a trajetória das mulheres como cafeicultora. Com o intuito de traçar uma linha do tempo até o momento presente das suas relações com o café, foram selecionadas dez mulheres integrantes do MOBI e produtoras do café orgânico feminino.

Algumas entrevistas aconteceram nas residências das agricultoras, outras na pousada onde eu fiquei hospedada para fazer o trabalho de campo e uma se deu por telefone, mas a entrevistada já tinha se encontrado comigo pessoalmente, já tínhamos passado o dia numa atividade de campo e eu já havia coletado várias falas dela. A ligação, desse modo, se deu a título de completude das informações.

A primeira entrevistada foi até a pousada onde fiquei hospedada durante o meu trabalho de campo, pois, devido a sua agenda, ela preferiu ir até mim. A entrevista ocorreu numa linda mesa de madeira. Aquela manhã estava especialmente agradável e havia pássaros cantando no pomar. Assim teve início meu diálogo com Rosa, uma mulher de voz agradável e de muito conhecimento sobre tudo que envolvia o cultivo de café: “sou produtora de café há 28 anos. Desde quando eu casei eu tinha a minha lavourinha de café” (ENTREVISTADA ROSA, 2019).

Rosa é casada, tem 47 anos, é mãe de um filho de vinte e dois anos que já está casado e mora próximo a sua casa. Sua propriedade tem quatro hectares, onde moram ela e o esposo, os dois são reesponsáveis pela propriedade: o “chefe da família é o esposo, mas tudo que ele vai decidir ele pergunta, pede a minha opinião, então acaba que a gente decide junto” (ENTREVISTADA ROSA, 2019).

Sua escolaridade é quarta série fundamental. Ela faz parte da COOPFAM desde 2003 e há sete anos da MOBI. Seu marido é um dos diretores da Cooperativa. Na sua propriedade

tem horta, pomar, estufa de rosas, das quais ela produz licor para vender já faz quatro anos. Além disso, ela cria galinhas, gado e porco. Para Rosa, ela contribui de forma integral para o sustento da família, tanto financeiro quanto no bem-estar:

Eu acho que contribuo bastante, tanto na questão financeira, como na questão da economia doméstica, porque tudo que a mulher faz no sítio contribui muito, né?! A horta, a galinha, o porco, então tudo isso é uma contribuição, além da alimentação ser melhor. (ENTREVISTADA ROSA, 2019).

VIOLETA

Idade: 60 anos

Profissão: agricultora, dona de casa e empresária.

Tempo que trabalha na cafeicultura: Há 25 anos, quando herdou as terras do pai.

Escolaridade: Mestrado em Zootecnia

A propriedade da Violeta está entre o rural e o urbano. Além de cafeicultora, ela tem uma pousada que fica no final de uma rua que leva ao centro da cidade, e, ao mesmo tempo, iniciam as terras onde estão as suas lavouras e a pastagem do gado. Lugar tranquilo de muita natureza, com flores em volta da casa, pés de frutas, alguns terreiros de café que estavam muito cheios no período da minha visita, pois era período da colheita. Fiquei hospedada na sua pousada por oito dias, dos quais dois dias foram dedicados à entrevista e à visita em toda a propriedade.

Violeta gerencia a fazenda da família, possui uma pousada numa antiga fazenda de seus pais e conta com a ajuda do filho de 22 anos que cursa Agronomia numa universidade federal na cidade vizinha. Na fazenda, tem produção caseira de queijo e leite, que são usados para consumo próprio e na pousada.

Violeta possui mestrado em Zootecnia. Hoje, se considera agricultora, empresária e dona de casa. Ela disse que nunca exerceu a profissão de Zootecnista porque, depois de formada, voltou para casa para trabalhar na lavoura, pois era o que gostava de fazer. A fazenda possui gado de leite e corte, café e frutas para consumo. O café feminino e café convencional produzido nesse espaço e entregue à COOPFAM.

Violeta é uma mulher de uma disposição e comunicação admiráveis, que consegue gerenciar os seus negócios com braço forte e muito sorriso no rosto. Há três anos, participa do Grupo MOBI. Ela tem um ano de cooperada, e, em 2019, entregou seu primeiro lote do café feminino. Seu início no MOBI foi como convidada, visto que a Cooperativa enviava clientes para a sua pousada e um dia pediram para comemorar o dia das mães lá. Neste dia, as mulheres que faziam parte do MOBI a convidaram para fazer parte do grupo.

Depois de dois anos como convidada, ela comprou sua cota e se filiou à Cooperativa. Ela tem uma filha que, apesar de estar em outro país fazendo intercâmbio, faz parte, junto com o irmão, do grupo de jovens do MOBI.

Violeta iniciou sua história com o cultivo do café já faz vinte e cinco anos, desde quando herdou as terras da sua família, em suas palavras.

O café é reponsabilidade minha. Eu que fiz as mudas e plantei. As dificuldades é que eu não tinha dinheiro e a facilidade foi que eu arrumei parceiros. Então eu fiz no início com parceiros. Eram pessoas aqui da cidade, vizinhos, por exemplo, ali no bairro que levei vocês para tirarem fotos. Tinham vizinhos que foram meus parceiros. Eu fiz as mudas. Então, a minha estratégia foi o seguinte: eu fiz as mudas e fiz a mais e fiz com um parceiro. Foi ele que cuidou do viveiro. Depois, eu vendi mudas na época. Com o dinheiro que eu recebi das mudas, eu paguei o que eu gastei. Então, na verdade, as minhas mudas eu não gastei com elas, porque o que eu vendi pagou os custos, e, como quem plantou foram os parceiros, eu não tive gasto com mão de obra para plantar. Aí, minha parceria, como eles iam cuidar dois anos e não iam produzir café nesse tempo, porque a primeira florada é depois de dois anos, eles usavam a terra. Aí, eles plantavam feijão, fumo. O que eles plantavam eram deles, mas, para eles não ficarem sem nada, nem uma renda para pagar o serviço o que eles produziam na terra era deles, mas eles que cuidavam de tudo. Por isso, eu acho que sou uma boa estrategista (risos). (ENTREVISTADA VIOLETA, 2019)

Violeta se considera uma boa estrategista. No MOBI, ela participa das reuniões uma vez por mês, traz novas ideias para o grupo e para a Cooperativa. Ela gosta de fazer a rede social funcionar, adora conhecer pessoas e fazer parcerias. Tem um sonho de cuidar cada dia mais das suas terras para que vire um espaço de bem viver para as pessoas que passarem pela sua pousada.

IRIS

Idade: 70 anos

Profissão: Professora aposentada e agricultora

Tempo que trabalha na cafeicultura: Há sete anos sendo protagonista da sua lavoura

Escolaridade: 3º primário

Numa linda tarde de quarta-feira, ao pé de uma montanha e com uma mistura de cheiro de flores e frutas, a terceira entrevistada me recebeu com muito afeto e muitas histórias. A casa tinha uma linda varanda cheia de plantas e flores, era um verdadeiro pedacinho do paraíso aquele sítio. A Iris foi uma das fundadoras da COOPFAM e também do grupo MOBI. Ela se considera uma pioneira e uma vencedora. Contou que, para iniciar o processo de criação primeiro da associação, depois que veio a cooperativa, os produtores se sentavam no chão, numa roda, para conversar sobre quais os procedimentos precisariam

tomar para criar a associação de produtores. A Iris faz parte da COOPFAM desde o seu início em 2003, e do MOBI há sete anos.

Ela tem setenta anos e duas filhas, uma com 42 e outra com 40 anos. É viúva, possui o terceiro ano primário, foi professora do estado e é agricultora, sendo atualmente aposentada do estado pelo cargo de professora pública. Mora numa propriedade de oito hectares e meio juntamente com seu namorado, e se tornou a protagonista da lavoura de café da família há sete anos, quando o marido morreu, enquanto trabalhava. Ela fez questão de assumir o negócio, que cuida diariamente.

Minha trajetória na cooperativa foi uma batalha desde o começo, porque vários da família que começaram, como o meu falecido marido, enfrentaram muitas dificuldades, mas era um sonho que a gente buscava de chegar aonde chegou, e a gente batalhou muito com dificuldade financeira, sem dinheiro, sem condições de nada, porque os mais novos não conhecem a realidade que foi. Agora, nós que fomos os pioneiros, sabemos que foi difícil, porque a nossa história da comunidade aqui a gente tinha meu marido e os cunhados. Eles não tinham dinheiro para colocar gasolina num fusca. Cada um tinha um fusca daquele bem antigo, nem para ir uma vez na cidade por mês. O que eles faziam, então? Faziam rodizio, cada vez ia em um carro. O que fazia era isso. Foi uma luta muito grande. Foi uma persistência sem tamanho, porque se não fossem pessoas persistentes não tínhamos conseguido (ENTREVISTADA IRIS, 2019).

Ao final da entrevista ela me apresentou o seu quintal cheio de flores e plantas, onde há uma horta com muita variedade de verduras, legumes e chás e um pomar muito grande. No momento da visita, tinha um pé de carambola muito cheio de frutos prontos para o consumo. Em um gesto muito lindo, ela me presenteou com vários alimentos fresquinhos da sua horta e pomar, me ofereceu um café da tarde cheio de quitutes caseiros que ela preparou, e, em seguida, me levou na sua plantação de Copos de Leite de um projeto que ela participa junto do MOBI, no qual a integrante do grupo que tiver interesse ganha as mudas de uma flor, faz o plantio e depois pode comercializar para melhorar a renda.

FLORA

Idade: 40 anos

Profissão: Agricultora

Tempo que trabalha na cafeicultura: *“a gente já foi nascida e criada nesta área de trabalho rural”.*

Escolaridade: 4ª série (ensino fundamental)

De acordo com o agendamento das entrevistas, a Flora pôde me receber numa quarta-feira de manhã. Me perdi duas vezes no caminho até chegar em sua propriedade, pois a internet não

funcionava na zona rural. As visitas eram feitas através de indicações dos informantes-chaves ou pelos colaboradores da Cooperativa. Eu fazia um mapa de como chegar nas propriedades. Algumas eu encontrava na primeira tentativa, outras eu me perdia e ia me informando pelo caminho.

Flora tem quarenta anos, estudou até quarta série fundamental, é agricultora, líder de núcleo da Cooperativa na sua região, tem treze anos de COOPFAM e sete anos de MOBI. Chegando na propriedade da Flora, que é de seis hectares, soube que ela estava com seu marido e seu filho de doze anos na lavoura fazendo a colheita. Ela, então, pôde me apresentar sua lavoura e os procedimentos que utilizava na colheita para retirar o fruto e não danificar a plantação. O ano de 2019 foi um bom ano de produção para ela, pois o amadurecimento dos frutos foi bem homogêneo e a colheita suficiente.

Ela participa todo primeiro domingo do mês da reunião dos líderes de grupo na Cooperativa. Depois, repassa para o grupo São Miguel, que é da sua localidade e conta com 54 cooperados. Nas reuniões, levam-se sugestões, discute-se dificuldades e ouve-se reclamações dos cooperados para a COOPFAM. Além do café, na propriedade, eles têm para consumo galinhas, ovos, horta e pomar. Possuem também uma pequena produção de fumo que eles colhem, secam, enrolam e vendem no mercado local.

Me considero produtora de café e agricultora. Tudo que a gente vai fazer tem seus desafios, mas, no final, é tudo tranquilo. A gente já foi nascida e criada nesta área de trabalho rural. Então, não tem muitos desafios. A gente está no aprendizado, e vai ficando mais fácil para a gente trabalhar, porque a gente vai aprendendo várias técnicas e a cooperativa vai trazendo instrutor, passa orientação e vai facilitando o trabalho da gente (ENTREVISTADA FLORA, 2019).

Ao final da entrevista, ela me apresentou seu terreiro cheio de café para secar, me explicou que ela colhe o café e cuida do terreiro ao mesmo tempo, porque o café do terreiro tem que ser mexido de duas em duas horas para não perder a qualidade. Em seguida, me ofereceu um delicioso café da manhã, com quitutes caseiros que ela havia preparado na noite anterior. Seu marido foi muito agradável comigo, me deixou muito à vontade durante a entrevista, me falou que acredita muito no trabalho da esposa, gosta e apoia a participação dela na MOBI e como cooperada.

JASMIM

Idade: 28 anos

Profissão: Agricultora

Tempo que trabalha na cafeicultura: *“meus pais tinham lavoura. Depois que casei passei a ter o meu café”.*

Escolaridade: 4ª série (ensino fundamental)

A propriedade da Jasmim era próxima da propriedade da Flora. Então, consegui visitá-las na mesma manhã. Flora tem 28 anos, é casada, tem um filho de 40 dias, possui quarta série primária, se considera lavradora, não possui cargo na cooperativa, mas pensa em assumir algum dia. Ela totaliza de 9 a 10 anos de participação na cooperativa, e, no MOBI, 10 anos.

Sua propriedade tem quatro hectares de área, o responsável pela propriedade é o marido: “o chefe da família no momento é meu marido, porque eu estava de resguardo do filho. Toda contribuição financeira agora é dele, a comercialização é nós dois que negociamos” (ENTREVISTADA JASMIM, 2019).

Ela possui 2.500 pés de café orgânico feminino. Em 2019, a colheita total foi de uma saca e meia, sendo que o marido possui outra lavoura com o café convencional. Além do café, eles produzem fumo orgânico, que vendem para compradores locais, têm galinhas, vaca, horta e pomar para consumo.

Mesmo tendo residência na zona rural desde sempre, ela produz o café feminino há apenas quatro anos: “meus pais tinham lavoura. Depois que casei, passei a ter o meu café” (ENTREVISTADA JASMIM, 2019).

Sua participação na Cooperativa acontece através das reuniões e assembleias. Ela segue as regras de produção do café orgânico feminino, e participa das atividades do grupo MOBI. Em um trecho da entrevista ela relata sua paixão por cavalos e gado, diz que se inspira muito em suas tias que são veterinárias, e gosta de ver uma mulher cuidando dos animais. No seu cotidiano, trabalha na lavoura e também cuida do gado com seu marido.

Na minha família tem muita gente que mexe com gado e cavalo, tem até veterinárias. Para mim é normal. Eu cresci vendo minhas tias mexendo com vaca. Eu já tive exemplo dentro de casa que isso é normal. Então, para mim não tem problema. Eu já escutei que mulher não podia mexer com boi e com cavalo, mas se falar comigo é pior, porque, se falar, aí que eu vou mesmo, porque eu acho que mulher pode trabalhar no que quiser e fazer aquilo que quiser. Se falar, aí que eu vou pegar e fazer (ENTREVISTADA JASMIM, 2019).

No final da entrevista, ela me apresentou seu quintal onde havia um córrego com uma água cristalina passando próximo: o volume de água era tamanho que parecia uma cachoeira. Seu marido estava fazendo a capina da lavoura e ela estava cuidando do filho recém-nascido. Foi um final de manhã muito agradável. A Jasmim é uma produtora muito divertida e de uma simpatia única.

MARGARIDA

Idade: 65 anos

Profissão: Agricultora e doméstica

Tempo que trabalha na cafeicultura: *“Eu já era produtora quando surgiu à cooperativa. Nosso café já tem 40 anos. O primeiro café que a gente plantou faz 40 anos”.*

Escolaridade: 4ª série (ensino fundamental)

Numa quinta-feira, durante uma linda tarde, foi o dia de conhecer a Margarida e sua propriedade, com uma entrada muito agradável cheia de flores. Ela tem 65 anos, é casada há quarenta e oito anos e tem um casal de filhos, com 46 e 47 anos, os dois já casados. Ela mora com seu marido e sua sogra, que precisa de seus cuidados. Seu marido é um dos fundadores da Cooperativa e ela acompanhou todo o processo de fundação junto dele. Sua escolaridade é de quarta série, que foi cursada na cidade vizinha São João da Mata. Sua profissão é lavradora e doméstica, não possuiu cargo de gestão na COOPFAM. Ela é líder de grupo, e, desde 2003, participa da Cooperativa.

Eu já era produtora quando surgiu a cooperativa. Nosso café já tem 40 anos. O primeiro café que a gente plantou faz 40 anos. A gente vendia para quem tinha na cidade, eram os atravessadores. Depois que fundou a cooperativa. Aí, nós passamos para orgânico. A cooperativa já começou com o orgânico. A gente fez a transição. Depois de três anos que pôde vender como orgânico, a lavoura deu uma queda muito grande e veio a crise financeira. Ainda bem que a gente não mexia só com café, mexia com leite também. Aí a gente foi se equilibrando. O leite que salvou, porque tínhamos muito leite, mas, depois que a gente aprendeu a mexer com o orgânico, as coisas normalizaram e a gente não trabalhava tanto com o leite. Agora, é bem pouquinho. Não vivemos mais do leite (ENTREVISTADA MARGARIDA, 2019).

Na sua propriedade de quarenta hectares tem café orgânico, gado de leite, pomar, galinhas e horta para o consumo. Faz sete anos que ela participa da MOBI, e foi uma das primeiras a vender o café orgânico feminino. Um dos filhos mora perto da sua propriedade e também trabalha com café; ter a família próxima é muito importante para Margarida, como pode ser observado nesta fala: “nas nossas terras, tem os netos que plantam também. Nós doamos um pedaço para eles. Tem três netos com o café plantado no que é da gente aí” (Entrevistada Margarida, 2019).

No final da entrevista, uma linda mesa de café da tarde estava preparada com quitutes caseiros e um queijo artesanal maravilhoso. Seu marido veio ao nosso encontro, foi muito simpático e divertido, me relatou das dificuldades que tiveram em fundar a Cooperativa e da grande responsabilidade que têm as novas gerações. A Margarida fez questão de me apresentar o seu pomar e a sua plantação de flores, que eram muito variadas.

MAGNÓLIA

Idade: 50 anos

Profissão: Agricultora

Tempo que trabalha na cafeicultura: *“faz 16 anos que o nosso café é orgânico”*.

Escolaridade: 4ª série (ensino fundamental)

Em uma tarde de quinta-feira foi o dia da visita à propriedade da Magnólia, que tem cinquenta anos de idade, é casada há trinta e dois anos, estudou até a quarta série primária no grupo escolar da comunidade, é lavradora, mãe de três filhos, de 17, 24 e 31 ano, faz parte de Conselho Administrativo da COOPFAM, e, durante três anos, fez parte do Conselho Fiscal. Tem 33 anos de cooperativa, participava junto do marido, mas, em dois mil e onze, comprou sua cota e se tornou cooperada e do café feminino. Desde dois mil e nove, faz parte da MOBI.

Magnólia é uma grande defensora da produção do café orgânico. Em sua fala me relatou todo o seu trabalho na Cooperativa e na comunidade para que o orgânico ganhe cada dia mais espaço e força na região.

(...) faz 16 anos que o nosso café é orgânico. E os outros tem a mentalidade que café orgânico não produz. Só que o nosso, que era convencional e passou para orgânico, está produzindo quase o dobro. O orgânico, nos últimos três anos, está tendo mais reconhecimento. A uns três anos atrás, quem mexia com orgânico era louco (risos). Depois que eu me casei, comecei a falar com meu marido para largar mão de produzir café com veneno, porque prejudica a saúde nossa e de quem consome. Não precisa disso não. Veneno acaba com a terra (ENTREVISTADA MAGNÓLIA, 2019).

A entrevista aconteceu em um terreiro de café, onde uma grande quantidade de café estava secando. O terreiro era de cimento, e possuía uma máquina que fazia uma secagem mais eficiente e precisa, deixando os grãos homogêneos, e, melhorando, assim, a qualidade do café. Havia também uma máquina para limpar o café, separando o grão da casca, e facilitando na hora da comercialização. Suas lavouras eram distantes da sua residência, numa propriedade de quatro hectares com uma casa muito agradável, que estava passando por uma ampliação para a família ter mais conforto. Havia galinhas, produção de queijo caseiro, pomar e horta para o consumo.

Um delicioso café da tarde foi oferecido, com um pão de queijo muito especial que ela preparou horas antes da minha visita. Enquanto tomava aquele café, ela me falava dos filhos. O mais jovem de 17 anos não sente vontade de cursar uma universidade, não gosta de estudar, mas tem interesse de ficar trabalhando na lavoura; os pais aprovam a decisão do filho, por entender que ficar no sítio é uma boa escolha. Já a filha de 24 anos está terminando o curso de

fisioterapia e pretende seguir carreira na cidade. Questionei a Magnólia se ela tinha interesse em ter continuado os estudos e ela me disse que não teve oportunidade, porque, na sua época, o acesso à escola era muito limitado, e, por isso, ficava muito difícil se deslocar do sítio para ir estudar na cidade.

MELISSA

Idade: 30 anos

Profissão: Agricultora, dona de casa e artesã

Tempo que trabalha na cafeicultura: *“Minha história com o café veio desde pequenininha quando meus avós eram agricultores”*

Escolaridade: Ensino médio completo

Foi numa sexta pela manhã, depois de uma chuva muito forte na região que deixou muito barro nas estradas, que fui conhecer e visitar o sítio da Melissa. No mesmo dia, ocorreria a primeira visita de certificação participativa do café feminino com uma equipe na Cooperativa, juntamente com outras cooperadas e produtoras do café feminino. Foi difícil o acesso até sua residência pelo fato de ter muita lama nas estradas. Tivemos de deixar os carros em uma estrada e seguir o final do trecho caminhando, mas a caminhada foi recompensada, porque o sítio da Melissa era muito florido, agradável, ao pé debaixo de uma montanha, com muita natureza ao redor.

A Melissa tem trinta anos, é casada, mãe de dois filhos, um menino com quatro e uma menina com sete anos. Ela possui o Ensino Médio completo e está realizando um curso técnico na área de agrárias. É agricultora, dona de casa e artesã, faz parte do conselho fiscal da Cooperativa. Há cinco anos, é cooperada e faz parte da MOBI como coordenadora do grupo. Sua propriedade tem dois hectares, a maior produção é de café, mas também possuem gado de leite, pomar, galinhas e horta para o consumo.

Nessa visita, inicialmente, houve uma reunião com algumas integrantes da MOBI, da Cooperativa e quatro pesquisadores do Instituto Federal de Machado, que auxiliam á a cooperativa no processo de certificação do Café Feminino, informando sobre o passo a passo da certificação. Em seguida, teve um delicioso café da manhã que a Melissa preparou. Depois do café, fomos até a sua lavoura de café orgânico feminino, no alto de uma montanha com 1.200 pés de café. Várias perguntas eram feitas pela equipe para entender como era a sua participação na produção do café. Com muita tranquilidade, ela respondeu a todos os questionamentos e explicou com muito conhecimento a forma como ela produzia o café.

Minha história com o café veio desde pequenininha. Quando meus avós eram agricultores, eu estava lá no terreiro. Lembro do meu vô puxando café no carro de boi. Eles amarravam uma *arriata* atrás do carro de boi e vinha puxando, e eu ia com meu vô. Daí, eu brincava que eu descia surfando na *arriata*, coisa de criança, né?! (risos). Todas as férias eu ia para casa do Vô e ficava cuidando do terreiro de café. Ajudava de alguma forma. Eu varria o terreiro e ganhava umas moedinhas por isso (risos). Toda a minha vida eu tive contato com o café (ENTREVISTADA MELISSA, 2019).

Finalizando a visita na lavoura, retornamos para a residência da Melissa. Novamente, tomamos um delicioso café da tarde, e, em seguida, no terreiro de café, que estava cheio de grãos secando, transcorreu a entrevista.

MAIA

Idade: 43 anos

Profissão: Agricultora

Tempo que trabalha na cafeicultura: Desde criança

Escolaridade: 4º série (fundamental)

A última entrevista da semana aconteceu na pousada, na parte da manhã. Devido às fortes chuvas, a visita na propriedade da Maia, um sítio muito acolhedor, aconteceu apenas na parte da tarde. Fui recebida pela Maia e pelos seus três filhos, que prepararam um café da tarde maravilhoso, com broa de fubá na folha de bananeira, bolinho frito, pizza integral, rosquinha e café coado: tudo uma delícia. São duas meninas de 18 e 21 anos e um menino de 16. A filha de 21 anos está cursando Agronomia e a de 18 anos cursa Pedagogia, o menino de 16 está finalizando o colégio. O marido foi presidente da Cooperativa por dois mandatos, e, atualmente, é o vice-presidente. Durante a entrevista, contudo, seu marido estava hospitalizado devido a um acidente de trabalho.

Maia tem quarenta e três anos, estudou até a quarta série no colégio rural da sua comunidade, é agricultora e foi a primeira mulher a assumir um cargo de administradora na COOPFAM. Faz 25 anos que participa da Cooperativa e oito anos do MOBI. Foi a primeira coordenadora do grupo e uma das fundadoras. Além do café, produz tomates orgânicos, hortaliças, leite, queijo para o consumo, feijão, milho, fumo e têm galinhas e pomar, cultivados numa propriedade de seis hectares.

(...) a agricultura familiar não precisa de muita terra, porque a gente não trabalha só o café. Trabalhamos em um sistema de rotatividade, uma área produz tomate orgânico, feijão, milho, e, depois, a gente entra com o café no local, porque a gente entende que, quando faz esta integração, protegemos o solo e, no meio do café, plantamos milho, tomate e feijão. Enquanto forma a lavoura, nós produzimos alimentos integrados, e, quando o café fecha, nós abrimos o micro lote e começamos o mesmo processo (ENTREVISTADA MAIA, 2019).

Maia tem uma história muito marcante dentro da MOBI, já que, por ser uma grande liderança, incentiva muitas mulheres a participarem do grupo e a terem o seu café feminino. Além disso, incentiva os filhos a terem uma vida saudável e mais em contato com a natureza. A filha mais velha, inclusive, também é produtora de café feminino. E vende junto com a Maia sua produção por ainda não possuir terras em seu nome; o filho mais novo também trabalha com a família nas lavouras e demonstra muito interesse em continuar nas terras. A filha que cursa Pedagogia pensa em conciliar o trabalho na cidade e nas lavouras, porque ela adora cultivar tomates orgânicos.

ORQUÍDEA

Idade: 39 anos

Profissão: Agricultora

Tempo que trabalha na cafeicultura: *“há 15 anos , minha família é toda de agricultor. Meu pai, convencional; daí ele faleceu, eu e meu irmão peitamos o sítio”*.

Escolaridade: Tecnóloga em Meio Ambiente, Contabilidade e Agropecuária.

Conheci pessoalmente a Orquídea no dia da visita na casa da Melissa. Como foi um dia marcado por diversas atividades, não consegui entrevistar a Orquídea pessoalmente, por isso, a entrevista aconteceu por telefone.

Orquídea tem trinta e nove anos, é solteira e não tem filhos. Possui segundo grau completo, fez Tecnólogo em Meio Ambiente, Contabilidade e Agropecuária. Não possui cargo de gestão na COOPFAM, mas é presidenta do sindicato da sua cidade. Tem quinze anos de cooperativa e três anos de MOBI. Sua produção, em 2019, foi de 15 sacas (60kg), e conta com uma lavoura de dois mil pés de café orgânico feminino.

Ela reside em uma propriedade de doze hectares, com sua mãe e sua irmã, sendo ela a responsável pela propriedade, pois a irmã é comerciante na cidade e a mãe já é bem idosa. Segundo Orquídea (2019), “eu comecei meio pentelha na agricultura. Meu pai faleceu e eu fui mexer, trabalhava com contabilidade. Antes, era assalariada. Hoje, pago bem as contas, consigo comprar carro e sobra”. Para ela, o início foi o mais delicado. Depois, foi tomando gosto pelo trabalho e começou a se atualizar através de cursos:

Há 15 anos, minha família é toda de agricultor. Meu pai, convencional. Daí ele faleceu, eu e meu irmão peitamos o sítio. No começo, difícil. Muita gente engana a gente. Até aprender, mulher sofre preconceito. Tem coragem de enfrentar os problemas a gente fica mais forte. Faço o serviço de trator de toda propriedade. Um pouco estava plantado, eu que plantei mais 2.300. Depois, morreu da seca. Tem que fazer as replanta. O feminino já nasceu orgânico. A que herdei está em transição. Desde o início, eu sempre quis produzir orgânico. O povo da minha cidade achava que eu era louca. Nós procuramos a Emater, que me ajudou. Daí, a profissional nos

apresentou a associação de Poço Fundo. Já começou com a cooperativa. Fui convidada a participar da MOBI, é longe. Fica a 2h. Vou em reuniões 1 vez por mês (ENTREVISTADA ORQUÍDEA, 2019).

A Orquídea demonstrou interesse em abrir uma filial do grupo MOBI em seu município, pois pensa que seria uma forma de construir novos valores e de trazer mais mulheres para produzir café feminino.

Quadro 09 – Resumo do Perfil das Mulheres do Café Orgânico Feminino

Produtora	Idade (anos)	Profissão	Escolaridade	Tempo que trabalha na cafeicultura
1- Rosa	47	Agricultora	4ª série (ensino fundamental)	<i>“há 28 anos tenho minha ‘lavourinha’ de café”.</i>
2- Violeta	60	Agricultora, dona de casa e empresária	Mestrado em Zootecnia	<i>“Há 25 anos quando herdou as terras do pai”.</i>
3- Iris	70	Professora aposentada e agricultora	3º primário	<i>“Há sete anos sendo protagonista da sua lavoura”.</i>
4- Flora	40	Agricultora	4ª série (ensino fundamental)	<i>“a gente já foi nascida e criada nesta área de trabalho rural”.</i>
5- Jasmim	28	Agricultora	4ª série (ensino fundamental)	<i>“meus pais tinham lavoura. Depois que casei, passei a ter o meu café”.</i>
6-Margarida	65	Agricultora e doméstica	4ª série (ensino fundamental)	<i>“Eu já era produtora quando surgiu a cooperativa. Nosso café já tem 40 anos. O primeiro café que a gente plantou faz 40 anos”.</i>
7- Magnólia	50	Agricultora	4ª série (ensino fundamental)	<i>“faz 16 anos que o nosso café é orgânico”.</i>
8- Melissa	30	Agricultora, dona de casa e artesã	Ensino médio completo	<i>“Minha história com o café veio desde pequenininha quando meus avós eram agricultores”.</i>
9- Maia	43	Agricultora	4º série (fundamental)	<i>“Desde criança”.</i>
10- Orquídea	39	Agricultora	Tecnóloga em Meio Ambiente, Contabilidade e Agropecuária.	<i>“ha 15 anos, minha família é toda de agricultor. Meu pai, convencional; daí, meu pai faleceu, eu e meu irmão peitamos o sitio”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do campo (2019)

Levando em consideração o Quadro 09, pode-se observar que as dez produtoras do café orgânico feminino têm experiência com a lavoura e também com o campo. Além disso, muitas nasceram e cresceram na zona rural e aprenderam a cultivar o café com pais e avós.

Além da experiência com o plantio do café, existe uma relação afetiva com esse cultivo, uma relação familiar cultural, assim como com toda a região de Poço Fundo, que, historicamente, se destaca como uma região com alta qualidade na produção do café orgânico e sustentável.

A região sul de Minas Gerais é uma das regiões do estado com maior produção de café de qualidade, com uma produção voltada para o trabalho da agricultura familiar e em áreas de montanha.

No início dos anos 1970, a produtividade média dos cafezais locais era de apenas 3-5 sacas por hectare. Além de ter quintuplicado essa produtividade, **a cafeicultura se orienta em boa medida para uma produção de qualidade diferenciada**. A partir dos anos 1990, **Poço Fundo passou a ser considerada referência nacional na produção orgânica de café, com certificação de comércio justo, graças à COOPFAM**, e Machado se tornou um polo gerador e difusor de conhecimento em cafeicultura orgânica. Por sua vez, Campestre, que se posiciona como o sexto maior município produtor de café do Sul de Minas, **conta também com núcleos de agricultores familiares no âmbito da COOPFAM**. Tais aspectos conferem fortes implicações no desenvolvimento territorial, com uma notável contribuição da agricultura familiar, que, cada vez mais, favorece um reconhecimento dos múltiplos papéis da atividade agrícola (SILVEIRA E MARQUES, 2009, p. 233, grifos nossos).

Pode-se considerar, portanto, que a produção de café nesta região é cultural e histórica, fundindo-se com as histórias de vida das produtoras do café orgânico, que, com muito trabalho e luta, conquistaram seu nicho de mercado com a produção do Café Orgânico feminino e o Café Feminino Sustentável.

Diante do exposto, conclui-se que o Café Feminino é um café produzido por mulheres associadas da COOPFAM, sendo certificado conforme normas estabelecidas pela Certificação Participativa do Café Feminino (COOPFAM, 2019). As mulheres que protagonizam a produção desse café têm grande envolvimento com a produção e/ou gestão da sua unidade de produção.

4.5 CERTIFICAÇÃO PARTICIPATIVA DO CAFÉ FEMININO

Segundo dados da COOPFAM (2020), a Certificação Participativa do Café Feminino se configura com uma metodologia necessária para que a cooperativa comercialize o café com a marca Café Feminino, visto que seus objetivos incidem na promoção do protagonismo e visibilidade do trabalho da mulher na produção do café, motivando trocas de experiências e confiança na marca Café Feminino COOPFAM.

Para aderir a essa certificação, a produtora deve procurar o Departamento de Mulheres, Jovens e Idosos da cooperativa para iniciar os processos. Em seguida, o regulamento (as normas) da Certificação Participativa do Café Feminino é apresentado junto com um questionário, que inclui questões referentes à implantação da lavoura, manejo, pré-colheita, colheita, pós-colheita, comercialização, gestão, envolvimento e participação.

Feito o preenchimento do questionário, uma comissão será organizada para fazer uma visita na propriedade da produtora. Essa comissão é composta pelo Departamento de Mulheres, Jovens e Idosos, pelo Departamento técnico, por uma produtora do café convencional e por uma produtora do café orgânico. Nessa visita, a comissão irá conhecer a realidade da produtora para realizar uma soma de pontos de acordo com o questionário elaborado pelos especialistas responsáveis pela certificação, a qual vai de zero a cem, sendo que o valor mínimo para ser Café Feminino é de cinquenta pontos, uma vez que o pensamento é sempre em beneficiar todas as atividades das mulheres e suas idades variadas.

Esse questionário é constituído de cinco etapas, (1. implantação da lavoura; 2. manejo da lavoura, colheita; 3. pré-colheita, colheita e pós colheita; 4. comercialização e gestão e 5. envolvimento e participação), buscando o envolvimento das mulheres em todos os ciclos do café, inclusive nos cuidados com a terra, degustação e na participação dos campeonatos de cafés selecionados em todo o Brasil.

A Etapa 1 possui dez questões relacionadas à atividade de escolha do terreno para o plantio da lavoura e à quantidade de mudas que foram plantadas. Na etapa 2, são nove atividades relacionadas ao manejo do solo para o plantio e à manutenção da lavoura. Na etapa 3, são quinze atividades que perpassam pelo processo de colheita. Na etapa 4, são treze atividades envolvendo a comercialização do café e a compra de insumos, e, na etapa 5, são oito questões sobre a participação, tanto no grupo MOBI quanto na Cooperativa.

A participação das mulheres no grupo MOBI, uma vez que essa participação promove uma maior interação com o grupo e um reconhecimento da importância do trabalho da mulher na cafeicultura.

No ano de 2018, a COOPFAM deu início a mais uma linha de café feminino – o Café Feminino Sustentável, para somar à linha do Café Feminino Orgânico da Cooperativa. O café sustentável é aquele que está em período de transição do convencional para o orgânico. Sendo assim, durante três anos, todos os produtos químicos são substituídos por produtos orgânicos, que melhora a produtividade, preserva a lavoura, a água, a fauna e a flora. A Cooperativa

acompanha esse processo de transição através de assistência técnica, cursos, suplementos e treinamentos às mulheres interessadas.

No ano de 2019, foi inaugurado na Cooperativa o Departamento de Mulheres, Jovens e Idosos, com o gerenciamento de uma mulher, como uma forma de integrar ainda mais esses públicos nas atividades da Cooperativa, promovendo políticas e projetos para melhorar e promover o Empoderamento de ambos.

Para a validação da certificação participativa do café feminino, são necessárias a verificação de cinco etapas fundamentais.

Etapa 1- Implantação da lavoura – a produtora precisa relatar conhecimento sobre o tamanho da área produzida, espaçamento, quantidade de pés de café plantado, procedência das mudas, a forma como aconteceu o plantio, a coleta e a análise do solo, o alimento do café, a calagem e a adubação dos berços, a escolha das variedades das mudas, ou seja, todos os detalhes de como aconteceu o plantio da lavoura. Nessa etapa, a produtora pode fazer uma pontuação máxima de dez pontos.

Etapa 2 – Manejo da lavoura – a cafeicultora relata como faz a adubação, controle de pragas, análise do solo, podas, capina, roçada e produção de insumos. Nessa etapa, é exigido que a produtora saiba como se faz e porque faz o plantio da lavoura, podendo somar, no final, quinze pontos.

Etapa 3- Pré-Colheita, Colheita e pós-colheita - esta é uma etapa mais extensa, em que é perguntado à cafeicultora sobre a varreção, abanação do café, ensacamento, secagem no terreiro ou máquina, além da nota de venda da colheita, da derriça ou “panha”, do transporte até o terreiro e do planejamento da colheita. No geral, procura-se saber se existe um preparo em relação a todo o processo da colheita. Nessa etapa, a pontuação total é de 20 pontos.

Etapa 4- Comercialização e Gestão – a penúltima etapa de avaliação envolve a forma como a cafeicultora organiza sua comercialização, confere a qualidade dos grãos, acompanha o mercado através do preço do dólar, já que a maioria da produção é exportada, gera e assina a nota de venda, decide a hora certa de colheita controla os gastos, manejo, compra equipamentos e insumos, contrata e orienta a mão de obra caso seja necessário. Nessa etapa, a pontuação máxima é de trinta e cinco pontos, uma vez que o envolvimento na gestão da produção é muito importante para a apropriação de todo o processo do cultivo do café feminino.

Etapa 5 – Envolvimento e participação – a última etapa inclui a participação nos cursos de formação técnica oferecidos pela Cooperativa, nas reuniões dos núcleos, nos

eventos, nas visitas a outros agricultores para troca de experiências, recepção de visitas e participação no MOBI. Essa etapa tem uma pontuação máxima de vinte pontos.

Pode-se perceber, dessa forma, que, para haver uma boa pontuação, o trabalho feminino deve estar presente em todas as etapas do cultivo do café. Logo, esse sistema de certificação valoriza e ressalta a necessidade de apropriação por parte das mulheres não só das suas lavouras e da sua produção, mas também da gestão e comercialização.

4.6 ONDE O EMPODERAMENTO ACONTECE

As observações e dados coletados no campo permitem verificar que o Empoderamento passa por fases e que está muito relacionado com autonomia, independência financeira, coletividade, envolvimento organizacional, dentre outras características que serão detalhadas neste capítulo.

As dimensões que foram destaques na teoria e no campo estão relacionadas aos fatores econômico, organizacional, individual e coletivo, e podem ser melhor visualizadas no Quadro 10, onde foi sintetizado o estado da arte dessas dimensões.

Quadro 10 – Estado da Arte das Dimensões do Empoderamento Analisadas no Campo

Dimensões	Definição	Autores
Econômico	“Falar de ‘Empoderar as mulheres’ implica que o poder pode ser transmitido, e as mulheres são recipientes que podem ser infundidos com ele. Alegações de estar “Empoderando as mulheres”, engajando-as no mercado, conjuga poder ao dinheiro” (CORNWALL, 2018, p. 6). Segundo Oakley e Clayton (2003), o Empoderamento econômico acontece quando se obtém segurança econômica, ganha posse de bens produtivos e adquire habilidades empresariais.	Cornwall (2018); Oakley e Clayton (2003);
Organizacional	“O nível grupal e ou organizacional desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade” (KLEBA E WENDAUSEN, 2009 p. 733). “Em um contexto atual o Empoderamento é relacionado e absorvido nas novas práticas culturais das organizações pós-empresariais ou modernas.” (LIMA E FROTA, 2002, p. 2). “O Empoderamento organizacional é o empoderamento gerado na e pela organização” (BAQUERO, 2012, p. 177). Segundo Oakley e Clayton (2003), o Empoderamento organizacional está relacionado com uma Identidade coletiva, estabelecimento de uma organização representativa e uma liderança organizacional atuante.	Kleba e Wendausen, (2009); Lima e Frota (2002); Baquero (2012); Oakley e Clayton (2003); Quinn e Gretchen, (1999); Rodrigues e Santos (2011);

Individual	<p>“O Empoderamento pessoal e ou individual possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da liberdade” (KLEBA E WENDAUSEN, 2009 P. 733).</p> <p>“O Empoderamento individual se refere ao nível psicológico de análise. No nível individual, Empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida” (BAQUERO, 2012, P.176).</p> <p>“Isto porque o Empoderamento é um processo pessoal e político, cujas dimensões pessoais/internas e corporais não podem desvincular-se de suas conotações políticas, de impugnação das relações de poder vividas não somente nas relações familiares, nas quais os sujeitos vivem cotidianamente e, por sua vez, são parte da ordem social” (CRUZ, 2018, p, 104).</p>	Kleba e Wendausen, (2009); Baquero (2012); Cruz (2018);
Coletivo e/ou Comunitário	<p>“O Empoderamento comunitário envolve um processo de capacitação de grupos ou indivíduos desfavorecidos para a articulação de interesses, buscando a conquista plena dos direitos de cidadania, defesa de seus interesses e influenciar ações do Estado” (BAQUERO, 2012, p. 177).</p> <p>“O termo Empoderamento comunitário tem suas origens nos Estados Unidos, não é uma criação brasileira” (ROSO E ROMANINI, 2014, p. 90).</p> <p>“É preciso compreender que o processo de Empoderamento das mulheres tem que desenvolver uma nova concepção de poder, que assuma formas de democracia e poder compartilhado, favorecendo a construção de novos mecanismos de responsabilidade coletiva, da tomada de decisões e de responsabilidades” (CRUZ, 2018, p. 107).</p> <p>“A capacidade organizacional local se refere à capacidade das pessoas de trabalharem juntas, organizar-se, mobilizar recursos e resolver problemas de interesse comum. Grupos organizados são mais provável que as comunidades tenham suas vozes ouvidas e suas demandas atendidas” (DEEPA, 2002, p. 20).</p>	Baquero (2012); Roso e Romanini (2014); Cruz, (2018); Deepa (2002);

Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Ao longo das entrevistas, quando foi quando foi feita a pergunta “em sua opinião, o que seria o Empoderamento feminino?”, houve várias declarações das mulheres que me permitiram fazer um compilado das palavras que mais foram ditas e repetidas em relação a esta temática, sendo elas, não necessariamente nesta ordem: Departamento de Mulheres, Jovens e Idosos; café feminino; ocupação de espaços; **MOBI**; **grupo**; coletivo; comunidade; **independência**; igualdade; **força feminina**; transformação; respeito; humanidade; poder; **fazer**; **direitos**; **liberdade**; poder de fala; **tomada de decisão**; visibilidade; facilitar a vida; confiança; **participação**; integração; interação; proprietária; posse da terra; **trocas**; organização; deveres; consciência; **conhecimento**; enfrentamento; luta; **autonomia**; **escolhas**; feminismo; apropriação; **união**; **vencer**; **valorização**; **conquistas**; superação, **MOBI**. As palavras em negrito foram as mais repetidas pelas mulheres.

Esta seleção foi feita a punho com a ajuda no Word. Para isso, selecionei a fala das mulheres em relação à pergunta “o que significa o Empoderamento feminino para você?” e fui colocando palavras repetidas em destaque.

Quadro 11 – Empoderamento Feminino na Perspectiva das Mulheres do MOBI

Empoderamento	
Total de palavras	Palavras mais mencionadas
1- Departamento de Mulheres, Jovens e Idosos;	1. MOBI;
2- Café feminino;	2. Grupo;
3- Ocupação de espaços;	3. Independência;
4- MOBI;	4. Força feminina;
5- Grupo;	5. Fazer;
6- Coletivo;	6. Direitos;
7- Comunidade;	7. Liberdade;
8- Independência;	8. Tomada de decisão;
9- Igualdade;	9. Participação;
10- Força feminina;	10. Trocas;
11- Transformação;	11. Conhecimento;
12- Respeito;	12. Autonomia;
13- Humanidade;	13. Escolhas;
14- Poder;	14. União;
15- Fazer;	15. Vencer;
16- Direitos;	16. Valorização;
17- Liberdade;	17. Conquistas;
18- Poder de fala;	18. COOPFAM.
19- Tomada de decisão;	
20- Visibilidade;	
21- Facilitar à vida;	
22- Confiança;	
23- Participação;	
24- Integração;	
25- Interação;	
26- Proprietária;	
27- Posse da terra;	
28- Trocas;	
29- Organização;	
30- Deveres;	
31- Consciência;	
32- Conhecimento;	
33- Enfrentamento;	
34- Luta;	
35- Autonomia;	
36- Escolhas;	
37- Feminismo;	
38- Apropriação;	
39- União;	
40- Vencer;	
41- Valorização;	
42- Conquistas e	
43- Superação.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base no trabalho de campo (2019)

Como pode ser observado no Quadro 11, um total de 43 palavras foram mencionadas nas entrevistas relacionadas ao Empoderamento Feminino, sendo que, destas, 18 foram mencionadas mais de uma vez, corroborando que essas palavras têm uma forte conexão para as mulheres com o tema Empoderamento.

De acordo com Oakley e Clayton (2003, p. 12), o Empoderamento pode ser apresentando de três formas distintas:

O poder como maior confiança na **capacidade pessoal** para levar adiante algumas formas de ação; o poder como aumento das relações efetivas que as pessoas desprovidas de poder podem estabelecer com outras **organizações**; o poder como resultado da ampliação do acesso aos **recursos econômicos**, tais como crédito e insumos. (grifos nossos) (OAKLEY; CLAYTON, 2003, p. 12).

De maneira análoga, Baquero (2006) diz que o empoderamento acontece nos níveis individual, organizacional e comunitário. No nível individual, ele está relacionado ao comportamento do indivíduo ao psicológico. Em nível organizacional, à capacidade de formação de redes participativas que buscam transformações, e, em nível comunitário, quando o grupo consegue se articular com bases sólidas e com objetivos comuns, políticos e sociais.

Na visão da entrevistada Rosa (2019), o Empoderamento Feminino inicia “a partir do momento que você consegue chegar ali no **grupo** e começa a tomar gosto pelo ideal daquele **grupo**. Todo mundo vai se desenvolvendo e melhorando. A comunidade toda vai melhorando”.

Na visão da entrevistada Flora (2019), seria “a gente ter a **liberdade** de expressar aquilo que a gente sente”. Para a entrevistada Jasmin (2019) “você ser mais **valorizada**, porque tem muito isso de que a mulher não pode. Acho que **pode**, sim, trabalhar na área que quiser”.

Já na visão da entrevistada Violeta (2019),

O Empoderamento feminino, não sei se eu estou bem certa, eu entendo assim, que é esta **força** feminina, né?!, de ir além do que ela tá acostumada, de ela sentir que ela pode transformar, se **transformar** e transformar uma sociedade. Agora, Empoderamento está mais ligado a **força** e o feminino é aquela coisa do toque feminino. A gente tem a força feminina e masculina, e cada um com suas características. A força masculina é pegar o peso, o feminino é o lacinho de fita, aquele detalhezinho. Fazer uma dança é o feminino.

A entrevistada Ires (2019), por sua vez, disse o que, para ela, seria o Empoderamento Feminino;

Entendo que a mulher empoderada é a mulher ter o **poder** de **fazer** as coisas. Feliz de nós que podemos chegar nisso, eu posso falar, tenho o meu **direito** e o outro tem

que me ouvir, porque, antes, nós não podíamos falar, porque ninguém aceitava que a gente falava. Ninguém queria ouvir. Agora, eles têm que abaixar a cabeça e ouvir.

Considerando que, na literatura de uma forma geral, foram encontradas quatro dimensões básicas que caracterizam o Empoderamento Feminino, no quadro 12, foram relacionadas às dimensões e as palavras mais mencionadas pelas mulheres entrevistadas e as relações entre elas.

Quadro 12 – Dimensões do Empoderamento Feminino e as palavras relacionadas

Dimensões do Empoderamento Feminino	Palavras Relacionadas
Econômica	Fazer; direitos; tomada de decisão; participação; trocas; conhecimento; valorização; conquistas; COOPFAM.
Organizacional	MOBI; COOPFAM; fazer; direitos; tomada de decisão; participação; conhecimento; união; vencer; valorização; conquistas.
Individual	Independência; força feminina; fazer; direitos; liberdade; tomada de decisão; conhecimento; autonomia; escolhas; vencer; valorização; conquistas.
Coletiva e/ou comunitária	Grupo; fazer; direitos; tomada de decisão; participação; trocas; conhecimento; escolhas; união; vencer; valorização; conquistas; COOPFAM.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2019)

Percebe-se, portanto, que muitas palavras mencionadas podem ser relacionadas com mais de uma dimensão, sugerindo que há uma correlação entre as dimensões apresentadas, o que faz acreditar que exista uma necessidade das dimensões do Empoderamento se complementarem de uma forma mais direta.

4.7 DIMENSÃO ECONÔMICA

As mulheres organizadas vêm desempenhando um papel muito importante para a equidade de gênero em várias esferas da sociedade. Através desta união, acontece o fortalecimento do grupo, e, dessa forma, o Empoderamento surge como resultado de toda a luta e busca por melhores condições de vida.

A questão financeira é um fator muito relevante em relação ao Empoderamento dessas mulheres rurais pesquisadas.

O meu café é vendido. **Daí, o dinheiro cai na minha conta no banco.** Tipo roupas do meu marido, sou eu que compro, coisa de decoração e coisas para casa sou eu que compro, os presentes dos afilhados que não são poucos (risos). Porque, às vezes, eu pedia dinheiro para comprar alguma coisa e ele não concordava achando que não

era bom. **Agora, hoje, eu não preciso disso. Quando eu quero, eu vou lá e compro e eu não preciso falar com ele. Então, é uma liberdade** (ENTREVISTADA ROSA, 2019, grifos nossos).

Antes de ser cooperada, eu já tinha a minha lavoura de café, portanto era o meu marido que vendia. Quando eu precisava, ele tinha que me passar o dinheiro. Aí, depois que eu fui cooperada, tive minha conta no banco. Meu dinheiro vai direto para minha conta e eu vou retirando na medida em que eu vou precisando. Assim, é uma liberdade, porque, às vezes, eu tinha que depender do marido ir lá pegar o dinheiro para me passar. Agora, não eu já tenho o meu cartão. Eu vou lá, compro e não preciso depender dele. Então, é uma liberdade. (ENTREVISTADA REGINA, 2019).

Pode-se observar, na fala da entrevistada Rosa (2019), que sua independência financeira inclui a possibilidade de conseguir proporcionar uma melhor condição para seus familiares. Em outros relatos, a utilização dos recursos para a manutenção familiar também foi destaque, e uma sensação de contribuição e bem-estar pode ser ressaltada. Foi perguntado: para você, como mulher, como é ter dinheiro? “Sempre foi junto e ainda continua junto”. O marido compra o que precisa. Os filhos e eu também compramos o que precisamos, mas tudo tem o diálogo” (ENTREVISTADA MAGNÓLIA, 2019).

Na fala da Entrevistada Hortência (2019), uma jovem de dezessete anos que aprendeu desde muito cedo a importância de ter sua renda, e que a sua qualidade de vida tinha relação direta com as atividades da agricultura familiar desempenhada pela sua família, também se observa isso. A Hortência relatou que gosta muito das atividades manuais e que está iniciando sua lavoura de café feminino para poder melhorar sua renda. Além de cursar Pedagogia, ela tem uma plantação de tomates orgânicos.

... eu nunca tive mesada e **nunca pedi dinheiro para os meus pais**, porque isso me dá nos nervos (risos). Então, o que eu fazia era: colhia meia caixa de tomate e ganhava oito reais. Esse era meu estilo de vida. Naquela época, oito reais davam para fazer muita coisa. Quando eu tinha dez anos, já tinha meu dinheiro. Claro que remédios, material de escola, nunca fui eu que paguei, mas a faculdade hoje sou eu que pago, com o dinheiro do café. É claro que melhorou muito depois do meu café (ENTREVISTADA HORTÊNCIA, 2019, grifo nosso).

No dia dezessete de maio de 2019, foi realizada a primeira visita da equipe da COOPFAM e MOBI para certificar a primeira produtora do Café Orgânico Feminino, e contava com a presença de uma técnica agropecuária, dois pesquisadora do Instituto Federal de Alfenas, seis mulheres produtoras do café orgânico feminino, uma pesquisadora de mestrado do Instituto Federal de Alfenas e a responsável pelo departamento de Mulheres, Jovens e Idosos da Cooperativa. O trabalho de certificação do Café Orgânico Feminino teve início em janeiro de 2019. Uma pesquisadora do Instituto e também colaboradora do MOBI

trouxe em sua fala a questão da importância do Empoderamento financeiro das mulheres rurais.

Antes a gente achava que só homem entendia de números, dinheiro. Para as mulheres, ficava o serviço, porque ela era considerada menos inteligente. Até hoje, muita gente acha que a mulher não tem a mesma capacidade. Então, a gente quer mostrar isso, a mulher é capaz de estar onde ela quiser, ela pode estar onde ela quiser (COLABORADA DA MOBI, 2019).

Verifica-se, portanto, que o MOBI vem atuando desde 2006 como um grupo formado por mulheres que se organizaram em busca de representação política e social dentro da Cooperativa. Através dessa união, as mulheres despertaram para a importância do trabalho coletivo no campo, sendo que, dentro desta cadeia de produção do café feminino, a geração de renda é muito importante no Empoderamento econômico delas. Dessa forma, como uma mulher acaba por empoderar a outra, é formada uma corrente de mobilização em busca de reconhecimento e valorização do trabalho feminino.

4.8 DIMENSÃO ORGANIZACIONAL

Segundo Oakley e Clayton (2003), o Empoderamento organizacional está relacionado com uma identidade coletiva, com o estabelecimento de uma organização representativa e com uma liderança organizacional atuante.

Levando isso em consideração, entende-se que o fato de estarem inseridas em uma cooperativa promoveu de forma positiva o Empoderamento das mulheres pesquisadas. Segundo a Entrevistada Rosa (2019),

Depois que a gente começou a participar da COOPFAM a convite de um cunhado meu, o nosso crescimento foi muito grande. O meu marido começou a fazer viagens, a participar ativamente da vida da cooperativa. Através disso, eu já conheci muitos lugares: fomos nas Olimpíadas do Rio de Janeiro vendendo café. Ficamos lá uma semana. Foi um sofrimento muito grande, porque o trabalho lá era muito puxado, mas a gente cresceu muito depois disso. Para você saber o que consumidor procura, para você estar melhorando a qualidade do café, quando você vai diretamente no consumidor, você consegue o que ele está buscando, e assim podemos adaptar nossa produção. Essa aproximação do produtor com o consumidor é muito bom.

Nessa fala, pode ser destacado que a organização teve relação direta com o Empoderamento financeiro da Rosa, já que, ao mesmo tempo que para ser cooperada, ela precisou ter uma propriedade em seu nome, assim como uma conta bancária aberta e ativa também no seu nome. Logo, as normas da organização faz com que as mulheres sejam inseridas no sistema financeiro.

No entanto, vale mencionar que esse fator pode ser excludente, pois, na Cooperativa, atualmente, o fato de haver um maior número de cooperados homens em relação às mulheres, segundo alguns relatos, deve-se ao fato de elas não terem terras em seu nome para poderem se tornar cooperadas. A jovem Hortência (2019), por exemplo, que mora nas terras do avô, precisa esperar ter terra em seu nome para poder cooperar. Enquanto isso, ela vai produzindo café feminino junto da mãe, e, com a renda, ela paga sua faculdade de Gestão do Agronegócio.

Para a Entrevistada Ires, a Cooperativa contribuiu de forma direta para a melhoria da qualidade de vida de toda sua família.

[...] depois da COOPFAM, melhorou muito, até em **conhecimento**, porque, cada dia que você reúne, você aprende um pouquinho. A gente nunca pode dizer que a gente sabe tudo, porque a gente não sabe, e a gente quer está aqui na lavoura. A gente recebe e leva **conhecimento**, o que melhorou foi nisso, porque, nesta quantia de terra, não tinha como fazer outra coisa. (ENTREVISTADA IRES, 2019, grifo nosso).

De acordo com Oakley e Clayton (2003, p. 11), “o poder também está relacionado com o conhecimento, o qual consiste em uma fonte de poder e em uma forma de adquiri-lo”. As falas da entrevistada Maia corroboram a assertiva dos autores, pois, segundo ela:

Depois que a gente começou a participar da COOPFAM a convite de um cunhado meu, foi um crescimento muito grande. O meu marido começou a fazer viagens, participava ativamente da vida da cooperativa. Através disso, eu já conheci muitos lugares, fomos nas Olimpíadas do Rio de Janeiro vendendo café (ENTREVISTADA MAIA, 2019).

Me sinto muito valorizada no MOBI e na cooperativa. Acho que eles me respeitam bastante. No dia da inauguração da cafeteria, o presidente me convidou para cortar a fita e abrir a porta. Nossa! Eu fiquei numa emoção! Porque eu não sabia que eles iam fazer aquilo. Nossa! Foi muito gostoso! Porque assim eu percebi que eles estavam reconhecendo o trabalho que eu estava fazendo pela cooperativa [...] (ENTREVISTADA MAIA, 2019).

De acordo com Rodrigues e Santos (2011), dentro das organizações, precisa haver um aprimoramento das dimensões do Empoderamento, quais sejam: uma abertura da visão dessa organização a todos os envolvidos; uma estrutura organizacional propícia à participação, uma reponsabilidade em disseminar o conhecimento e favorecer o aprendizado e uma clara demonstração da valorização do colaborador dentro da organização.

Em contrapartida, em uma pesquisa feita por Quinn e Preitzer (1999), os autores constataram que existem três barreiras principais que várias organizações praticam que desencorajam as pessoas a atuarem de forma empoderada, são elas: uma cultura burocrática, conflitos de vários níveis e restrições do tempo de atuação dos seus colaboradores.

A primeira barreira, a cultura burocrática, é baseada numa estrutura com várias parcelas de hierarquia que dificultam a mudança, portanto “uma cultura burocrática inibe o Empoderamento criando barreiras à mudança e ao aprendizado” (QUINN; PREITZER, 1999, p. 8).

Outra barreira que inibe a atuação de ações empoderadas nas organizações são os conflitos multiníveis, pois “o conflito entre pares é o resultado de um sistema de gerenciamento de desempenho que coloca as pessoas umas contra as outras em busca de aumentos e promoções, criando competição em vez de colaboração” (QUINN; PREITZER, 1999, p. 8).

A terceira barreira é a intensa restrição do tempo conferida ao pessoal para desenvolver suas funções. Logo, trabalhar sobre pressão ou desenvolver mais de uma função acaba sobrecarregando e desmotivando os colaboradores. Sendo assim, fica difícil pensar em inovar ou atuar de forma empoderada nas atividades.

Levando isso em consideração, o ideal seria as organizações construírem um espaço favorável ao estímulo e à propagação do Empoderamento em todas as esferas de atuação, visto que indivíduos empoderados desenvolvem novas perspectivas e experiências para novas descobertas, podendo compartilhar histórias de sucesso que ajudam a diagnosticar problemas e a desenvolver estratégias apropriadas de solução. Ademais, eles constroem redes para expandir sua base de poder na organização. Estas experiências e perspectivas, por sua vez, estimulam os indivíduos a ressignificarem os seus papéis, tornando o processo de Empoderamento um ciclo constante de renovação (QUINN; PREITZER, 1999).

Na pesquisa de campo, pôde ser observado que tanto o grupo MOBI, quanto a Cooperativa favorecem o desenvolvimento do Empoderamento das integrantes, embora algumas mulheres acreditem que a Cooperativa pode melhorar em várias esferas, principalmente na sua estrutura hierárquica. Quando foi perguntado, por exemplo, se elas acreditavam que a cooperativa e a MOBI favorecia o Empoderamento de seus membros, uma das respostas foi:

Eu acredito que promove o Empoderamento, sim, porque, no grupo, você sabe o que você faz e é algo que você gosta. Talvez, você tenha um atrito em casa com seu marido, mas, aí, você fala que vai largar de mão e deixa por conta do marido. Entretanto, quando você entra no MOBI e vê aquele monte de mulher cuidando dos seus cafés e enfrentando as mesmas dificuldades, você vê que é normal e vai lutar por esta causa. Por isso faz muita diferença estar no grupo MOBI e na COOPFAM também. No entanto, o protagonismo da mulher é o MOBI que faz, porque a cooperativa ainda tem suas resistências (ENTREVISTADA MELISSA, 2019).

Portanto, o MOBI representa a materialização do Empoderamento dessas mulheres, assim como o Café Feminino é o produto desse processo de Empoderamento, conquistas que foram adquiridas através de muito empenho individual e coletivo; lembrando que o motivo para se ter a primeira cooperada foi o fato de seu marido ter falecido e ela ter que assumir o seu posto. Esta cooperada, cabe destacar aqui, se via sozinha e sem apoio ou força para construir uma realidade diferente e inclusiva. Portanto, o primeiro passo para ser construída uma força coletiva adveio do impulso de uma mulher que se desafiou e serviu de exemplo para todas as outras que vieram depois.

4.9 DIMENSÃO INDIVIDUAL

A luta das mulheres em busca de seus espaços acontece de forma muito solitária, dado que, historicamente, elas foram condicionadas a sacrificar suas necessidades pelo bem estar do outro. Logo, em muitas ocasiões, elas aceitam a ideia de ficar em segundo ou terceiro plano em benefício do parceiro, dos filhos, do colega de trabalho ou dos familiares em geral (DELGADO, 2013).

No que se refere ao Empoderamento individual, Baquero (2006) diz que ele acontece através de uma habilidade pessoal de adquirir conhecimento e consciência de suas próprias capacidades e competências, bem como do direcionamento de seus propósitos de vida.

O Empoderamento individual se refere ao nível psicológico de análise. No nível individual, Empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas (BAQUERO, 2012, p. 176).

Corroborando com essa ideia, Delgado (2013, p. 102) diz que “Empoderamento e autonomia são processos indissociáveis no desenvolvimento da mulher, por um lado, empoderar permite ser autônoma e, por outro lado, ter autonomia permite empoderar-se”. Ou seja, a autonomia está muito atrelada ao processo individual de ir e vir; logo, ter poder é conseguir tomar decisões de forma individualizada, baseadas no respeito das particularidades dos sujeitos.

Com base nas entrevistas, foi observado que, inicialmente, o nome do grupo era Mulheres Organizadas Buscando Independência, e, após vários debates, passou a se chamar Mulheres Organizadas em Busca da Igualdade. O questionamento que gerou a troca do nome

do grupo em 2016 teve por base o entendimento de que elas são livres e independentes e a luta já não era mais em prol desse objetivo, mas, sim, por igualdade.

Estes resultados remetem ao estudo de León (2001, p. 97), que menciona que “o Empoderamento como autoconfiança e autoestima deve integrar-se em um sentido de processo com a comunidade, a cooperação e a solidariedade”. Ainda segundo o autor,

Uma das contradições fundamentais do uso do termo ‘Empoderamento’ se expressa no debate entre o Empoderamento individual e o coletivo. Para aqueles que o usam a partir da área do indivíduo, com ênfase nos processos cognitivos, o Empoderamento se circunscreve ao sentido que os indivíduos se autoconferem. Tomo um sentido de domínio e controle individual, de controle pessoal. E ‘fazer as coisas por si mesmo’, e ‘ter êxito sem a ajuda dos outros’. Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioritários os sujeitos independentes e autônomos com um sentido de domínio próprio, e desconhece as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sócio-político, histórico, do solidário, do que representa a cooperação e o que significa preocupar-se com o outro (LEÓN, 2001, p. 96).

A partir do discurso das entrevistadas, também foi identificada a necessidade de maiores esforços voltados para a busca de espaços onde elas se identificassem e se sentissem úteis na sua capacidade individual e de propósito de vida.

Depois do MOBI, esta questão financeira mudou ainda mais. Antes do MOBI, eu vinha com meu marido na cidade, ele chegava na COOPFAM para fazer as coisas dele e eu ficava dentro do carro, porque eu era muito tímida. Aí, um dia, ele falou que tinha umas mulheres se reunindo e que era para eu ir lá para conhecer. Então, eu fui, e comecei a participar das reuniões delas, **mas o projeto que elas estavam estudando, nessa época, era montar uma cozinha industrial aqui na cidade para elas produzirem doces e quitandas para revender e aumentar a renda da família. Mas, como eu tinha dificuldade de estar vindo na cidade, porque eu não dirijo, eu vi que aquilo não ia acrescentar muito para mim. Aí, eu me afastei e não participei mais.** Depois de um tempinho, por coincidência, eu acabei caindo na reunião de novo, e, quando cheguei lá, elas estavam fazendo a troca de coordenadora, porque a Maia estava lá há um bom tempo e ela queria sair. Por isso, eles precisavam de alguém para pegar como coordenadora. Então, **no primeiro dia que eu cheguei lá, já me colocaram: eu entrava como coordenadora e a Maia ia me dando apoio. Assim, eu ia aprendendo, e, quando eu aprendesse, eu assumia** (ROSA, 2019, grifo nosso).

No trecho da fala da Rosa, fica evidenciado que o projeto para cozinhar de forma profissional não chamou sua atenção, não tendo ressonância com seus objetivos pessoais; por isso, foi abandonado de início. Mas, num segundo momento, apesar da dificuldade em participar das reuniões, assim como no primeiro projeto, ela já se identificou com o trabalho para a construção do Café Feminino, tarefa que já fazia parte do seu cotidiano e de seus objetivos. Dessa forma, mesmo ela sendo uma mulher muito tímida, o esforço individual em prol de um objetivo próprio e também coletivo fez com que ela já assumisse uma

coordenadoria, no intuito de transformar o seu trabalho individual em algo que pudesse auxiliar nos seus projetos pessoais, profissionais e financeiros.

Outro elemento que exerce uma forte influência sobre o processo do Empoderamento individual é carência de reconhecimento de habilidades da mulher desvinculadas da figura de mãe e esposa. No relato da Melissa e Maia (2019),

Às vezes, eu deito para dormir com a consciência um pouco pesada, porque eu não fico fazendo todas as vontades dos meus filhos. Mas eu penso que, se eu não ensinar aqui, na hora que eles forem para o mundo, vão tomar uma surra. Tadinha de mim se eu não me cuido. Senão, tenho que cuidar de tudo sozinha.

Que tenha dentro dela um sentimento de bem-estar de gostar dela, e ter força para superar os problemas, porque, se sentir forte só nos momentos fáceis, é muito simples. Ser empoderada é ser forte diante das coisas mais complicadas. E eu já passei por muitas complicações pessoais, e eu me sinto uma vencedora. Sei que tem mulheres próximas de mim, e pessoas que eu não conheço, com problemas muito maiores do que o meu. Sei que tem mulheres empoderadas em todo canto do mundo. Elas só não são identificadas, mas, que tem, tem. Não somos únicas, não. Tem muitas.

Diante dessa realidade, pode ser observada a importância da mulher se reconhecer como ser empoderado, que sabe para onde caminhar, mesmo não sendo uma trajetória simples, visto que ela precisa de suporte e do apoio dos familiares e grupos próximos.

Nessa perspectiva,

A imagem simbólica das mulheres como esposas e mães abnegadas foi construída como não-cidadã ou como não capazes de cidadania porque seu papel estava destinado a ser eminentemente familiar, ou seja, o de responsável pela unidade familiar. **Desta forma, ‘as necessidades’ das mulheres demoraram para ser reconhecidas como direitos individuais** e, ao contrário, foram definidas como um limite para a capacidade de cidadania; por sua vez, os deveres das mulheres foram utilizados como razão da sua exclusão da própria cidadania (LISBOA E MANFRINI, 2005, p. 69, grifo nosso).

Portanto, existe uma barreira social e, também, individual para que as mulheres consigam alcançar objetivos pessoais e se sentir plenas em seu trabalho, visto que, por vezes, elas se sentem culpadas por estarem seguindo seus objetivos, mesmo sendo para melhorar a vida da família. Para as entrevistadas, vale destacar, é importante seguir seus sonhos, mas sem abandonar a família, uma vez que o “fazer junto” faz muito mais sentido para elas.

4.10 DIMENSÃO COLETIVA E /OU COMUNITÁRIA

A promoção das políticas públicas em prol do Empoderamento das comunidades tem como base os processos sustentáveis de gestão e de recursos envolvendo os diferentes atores,

como os trabalhos desenvolvidos pelas ONGS e as organizações do terceiro setor no geral (associações e cooperativas), e os movimentos sociais e os organismos da cooperação internacional. A respeito disso Gohn (2004, p. 23), afirma que “o Empoderamento da comunidade, para que ela seja protagonista de sua própria história, tem sido um termo que entrou para o jargão das políticas públicas e dos analistas, neste novo milênio”.

Em vários momentos das visitas no trabalho de campo, foi ressaltada a importância do grupo, bem como o desafio de conseguirem se organizar, como pode ser observado nestas falas.

Eu vejo que antes era assim: eu tenho para mim e não importa os outros. Hoje, a gente já pensa assim: se eu tenho para mim, eu quero para o outro também. O mesmo que eu tenho, então tem que ser coletivo. O que é bom para mim tem que ser bom para todas. É o nosso lema. (ENTREVISTADA MAGNÓLIA, 2019).

Em momentos de muita dificuldade, eu tive o apoio das minhas amigas. Eu sinto que isso é o valor do grupo. Quando o meu marido faleceu, eu tive o apoio da família, independente da cooperativa. Mas o delas era um apoio diferente por serem mulheres. Elas vieram fazer visita aqui e tinha uma delas que estava fazendo aniversário. Daí, fizeram surpresa para mim e trouxeram flores, bolo, refrigerante. Chegaram aqui, falaram que vieram comemorar os aniversários junto comigo, e eu chorei tanto, mais tanto, porque eu já estava chorando. É um choque muito grande para gente. (ENTREVISTADA IRES, 2019).

Como poder ser observado nesse trecho da entrevista com a Rosa (2019) “... aí você começa a tomar gosto, começa a ver os projetos, começa a ter ideia do que vai ser bom para o coletivo. Então, a partir daí, você vai crescendo junto”.

O coletivo é muito importante, você vê que tem dificuldades, mas o outro também tem, a gente aprende com o outro, a sua família crescer porque ali você ganha um monte de irmãs, os problemas delas é o seu problema, as alegrias delas são as tuas alegrias né, nossa é muito bom à pessoa cresce muito como ser humano, participando do coletivo. (ENTREVISTADA REGINA, 2019).

Em determinado momento das entrevistas, foi perguntado às mulheres se elas acreditavam que o MOBI promove o Empoderamento feminino:

Eu acredito que promove o Empoderamento, sim, porque, no grupo, você sabe o que você faz e é algo que você gosta. Talvez, você tenha um atrito em casa com seu marido e você fala que vai largar de mão e deixa por conta do marido. Aí, quando você entra no MOBI, e vê aquele monte de mulher cuidando dos seus cafés e enfrentando as mesmas dificuldades, você vê que é normal e vai lutar por esta causa. Faz muita diferença estar no grupo MOBI e na COOPFAM também. No entanto, o protagonismo da mulher é o MOBI que faz, porque a cooperativa ainda tem suas resistências. (MELISSA, 2019).

Contribui, sim. No passado, a gente teve mais dificuldades, porque era um assunto novo e a cultura em si não vê isso como importante. Então, se a gente não vê importância, a gente não se dedica, e, se não se dedica, ela pode ficar de lado. Mas,

para fluir, tem que ter prioridade e a COOPFAM, hoje, está como prioridade com este novo mandato. Eu acredito neste novo, não que os outros tenham sido ruins. Eles foram diferentes. Eles trabalharam com outras prioridades, e foi bom. (MAIA, 2019).

Vale ressaltar que a organização e formação dos grupos em esfera pública dentro da cooperativa COOPFAM tem como fundamento o trabalho de base, que é a formação dos conselhos com o incentivo da participação eficiente dos atores. A participação das mulheres nos variados departamentos e esferas da Cooperativa foi muito importante para o fortalecimento do coletivo, do engajamento e da reprodução do conhecimento desse coletivo em esfera pública e privada.

Partindo dessa perspectiva, Gohn (2004, p. 29) diz que “o chamado trabalho de base é fundamental para alimentar e fortalecer a representação coletiva nos colegiados da esfera pública”, a qual “adentra nos espaços públicos, dialogando com os seus grupos organizados e realizando parcerias em ações conjuntas com os mesmos”. Ressalta-se que as decisões tomadas dentro dos grupos precisam ter princípios democráticos, com muito diálogo em prol de interesses coletivos e não individuais e/ou exclusivamente corporativos.

Na visão da entrevistada Magnólia, pode ser considerada a ideia de que o seu fortalecimento depende da ruptura com o olhar individual, em prol de objetivos compartilhados de forma grupal.

Eu vejo que antes era assim: eu tenho para mim e não importa os outros. Hoje, a gente já pensa assim: se eu tenho para mim, eu quero para o outro também. O mesmo que eu tenho, então tem que ser coletivo. O que é bom para mim tem que ser bom para todas. É o nosso lema. (ENTREVISTADA MAGNÓLIA, 2019).

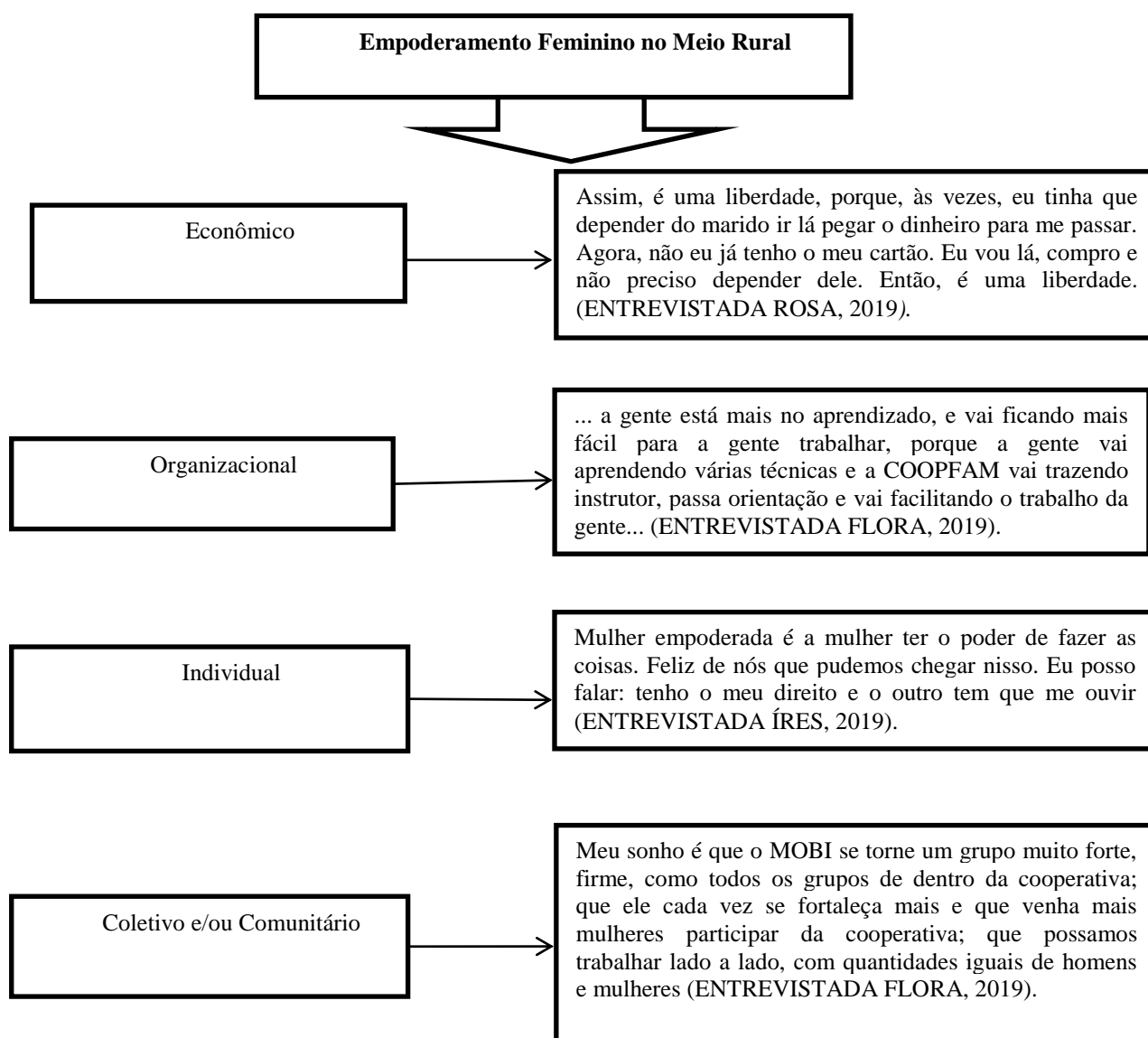
De acordo com Melissa (2019), o que o Empoderamento feminino através do trabalho do MOBI pretende mudar culturalmente é:

A gente pretende mudar o olhar da sociedade em relação à mulher, porque mulher é igual ao homem, não tem diferença nenhuma. Ela não é um objeto. Não estamos aqui para ser vendidas, mas para ser reconhecidas pela profissão, pela inteligência, pela capacidade, pelo desenvolvimento do trabalho. Não pela estética, mas, se você quer viver no salão, toda arrumada, ótimo! É maravilhoso! Mas que não seja pela beleza que a mulher seja reconhecida. Lindas, todas nós somos (risos).

Ainda em relação ao Empoderamento coletivo, Delgado (2013, p. 98) afirma que “as mulheres organizadas lutam para obter, por meio do trabalho, um espaço de participação e igualdade de oportunidades com os homens. Por meio de sua organização, buscam expor suas ideias e necessidades, a partir de seu espaço privado, e forjar mudanças para uma nova relação”. Ou seja, é necessário incluir uma nova forma de se relacionar o feminino e o masculino dentro dos grupos e das organizações.

Como fechamento do assunto, a Figura 5 compila as quatro variáveis de Empoderamento encontrado no campo: o econômico, o individual, o organizacional e o coletivo ou comunitário. Para ressaltar este resultado, a continuação, são ressaltados pequenos trechos das entrevistas com as falas das pesquisadas.

Figura 5 – Resumo das Características do Empoderamento Feminino Encontrados no Campo



Fonte: Elaborado com base na pesquisa de campo (2020)

4.11 O TRABALHO DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR - DA CASA À LAVOURA

No dia 8 de março de 2019, dia internacional da mulher, houve um evento especial organizado pela COOPFAM para as mulheres comemorarem essa data. Nele, fui recebida com sorrisos e grande disponibilidade de contribuição por aquelas mulheres: foi o início de uma jornada que me encantava e me fazia querer conhecer as histórias por trás daqueles rostos. Conforme anotei à época, “o meu primeiro contato foi com a Hortência, uma jovem cheia de afazeres, porque, aquele dia, demandou muito do seu tempo e trabalho, mas ela parou e me ouviu, sentada no restaurante, nos seus minutos de descanso depois do almoço”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Figura 6. Encontro de Mulheres COOPFAM



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A primeira atividade consistiu numa reunião mensal do grupo MOBI, tendo como pauta a organização das atividades já desenvolvidas e as demandas necessárias. Contava com a presença de 15 mulheres do grupo, dentre elas estavam as produtoras de café que fazem parte do Café Feminino, as que fazem artesanato com a borra do café e as que produzem flores: um total de 30 mulheres.

No evento, aconteceu uma linda homenagem para o projeto “Mulher importante”, através da qual, várias pessoas homenagearam a mulher do grupo que representava a “base de tudo” por ser uma das fundadoras da Cooperativa e a primeira mulher a ter uma cota e a votar na cooperativa. Pelo fato de ela se sentir sozinha neste processo de ter uma mulher na tomada de decisão, ela buscou parceria nas suas companheiras, as quais, por sua vez, se inspiraram na sua coragem e começaram a buscar os seus direitos e a descobrir potenciais que antes estavam

adormecidos. Em síntese, foi necessário haver uma mulher para abrir as portas para as demais entenderem a importância de irem em busca de seus objetivos e sonhos. A força do coletivo, portanto, modificou a vida de várias mulheres da MOBI.

Figura 7 – Espaço das Reuniões



Fonte: Pesquisa de Campo (2019)

O evento aconteceu no salão paroquial da Igreja Matriz, espaço cedido pela igreja, e teve início às 14:00h. Primeiramente, houve uma oração com todos de mãos dadas, agradecendo e pedindo pela concretização de um ótimo encontro. Em seguida, foi feita uma breve apresentação do grupo, para, por fim, ocorrer a passagem de bastão da gestão do grupo para uma nova integrante.

Figura 8 – Encontro das Mulheres da COOPFAM



Fonte: Imagens da pesquisa de campo (2019)

Em outra parte do encontro, ocorreu o início das etapas de validação do Café Feminino, onde as mulheres presentes conseguiram entender em quais pontos deveriam focar

para que seu café atingisse a qualidade exigida para obter esta classificação. Houve como demanda, também, a construção de um catálogo de fotos para a descrição do grupo, trabalho para o qual eu me disponibilizei: este foi um processo que construí junto com o grupo ao longo da minha pesquisa.

Além disso, foi discutida nessa reunião a importância de se buscar oportunidades iguais para as mulheres do campo, a necessidade da valorização do trabalho de todas e a possibilidade de incluírem mais mulheres nas tomadas de decisão dentro da COOPFAM e do grupo MOBI, uma vez que a participação delas é fundamental nas demais atividades promovida pela COOPFAM e pelo grupo MOBI.

Três pontos relevantes puderam ser observados diante dessa realidade; 1) a importância do papel de uma liderança para promover uma transformação cultural e organizacional; 2) por razões estruturais, mais precisamente dos papéis sociais, às vezes, as próprias mulheres não têm noção dos lugares que podem e devem ocupar, até que alguma delas ocupe e 3) Esta modificação do espaço geralmente ocupado pela mulher, muitas vezes, pode ocorrer por alguma contingência da vida, sem ser necessariamente planejada, mas que, uma vez ocorrida, gera uma consciência que impulsiona e não as deixa mais voltar atrás. Portanto, a força do indivíduo abriu espaço para o coletivo, gerando, assim, transformações necessárias na vida das mulheres da MOBI.

Além das atividades supracitadas, aconteceu uma palestra sobre a “Importância do trabalho da mulher no campo”, ministrada pela Professora Maria de Lourdes Souza Oliveira, durante a qual foram levantados assuntos como i) autonomia feminina; ii) trabalho não remunerado das mulheres; iii) mulheres e política; iv) tomada de decisão; v) participação das mulheres; vi) resgates dos valores locais; vii) produtividade; viii) combate à violência doméstica.

Para finalizar o dia de evento, a presidenta da Cooperativa fez o encerramento de uma forma muito encantadora com a seguinte fala:

Eu estou participando desde o início da MOBI. Para mim, é uma honra fazer parte deste grupo de mulheres. Como Dona Maria José sempre fala: em todos os momentos que uma precisa, a outra está aqui para ajudar e para dar força, fazer uma visita, ir na casa. Não é somente um encontro, porque uma realmente se compromete e se preocupa com a vida da outra. E a gente está sempre unindo forças e trabalhando em busca desta igualdade da mulher, porque a gente sabe que é um caminho longo para ser percorrido, porque a gente enfrenta muito preconceito, eu enfrento preconceito. Eu tenho certeza de que todas aqui já passaram por momentos difíceis neste sentido de preconceito por ser mulher. E a gente está indo, continuando nesta luta por igualdade e ressaltando o que a gente sempre comentou no MOBI: **nosso objetivo não é estar à frente dos nossos maridos, dos homens,**

mas é caminhar lado a lado, de mãos dadas, porque somos capazes de fazer todos os trabalhos, até mais diversificados (risos). Então, a gente quer trabalhar junto, unido e formando a família COOPFAM. (PRESIDENTA DA COOPERATIVA, 2019, grifos nossos).

Após trinta anos, uma mulher se tornou Presidenta por indicação e empenho do grupo MOBI. Por isso, elas sabem a importância da representatividade das mulheres em todos os setores da Cooperativa. O empenho político é muito evidente nas falas e nas atitudes destas mulheres, como pode ser observado nesse trecho da fala da Presidenta.

E este encontro de hoje que a COOPFAM está promovendo é para despertar isso nas mulheres: elas mesmas precisam ter consciência da importância dos papéis delas na Cooperativa, que depende delas, do trabalho delas na lavoura, que abastece aqui a nossa COOPFAM. Não é somente dos homens que a cooperativa precisa, por isso é muito importante a participação e a opinião das mulheres na COOPFAM. (PRESIDENTA DA COOPFAM, 2019).

Corroborando com as temáticas extraídas da pesquisa de campo, o conceito de gênero deve ser empregado no aspecto das diferenças, como bem colocado por LAGARDE (1996):

A análise feminista de gênero é detratora da ordem patriarcal, contém explicitamente uma crítica aos aspectos nocivos, destrutivos, opressores e alienantes que são produzidos pela organização social baseada na desigualdade, na injustiça e na hierarquia política das pessoas com base no gênero. (LAGARDE, 1996, p. 16)

No evento, as mulheres foram filmadas e entrevistadas pela TV local. Os espaços, como pode ser visto no registro a continuação, foram enfeitados com flores produzidas pelas mulheres do grupo.

Figura 9: I Encontro das Mulheres COOPFAM



Fonte: Pesquisa de Campo (2019)

Para finalizar as atividades de comemoração do dia das mulheres, aconteceu a inauguração da cafeteria da Cooperativa por uma mulher do grupo. Segundo relatos, a cafeteria era um sonho antigo dos integrantes da cooperativa, que tinham o objetivo de apresentar a qualidade do café dos produtores à comunidade da cidade e a todos os visitantes.

Acontecia em paralelo à inauguração da cafeteira, a feira de produtos orgânicos dos cooperados, que contava com uma expressiva variedade de verduras, legumes, frutas, pães, biscoitos, geleias, mel, dentre outros produtos.

Figura 10 – Inauguração da Cafeteria



Fonte: Pesquisa de Campo (2019)

Além do projeto do Café Feminino, as mulheres realizavam o plantio de rosas orgânicas e tinham o dia de fazer sabão, detergente, amaciante e desinfetante para auxiliar na economia doméstica. Segundo a entrevistada Rosa (2019),

Para plantar as rosas do projeto, nós fizemos um mutirão. Nossas reuniões que acontecem todo o mês e nossas viagens são muito construtivas. Tem também nossas reuniões de sabão uma vez por ano, em que a gente se reúne para fazer sabão. Aí, todas as mulheres passam o dia lá. É um dia muito gostoso de muita risada. Tem muito trabalho, mas a gente aprende muito lá. Nós fazemos amaciante, desinfetante, detergente, uma maneira de fazer economia doméstica. A gente troca as receitas e produz bastante sabão.

No trecho transcrito da fala de Rosa na reunião, percebe-se claramente a manifestação de uma mulher envolvida e engajada nas questões do coletivo. A respeito disso, Lisboa (2017, p. 25) trás o termo “Sororidade”, que segundo ela “é uma variante do termo “irmandade”, que provém do latim “sor” e é definido oficialmente como “irmã”, mantendo a referência de uma união entre as mulheres”.

O termo Sororidade foi criado, inicialmente, para pequenos grupos de mulheres, que buscavam se ajudar para combater diversos níveis de injustiça e desigualdade. Em muitos

casos, contudo, quando o grupo é grande, esse termo perde o sentido, devido ao fato de elas iniciarem uma disputa por poder (LISBOA, 2017).

Acrescenta-se a essa discussão o entendimento de Lagarde (1996, p. 199) para quem “as mulheres constituem um sujeito histórico crescente na crítica à ordem patriarcal e na construção cotidiana permanente da alternativa feminista de gênero que busca criar um espaço igual, justo e livre para mulheres e homens”.

Para resumir esse primeiro dia de visitas, utilizo as palavras da entrevistada Rosa (2019): “a MOBI objetiva contribuir com a liberdade e a igualdade das mulheres por meio de união e participação no trabalho e na sociedade”.

A segunda visita ao grupo aconteceu no dia 12 de abril de 2019. Nela, presenciei a reunião mensal do grupo, em que as mulheres do MOBI colocaram a pauta de todo o mês em dia e elaboraram novas demandas para serem realizadas durante o próximo mês. Na reunião, também são passadas informações de diversos setores da Cooperativa, as falas são feitas por pautas com o uso de microfones, *power point*, planilhas para apresentar dados e repassar as datas e os horários de cursos e treinamentos. Nessas reuniões, os filhos de cooperadas e cooperados também participam.

Neste dia, um total de 21 mulheres do grupo estiveram reunidas das 13:00h às 18:00h. Dentre elas, havia mulheres cooperadas produtoras do café feminino, mulheres artesãs da borra do café, produtoras das flores orgânicas e as que participavam da feira de orgânicos, a qual acontecia uma vez por semana em frente à cafeteria da COOPFAM como forma de incentivar a produção local e o cultivo consciente, sustentável e orgânico de alimentos. Como as crianças estavam presentes na reunião, foi organizado um espaço *kids*, chamado de brinquedoteca, com o objetivo de facilitar a participação das mulheres, já que elas não tinham onde deixar os filhos.

Em muitos momentos da reunião, algumas mulheres tomavam a frente no diálogo e as demais acompanhavam, já que a responsável pelo grupo sempre as convidava a participar, uma vez que a reunião acontece em um formato de roda, e todas têm liberdade de se posicionar e perguntar, trazendo questões, pautas e dúvidas para serem debatidas. Inicialmente, inclusive, a oradora relata que a reunião é um diálogo, e que é importante que todas participem. Essas reuniões acontecem com a frequência de uma vez por mês, com duração de quatro horas e um intervalo de vinte minutos para um lanche, que é preparado por elas antes da reunião.

Alguns aspectos dessa reunião merecem destaque, uma vez que, neste dia, estavam presentes alguns estudantes que fazem parte da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UNIFAL, do campos de Varginha, os quais trouxeram como assunto o Salário Maternidade Rural e a Aposentadoria Rural, numa tentativa de levar informações e esclarecimentos para as mulheres sobre essas temáticas. As mulheres, por sua vez, apresentaram as dúvidas e os questionamentos sobre as dificuldades em acessar esses recursos. Houve, ainda, falas sobre a Reforma da Previdência, especificamente sobre os bônus e ônus dessa Reforma, e a manifestação de uma preocupação geral com a perda de direitos das mulheres rurais (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Outra pauta levantada na reunião foi a questão do envelhecimento com qualidade de vida no meio rural e a dupla jornada da mulher dona de casa e agricultora. Em uma das falas, uma cooperada relatou como foi difícil ter acesso ao salário maternidade, uma vez que foi orientada pelos responsáveis a ir fazer a entrevista “mau vestida e queimada de sol”, como forma de comprovar que ela trabalhava no campo e não ficava “só com o trabalho doméstico”, posicionamento que foi considerado humilhante pelas mulheres presentes na reunião, já que demonstrava preconceito em relação à trabalhadora rural.

Em outro momento, foi colocada a questão das mulheres terem bens em seus nomes, condição necessária para a aposentadoria rural. Geralmente, as notas dos lotes do café que são entregues na Cooperativa saem em nome dos maridos, sendo que as mulheres também são produtoras, mas são os maridos que obtém o direito à terra e ao faturamento da produção. No entanto, para as cooperadas produtoras do café feminino, as notas de venda do café saem em seus nomes e o dinheiro recebido pela venda vai direto para sua conta.

Logo, é evidente que há um pacto entre essas mulheres para que elas possam se apropriar do seu trabalho e da sua terra. A respeito disso, Lagarde (1996, p. 199) afirma que é de forma coletiva que o pacto político acontece entre as mulheres: “se o seu suporte for uma aliança entre mulheres e homens; se o cimento para edificar for uma ética feminista pactada em um paradigma: a construção de normas de igualdade, equidade e justiça entre os gêneros”.

Houve, ainda, questionamentos sobre a estrutura patriarcal dentro das famílias e foram levantadas discussões sobre a importância da participação das mulheres na feira de orgânicos, as quais tinham a intenção de adquirir o selo de orgânicos tanto para verdura, legumes e frutas quanto para o café, como uma estratégia de mercado e melhoria nos preços. Além disso, elas apresentaram a iniciativa de criar um selo “Aqui tem Mulher Rural” como forma de dar visibilidade para o trabalho das mulheres em todas as instâncias.

Em uma conversa informal com dois funcionários da Cooperativa, um jovem entre 20 e 25 anos e uma jovem entre 19 e 25 anos, eles falaram que a Cooperativa não vende apenas café, mas também histórias e cuidados para o seu cliente final. O jovem é responsável pela cafeteria (fez curso de barista) bem como pelo setor comercial. Em sua fala, ele ressalta que o atendimento é especial na cafeteria e o café é feito na hora ao gosto do cliente. Disse, ainda, que estava em busca de mais mercados no Brasil e no exterior, incluindo EUA e países da Europa. De acordo com a fala dos jovens, a prioridade da Cooperativa é os seus cooperados, que são proprietários da COOPFAM, a qual realiza eventos e reuniões para envolver não só os associados, mas também os jovens, as mulheres e toda a comunidade na tomada de decisão.

Segundo eles, no ano de 2018, foram produzidas 300 mil sacas de café *Fair Trade*, um café que se preocupa com o social e o ambiental, e que agrega valor ao produto na hora da venda e de conquistar o mercado. O *Fair Trade* e o café orgânico produzido pela cooperativa entra no comércio dos cafés especiais, pois têm maior demanda e valor no mercado. Nesse contexto, cabe destacar que existem políticas e campanhas para a redução dos agroquímicos, porque, quanto maior o número de produtores orgânicos, maior é a produção e melhores são as vendas.

Por fim, eles disseram que vem sendo criado o “Café Mais Forte”, um projeto que busca melhorar o monitoramento das áreas de plantio do café através de um maior controle de pragas de forma a ter dados mais precisos do café feminino e do orgânico, podendo, assim, fortalecer e melhorar a produção. Na COOPFAM, tem um departamento de cafés especiais, responsável por selecionar os grãos dentro de uma classificação, normas e padrões específicos (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Figura 11 – Reunião mensal do MOBI



Fonte: Fotos da Pesquisa de Campo (2019)

De acordo com a Figura 11, pode ser observado o formato de reunião, feito em roda e o local é cedido pela Cooperativa. Elas elegem uma secretária para escrever a ata da reunião, que, no final, é validada e assinada por todas(os) que estão presentes, inclusive os convidados. Geralmente, as atas se iniciam neste formato: “aos dias doze de maio de dois mil e dezenove, o grupo MOBI se reuniu no salão da COOPFAM. Josilene motivou a oração. Logo, foi justificada a ausência de alguns membros. Em seguida, as novas membros se apresentaram” (Ata reunião MOBI, 2019). Este espaço da reunião é um momento de alinhar os projetos e também de colocar o “papo em dia”. Segundo Silva e Valente (2014, p. 5), as reuniões das mulheres agricultoras se transformam “em um momento de descontração das mulheres que passaram a utilizá-lo para interagir umas com as outras e colocar a ‘conversa em dia’”.

Do dia 12 ao dia 18 de maio de 2019, aconteceu minha terceira visita de campo. Fiquei instalada na pousada da Violeta, uma das mulheres da MOBI. Foi mais uma semana imersa na cultura da cidade e na vida das mulheres do café da cidade de Poço Fundo. Nesses dias, foram feitas observações não participantes, entrevistas em profundidade, fotos para a exposição e vídeos para o documentário. Para isso, duas mulheres profissionais da área de arte e fotografia participaram de forma integral das visitas para realizar o trabalho audiovisual da tese.

No dia 12 de maio, foi feita uma visita à cidade para fazer fotos da sua entrada e dos seus pontos principais, e à lavoura da Violeta, para fazer fotos e conhecer como é realizada a dinâmica de cuidados e de colheita do seu plantio de café. No diário de campo, descrevi um pouco de como a Violeta diversificou os seus negócios.

Um olhar nas lavouras de café na época da colheita é sempre um aprendizado que agrega muito à intenção de desbravar as questões de gênero no meio rural; o trabalho muito ativo das mulheres neste período em específico. Por isso, é muito

significativo o aprendizado que se tem ao ver as mulheres em vários setores do trabalho rural. Uma das pesquisadas (Violeta), por exemplo, possui uma dinâmica de trabalho muito diversificada em seus negócios. Além de uma fazenda de café, com gado de corte e leite, ela está construindo uma nova pousada. Na sua fazenda, há mulheres trabalhando em vários setores: uma no preparo do café da manhã da pousada, outra na faxina e organização dos quartos, outra no gerenciamento da colheita da lavoura, juntamente com uma equipe formada por homens e outras mulheres (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Segundo Violeta, suas ajudantes possuem um diferencial em relação aos homens. Para ela, nos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres na lavoura, a força física é o maior desafio. Carregar as sacas de café e mover os panos cheios de grãos, por exemplo, são esforços muito grandes para essas mulheres. Porém, no desenvolvimento de outras atividades, como a desbrota do café, elas se destacam pela delicadeza e cuidados (ENTREVISTADA VIOLETA, 2019). Finalizando o dia, foi realizada uma visita ao departamento de torrefação da COOPFAM. Nesse setor, são feitas as etapas de torra, moagem e empacotamento. Na produção que ocorre nos espaços internos, são homens que trabalham; na recepção, por sua vez, o trabalho é desempenhado por uma mulher.

Dando sequência à análise dos resultados da pesquisa, neste terceiro dia de visitas, pôde ser considerado o envolvimento da cooperada Violeta nas tarefas da sua propriedade: a parte administrativa da fazenda e da pousada é de sua inteira responsabilidade, já para retirar o leite, cuidar do gado, plantar milho e feijão, cuidar da lavoura de café, desde a capina até a colheita, ela possui empregados, além de uma diarista para cuidar da sua casa e outra para cuidar da pousada.

Esse aspecto merece destaque, uma vez que a divisão sexual do trabalho é muito presente no relato da entrevistada e nas atividades desempenhadas pelos sujeitos envolvidos, já que os trabalhos considerados pesados são executados pelos homens e os mais delicados pelas mulheres. Tomando-se por base as contribuições de Hirata (2002):

A divisão sexual do trabalho é considerada como um aspecto da divisão social do trabalho, e nela a dimensão opressão/dominação está fortemente contida. Essa divisão social e técnica do trabalho é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuadas de poder (HIRATA, 2002, p. 280).

Nessa mesma perspectiva, Hirata e Kergoat (2007) propõem que

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem "vale" mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo

biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuais que remetem ao destino natural da espécie (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 299).

A divisão sexual do trabalho atua dentro da sociedade como um fator regulador em relação ao que é considerado trabalho de homem e trabalho de mulher, gerando, assim, uma opressão do masculino sobre o feminino. Sobre essas questões, Quirino (2015, p. 234) aponta que “a divisão sexual do trabalho é considerada como um aspecto da divisão social do trabalho, e nela a dimensão opressão/dominação está fortemente contida”. Na sociedade capitalista, a opressão em relação à mulher torna-se ainda mais evidente com a sua dupla e até tripla jornada de trabalho, a qual envolve os cuidados com a casa, a criação dos filhos e o trabalho assalariado.

Seguindo com os estudos da Quirino (2015), normalizar os papéis entre homens e mulheres em relação ao mundo do trabalho representa estabelecer uma ideia de complementariedade entre as funções femininas e masculinas: o masculino cuida da parte social e financeira e o feminino da atividade doméstica e os filhos. Porém, nesta lógica, o trabalho masculino é muito mais valorizado pelo fato de ser remunerado e considerado essencial para a manutenção da família.

A respeito disso, Carlotto (2001) aponta em seus estudos que:

A existência de gêneros é a manifestação de uma desigual distribuição de responsabilidade na produção social da existência. A sociedade estabelece uma distribuição de responsabilidades que são alheias às vontades das pessoas, sendo que os critérios desta distribuição são sexistas, classistas e racistas. Do lugar que é atribuído socialmente a cada um, dependerá a forma como se terá acesso à própria sobrevivência como sexo, classe e raça, sendo que esta relação com a realidade comporta uma visão particular da mesma. (CARLOTO, 2001, p. 202).

Sendo assim, as relações de gênero acontecem em um ambiente onde se estabelece uma hierarquia que dá lugar às relações de poder, sendo que o masculino, através de um consenso social, exerce forte dominação em relação ao feminino (CARLOTO, 2001).

Numa era do conhecimento, da gestão, da organização, os trabalhos mais pesados são, geralmente, os mais subalternos, ficando a cargo da população que está na base da pirâmide. Nesse contexto, vale citar os estudos de Saffioti (1997, p. 65) para quem “não se refuta a existência, real ou potencial, de consciência de gênero, de raça/etnia e de classe social”. Para o autor, existem três classes de identidade social: a de gênero, a de raça/etnia e a de classe social, formando assim um nó, que é construído de forma inconsciente. Levando isso consideração, Saffioti (1997) aponta:

Assim, a identidade de gênero equaliza todas as mulheres, de um lado, e todos os homens, de outro. Todavia, nenhum indivíduo é igual a outro, nem no contingente feminino, nem no masculino. Analogia e diferença integram, portanto, o sentimento pessoal e o reconhecimento da sociedade de pertinência de alguém a uma categoria social (gênero e raça/etnia) ou a uma classe social. Mais do que isto, analogia e diferença instauram-se na própria psique. (SAFFIOTI, 1997, p. 68).

Corroborando com as autoras, Pierre Bourdieu (2016) traz a ideia da simbologia dos corpos, segundo a qual “a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especialmente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho”. (BOURDIEU, 2016, p. 24).

Figura 12 – Mulheres e a lida com a colheita do café



Fonte: Pesquisa de Campo (2019)

Em resumo, o olhar para as lavouras de café na época da colheita é sempre um aprendizado que agrega muito à hora de desbravar as questões de gênero no meio rural, visto que existe um trabalho muito ativo das mulheres nesse período em específico.

No dia 15 de maio, uma entrevista muito especial aconteceu na propriedade da Ires. A Ires mora em uma casa muito acolhedora na entrada de uma montanha, com uma horta orgânica e um quintal cheio de frutas, rosas e copos-de-leite. Ela tem duas filhas, perdeu o marido há mais de sete anos, e, por isso, teve de assumir a propriedade, tornando-se, assim, a primeira mulher cooperada da COOPFAM.

Com base nesta nova condição da Ires, estava ela com duas filhas para cuidar e uma terra para cultivar, sendo que seu ofício era, até então, o de professora do estado. Em meio a um ambiente extremamente masculinizado, destaca-se, então, a situação de uma mulher que identificou uma mudança econômica e social desde a perda de seu marido. É nesse contexto de perda da figura paterna e masculina que surgiu um processo de conscientização familiar, como mostra esse depoimento:

Antes de ter o grupo de mulheres, nós não tínhamos nenhum direito, quer dizer, nós tínhamos o direito de participar, mas de votar não, de voz não tínhamos. A gente, quando ia, ficava mais observando. Eu fui a primeira mulher a votar em assembleia. Acho que é até meio chato falar, mas a verdade foi essa: meu marido faleceu, e, como a mulher não tinha direito a voto, quem que ia votar no lugar dele? A primeira assembleia que teve depois do falecimento, eu que tive que votar no lugar dele. Foi horrível. Para mim, foi horrível. Sabe por quê? Porque eu vi que só tinha homem. Naquela fila enorme, só tinha homem. E eu sentia o vazio da perda do meu marido. porque ele faleceu de um minuto para o outro: acabou de almoçar no cafezal, sentiu uma dor e faleceu. Então, foi uma história que doeu muito. E a gente trabalhava muito junto. Nós éramos muito companheiros, muito amigos. Aí, com isso, eu sempre falava para minhas amigas quando a gente se encontrava: tomem conhecimento de tudo, façam parte de tudo na vida dos maridos, porque, um dia, vocês podem sofrer o que eu estou sofrendo hoje. Como era o homem que determinava tudo, quando ele faleceu, quem ia resolver as coisas? Eu não tenho filho homem, são só as duas filhas. Então, a bomba soltou na minha mão. Mas eu sempre fui uma pessoa que tive muito apoio do meu marido. Ele nunca me proibiu de fazer alguma coisa e nunca fez as coisas que eu não tomasse conhecimento. Tudo que ele fazia eu estava junto. Se eu ia dar aula, eu voltava e já ia ajudar ele. Apanhava café nos feriados. Eu era presente em tudo. Então, há mais de dez anos eu já conseguia cuidar de tudo. (ENTREVISTADA IRES, 2019).

Embora essa transformação não advenha necessariamente apenas da perda do marido, mas de uma vontade de continuar o negócio da família, de acordo com a fala da agricultora, ela decidiu continuar a cuidar da fazenda e incentivar outras mulheres a obter conhecimento sobre o funcionamento das suas propriedades e a lutar para se tornarem cooperadas.

Um grupo de mulheres surgiu assim. A gente foi vendo as necessidades que tinham da mulher tomar conhecimento, falam “ser independente”. Eu nunca fui contra usar esse termo, mas eu pensava que a gente tem que buscar igualdade e não independência, porque eu sentia em mim o sofrimento de eu ter me tornando independente de um minuto para o outro, sem que eu quisesse. O que pensava era a necessidade de ter um grupo, e uma das que foi em frente, que batalhou muito pelo grupo, foi a Orquídea. Ela foi aquela que disse que nós tínhamos a necessidade de formar um grupo, porque, através desse grupo, a gente podia ter momentos para discutir, para buscar conhecimento e ver a quais coisas nós podíamos ter direito. (ENTREVISTADA IRES, 2019).

Portanto, mesmo participando conjuntamente com o marido de todo o contexto de produção na fazenda, a cafeicultora não podia ser cooperada e nem votar nas assembleias, já que a terra estava no nome do marido. Neste caso, fica evidente um grande desafio relacionado à invisibilidade do trabalho feminino. Como afirma Butto (2003),

A invisibilidade das contribuições econômicas das mulheres rurais, a denominação do seu trabalho como auxiliar, evidenciam como os laços familiares tornam-se mecanismos de reprodução hierárquica e de submissão entre os membros da família subordinando as mulheres. (BUTTO, 2003, p. 7).

Durante essa entrevista, pude entender o posicionamento desta produtora diante das questões que foram colocadas a ela, como relatei no meu Diário de campo:

Achei ela uma mulher extremamente forte. Lembrei da minha mãe, que também tem um tino incrível para o plantio e uma alegria imensa que sai das mãos. Com uma força descomunal, nem parece ter os seus 70 anos. Do jeito dela, não queria ser independente, queria que fosse tudo igual. Cada um com sua força e juntos fazendo o trabalho. Com uma empatia muito grande, ela se sentiu à vontade, acolhida. E eu também me senti acolhida. Ela é um sol. Uma mulher forte, que sentiu empatia com as minhas histórias. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

A Figura 13 representa o dia da entrevista, que durou cerca de quatro horas. No final, teve um delicioso café da tarde, com direito a vários presentes direto da horta e do quintal da produtora.

Figura 13 – Entrevista com a Cooperada



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Este entendimento em relação ao poder que as mulheres desenvolvem a partir da tomada de consciência sobre os benefícios e as obrigações da Cooperativa, e também da propriedade, cria uma força coletiva para a ajuda mútua e o interesse em envolver mais mulheres.

Paralelamente a esta análise, retoma-se o estudo de Santos (2016), que afirma que as relações de gênero se dão em um contexto de relações desiguais de poder, e que a transformação dessas relações implica na criação e difusão de mecanismos que permitam o acesso ao poder e potencializem suas capacidades, com ampliação da liberdade de

participação social e política e aumento das oportunidades de realização enquanto sujeitas atuantes que transformam a si e ao ambiente em que vivem (SANTOS, 2016, p. 336).

Finalizando o dia, foi realizada uma entrevista com o irmão da Ires, o Joaquim, cafeicultor familiar, um dos fundadores da COOPFAM, que começou sua filiação com a antiga associação de cafeicultores, e que acompanhou muito de perto a trajetória das mulheres do MOBI, desde 2003. Em um trecho da entrevista, lhe foi perguntado como ele enxergava o trabalho das mulheres do café e do grupo, ao que ele respondeu:

Acho importante as mulheres estarem trabalhando, mas ninguém faz nada sozinho. Tem que estar fazendo junto. Sozinho ninguém faz nada. Numa família, se todos comem da mesma comida, quer dizer que não tem ninguém sozinho. Se a gente faz pelo outro, dá certo. Esta coisa de pensar só no seu, não está certo. Eu trabalhei muito para que meus filhos pudessem ter seu pedaço de terra, que é a nossa maior riqueza. Eu luto para que meus filhos e netos tenham, no futuro, sua terra e sustento. Minha esposa faleceu e eu fiquei sozinho com quatro filhos pequenos. Eu jantava e já lavava meu prato. Eu não podia parar. Com uma mulher na presidência, ela precisa manter as nossas raízes, lutar pelos antigos fundadores também. Acredito que, pela história dela e pelo conhecimento que ela possui, vai ajudar bastante. Mulher, homem, jovem, nós somos todos dependentes um do outro. A gente precisa se ajudar, porque sozinho ninguém vai muito longe. Nas assembleias, eu preciso falar e defender o que a gente construiu, porque, agora, está muito lotado de gente. Antes, eram poucos cooperados. Agora, já tem mais de quinhentos. (ENTREVISTADO JOAQUIM, 2019).

Outra questão muito importante no campo de pesquisa é a visão dos homens em relação ao trabalho das mulheres, principalmente em relação às transformações recentes que a cooperativa vinha passando, como ter uma mulher na presidência. A respeito disso, foi perguntado o que Joaquim achava do trabalho das mulheres e de ter uma mulher na presidência. Ele, então, respondeu da seguinte forma:

Acho que a gente não faz nada sozinho, porque a COOPFAM é uma cooperativa familiar. Tem que trabalhar junto. Não adianta a mulher falar que tem seu dinheiro e é independente, porque não é assim. Ela depende da sua família. A presidenta vai precisar de todo mundo, porque nos somos uma família. Na família, um ajuda, o outro faz uma coisa e o dinheiro que entra em casa é da família. Precisa ser dividido. Minha atual mulher fala que não trabalha fora e não tem dinheiro, mas eu falo para ela que não tem nada a ver, porque o dinheiro e tudo é de todo mundo. Meus filhos [3 homens e 1 mulher], quando completaram 18 anos, tiraram uma moto novinha. Tudo com o dinheiro desta terra que tem o café.

Nesse trecho, pode ser observado que o esforço da mulher em ocupar espaços de liderança não é reconhecido; pelo contrário, é colocado como sendo algo que o coletivo ajudou, ou seja, sozinha a mulher não chega em lugar nenhum. Logo, é desmerecido o esforço de uma mulher para conseguir ocupar um espaço que, há mais de trinta anos, vinha sendo ocupado por uma figura masculina. Diante dessa realidade, Salvagni e Canabarro (2015, p.

107) fizeram um estudo e concluíram que “as mulheres manifestam preocupação em equilibrar o trabalho com a família e sua vida privada; determinadas decisões trouxeram sofrimento e culpa por não darem a devida atenção como gostariam, sentimento que não acontece na mesma proporção nos homens”.

Considerando ainda esse contexto, é grande a culpa que as mulheres carregam pelo fato de terem de abrir mão de serem mães ou de terem que deixar os filhos com outras pessoas para poderem trabalhar. Logo, elas têm a dupla jornada como obstáculo para seguir sua carreira, já que, além de trabalhar fora, continuam cuidando da casa ou dos filhos (SALVAGNI e CANABARRO, 2015).

Portanto, é admirável a força da Ires, pois ela falou sobre a independência da mulher de uma forma diferente, pensando no âmbito financeiro e emocional. Ela falou de uma independência que foi imposta com a perda do marido, sendo difícil não pensar nessa independência de uma forma dolorosa, mas o amor e o afeto que ela transmitiu em pouco tempo de convivência me marcaram como mulher e pesquisadora (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Diante do exposto, conclui-se que “o processo de luta, que objetiva o fim da opressão (dominação-exploração) das mulheres, está além de colocá-las em situação de igualdade de oportunidade com o gênero masculino. Trata-se de estabelecer relações sociais fundadas na igualdade substantiva” (SANTOS E OLIVERIA, 2010, p. 14). Sendo assim, a igualdade entre homens e mulheres de diferentes classes sociais, etnias e raças deve ser vivenciada com liberdade e sem opressão.

4.12 TRABALHO FEMININO X TRABALHO MASCULINO: VIVENCIANDO A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO CAMPO

Segundo dados encontrados no livro *Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul*, as condições salariais das mulheres são inferiores às dos homens pelas seguintes causas:

Sua impossibilidade de escolher tipos de trabalho ou atividades de maior produtividade e, portanto, mais rentáveis, pelo fato de serem mulheres; salários mais baixos que os dos homens pelo mesmo trabalho; falta de capacitação; e sua condição de “trabalhadoras sem carteira”, sem recibos por seus salários e sem contribuições para o sistema de seguridade social. (BRASIL, 2006, p. 29).

De uma outra perspectiva, pode-se entender que a divisão social do trabalho tenta desqualificar as capacidades femininas, tratando-as como algo natural, que não demanda, por isso, esforço para serem realizadas. O trabalho masculino, por sua vez, é algo adquirido e aprimorado, precisando, assim, de muito empenho e merecendo, por isso, salários vantajosos.

[...] a divisão sexual do trabalho que foi socialmente construída, impõe significativas discriminações e desigualdades entre homens e mulheres, e a principal ferramenta que usamos para superar as injustas condições de trabalho a que são submetidas as mulheres é a negociação coletiva. [...] Ainda é pouca a sua participação nas mesas de negociação, e, conseqüentemente, as pautas das mulheres são as primeiras a "caírem" nas negociações, dando-se prioridade às bandeiras econômicas gerais. Desta forma, as discussões ficam como "coisa" das mulheres, e não como uma reivindicação importante para as categorias. (RECOARO et al., 2017, p. 59).

Levando em consideração as teorias apresentadas, vale mencionar como uma das entrevistadas enxerga essa divisão de trabalho, a qual, por ser naturalizada na realidade em que ela vive, exige tempo para sua mudança:

A questão do homem não ajudar dentro de casa é cultural e milenar. Já não precisa fazer faxina todos os dias, mas uma vez na semana, para mudar isso, é incluir os homens neste universo doméstico. Leva tempo e temos que fazer sem afrontar. Aqui em casa, quem cozinha não lava, porque, se todo mundo ajudar, é muito melhor. (ENTREVISTADA MAIA, 2019).

Esta questão, que é socialmente aceita, de que o trabalho doméstico seja essencialmente desempenhado por mulheres ficou bem definida na obra da Simone Beauvoir, *Segundo Sexo*, de 1970. Além do trabalho doméstico, o trabalho agrícola também era destinado às mulheres.

[...] é natural que ela permaneça no lar enquanto o homem caça, pesca e guerreia. Mas entre os povos primitivos quase só se cultivam hortas de dimensões modestas e que se encerram dentro dos limites da aldeia: sua exploração é tarefa doméstica; os instrumentos da Idade da Pedra não exigem um esforço intensivo; economia e mística concordam em confiar às mulheres o trabalho agrícola. (BEAUVOIR, 1970, p. 89).

A fala de algumas entrevistas, inclusive, corroboram a assertiva da autora:

Eu que faço as atividades domésticas (ENTREVISTADA ORQUÍDEA, 2019).
 Quem faz as atividades domésticas? Elas são compartilhadas. Como se diz, a gente divide em tudo. (ENTREVISTADA FLORA, 2019).
 As atividades domésticas sou eu que faço, mas meu marido me ajuda bastante. O peso é ele que tá pegando, porque eu não posso, já que estou de resguardo. (ENTREVISTADA JASMIM, 2019).

Segundo a entrevistada Orquídea, por morar com a mãe que já está com alguns problemas de saúde, ela que se responsabiliza pelas atividades domésticas; mas destaca que

não se sente desvalorizada por desenvolver essas tarefas. A entrevistada Violeta, por sua vez, vivencia uma outra realidade em relação às atividades no lar: “as atividades domésticas são feitas por uma pessoa terceirizada, e o marido cozinha nos finais de semana” (ENTREVISTADA VIOLETA, 2019). Já a entrevistada Melissa relata que acontece uma divisão das atividades domésticas.

As atividades domésticas nós dois fazemos. Desde quando a gente casou, eu lavo a louça e ele enxuga e guarda. Esta época que a gente “panha” café junto, eu chego para dar almoço para as crianças e ele me ajuda a arrumar a cozinha. Depois, ele volta para a lavoura e eu fico. Cuido do café no terreiro, enrolo os cigarros de palha e o artesanato, ajudo as crianças a fazer o dever da escola. Quando ele chega, se eu ainda estiver trabalhando em alguma dessas coisas, ele já vai dar banho nas crianças e esquenta a janta. As roupas são mais por minha conta. Às vezes, tem que deixar bilhetinho, porque ele não sabe o que precisa ser feito. Então, eu deixo bilhetinho para ele colocar a roupa no varal. Quando que ele vê que estou muito atarefada, ele passa as roupas. Então, nisso, eu sou muito abençoada. (ENTREVISTADA MELISSA, 2019)

Eu vejo que essas coisas do homem ajudar na tarefa de casa está muito na criação. A mãe do meu marido sempre trabalhou muito. Ela era dona de salão de beleza, e ele se via na obrigação de ter que fazer as coisas para ele comer, porque a mãe dele não estava disponível para fazer para ele. Então, a criação dos filhos influencia muito no que eles vão ser lá na frente. O pai dele ajudava também, porque não tinha quem fizesse. Eu acho que isso ajudou muito. Meu marido sabe fazer comida. A janta de sábado é dele. Não tem nada saudável no dia que ele cozinha, mas, como ele cozinha poucas vezes na semana, ele gosta de fazer pizza, cachorro quente, tutu de feijão, hambúrguer. Aí, eu falo com ele assim: se meio de semana você for cozinhar, por favor, faz comida normal. Eu vejo que este fator de criação ajudou muito. Eu vejo hoje que muitas mães fazem assim: os filhos chegam em casa e elas já ensinam os filhos a aprender a se servir e a se virar. (ENTREVISTADA MELISSA, 2019).

As atividades domésticas da casa sou eu que faço, mas o marido ajuda quando eu preciso. Quando nós vamos juntos para a lavoura, eu divido as tarefas quando chega em casa. Ele só não gosta muito da louça, mas se for preciso ele lava. Ele cozinha, sim. Depois de muitas panelas queimadas, ele faz agora. Quando eu saio e chego mais tarde, ele já fez a janta. Na necessidade, ele aprendeu, porque, hoje, eu tenho mais compromissos fora de casa. Quando eu vou sair e ficar muitos dias, eu já deixo algumas coisas congeladas, e o resto ele vai fazendo. Quando eu vou sair para voltar no outro dia, ele se vira. (ENTREVISTADA ROSA, 2019).

As atividades domésticas é toda a família que faz, meus filhos, meu esposo. Eu não sou muito ligada a ariar muito a casa. Eu gosto de coisa limpa e não ariada. Eu sou bem prática. Cada um cuida da sua meia, do seu sapato, mas cuida do outro também. Quando alguém precisa, eles se ajudam. Se eu deixo alguma coisa minha a desejar, vai um lá e cuida para mim. Tipo assim: “mãe, fica ligada”, e eu “filho, fica ligado” (risos). (ENTREVISTADA MAIA, 2019).

Dessa forma, Lisboa e Manfrini (2005) relata que a função destinada às mulheres é o trabalho doméstico.

O que ocorre é que a grande maioria das mulheres continua sendo definida como esposas e mães, conseqüentemente consideradas responsáveis pelos encargos domésticos e cuidados familiares. Inversamente, um expressivo número de homens

continua a ser definido como ausente e não responsável pelos mesmos trabalhos. Estando mais tempo ocupadas no trabalho, remunerado ou não, em relação aos maridos, elas têm menos tempo para si, não só para o descanso, mas principalmente para a formação e para a participação política que é o primeiro passo para a conquista da cidadania (LISBOA; MANFRINI, 2005, p. 70).

No trabalho de campo, foi encontrada uma realidade diversificada de trabalho doméstico que fica só a cargo da mulher. No caso da Melissa, por exemplo, o casal divide tudo: quem cozinha não lava. Já a Violeta, que tem uma condição financeira diferente das demais entrevistadas, administra a fazenda e contrata uma pessoa para realizar o trabalho doméstico, já que ela é detentora de posses e negócios diversificados, o que, aparentemente, a torna menos vulnerável a esta divisão sexual do trabalho.

Nesse contexto, portanto, a divisão sexual do trabalho, na sociedade atual, pesa mais ainda sobre as mulheres de baixa renda, abrindo espaço para um recorte social, porque, em muitos casos, as mulheres são submetidas a jornadas triplas de trabalho, como acontecia com a empregada da Violeta, que tinha dois trabalhos fixos, um de seis às nove da manhã na pousada, onde servia o café da manhã, e, em seguida, na casa de outra família.

Abrindo espaço para uma discussão em relação à vulnerabilidade das mulheres mais pobres, que são duplamente excluídas, porque são, primeiramente, mulher e porque são, além disso, de baixa renda, “o trabalho doméstico, desempenhado regularmente pela mulher, ainda que a mesma trabalhe assalariada e daí decorre o fenômeno da dupla jornada, atua como agente de manutenção da vida, portanto, das condições básicas da força de trabalho” (CARLOTO; GOMES, 2011, p. 134).

Fazendo agora um recorde voltado para o meio rural, vários autores trazem em suas obras considerações sobre o que é considerado trabalho feminino e masculino. Assim sendo, como o trabalho é, normalmente, definido de acordo com o sexo e a força física que o sujeito emprega na sua realização, as mulheres se responsabilizam pelos afazeres na cozinha e os cuidados com a alimentação, que se estende ao cuidado com os animais domésticos e com a criação dos filhos, além de trabalharem na lavoura, o que, muitas vezes, é considerado leve e tratado como uma ajuda ao homem. Já o trabalho masculino ocupa uma esfera de maior importância, como o trabalho braçal, a comercialização de produtos, a venda do café e de alimentos como o milho, o feijão e o arroz, o que é, geralmente, considerado fundamental e indispensável para a manutenção da família (BRUMER e ANJOS, 2008).

Como continuidade a essa temática, no trabalho de campo, foi realizado uma entrevista com um cafeicultor, que, por ser jovem, filho de cooperada, estudante de agronomia e acompanhar de perto a trajetória das mulheres do MOBI, foi selecionado para participar da

pesquisa. Quando perguntado como ele enxergava o trabalho das mulheres do café e do grupo MOBI, ele respondeu: “revolucionário, são pioneiras e quebraram as barreiras. Mulheres assumindo a ponta da cadeia. Se sentiram aptas a desenvolverem este trabalho, criaram a face do grupo e são carro chefe da COOPFAM. A MOBI é pioneira” (ENTREVISTADO JOVEM, 2019).

Em outro momento, lhe foi perguntado como ele observava as políticas da COOPFAM para a inclusão das mulheres, e ele respondeu: “no início, não foi assim. Depois que as mulheres assumiram e ganharam força, as novas gestões com uma mulher à frente, mais benefícios vieram. O grupo ficou organizado e participativo” (ENTREVISTADO JOVEM, 2019).

Em algumas falas, os comportamentos machistas são relatadas. Entendo que é um processo histórico e uma luta das mulheres para desconstruir o patriarcado. É, em síntese, uma luta diária que envolve uma mudança, principalmente masculina, mas as mulheres também desenvolvem e aplicam esse comportamento no dia a dia.

Tem um produtor que participa da COOPFAM que é muito machista. A mulher dele não vem na cooperativa de jeito nenhum, não participa das festas. Ele é muito machista mesmo, e, quando ele soube que a futura presidente seria uma mulher, ele não concordou de modo algum. Agora, na última reunião dos líderes de que eu participei, ele levantou e elogiou o trabalho dela. Aquilo foi muito maravilhoso. Ele viu que ela estava fazendo um bom trabalho e que ela é muito capaz (ROSA, 2019).

Eu lembro da minha avó. Ela tinha a lavoura dela, mas eu não lembro da minha avó vender café no nome dela. A minha avó tinha o domínio da lavoura, mas ela não comprava o adubo, não entregava e nem vendia o café dela. Ela ficava na lavoura trabalhando e os outros processos era o meu avô que fazia. Assim que vejo que o café da minha avó era feminino, mas faltava o apoio para ela ter mais participação e poder fazer a gestão das vendas. Ela era muito sufocada por um machismo, porque era assim a área da mulher: era no meio da lavoura escondido e os homens da porteira para fora fazia as coisas (MELISSA, 2019).

Nessa perspectiva, pode ser entendido que os espaços de inserção das mulheres na Cooperativa se deram devido ao trabalho contínuo das próprias mulheres, que foram conquistando seu espaço de fala, de trabalho e político. Não foi um espaço cedido pelos homens, mas, sim, conquistado e ocupado através do trabalho e da (a)provação de suas capacidades. A respeito disso, Santos e Oliveira (2010) afirmam que,

Historicamente, identifica-se uma maior apropriação pelos homens do poder político, do poder de escolha e de decisão sobre sua vida afetivo-sexual e da visibilidade social no exercício das atividades profissionais. Este é um processo que resulta em diferentes formas opressivas, submetendo as mulheres a relações de dominação, violência e violação dos seus direitos. Poder e visibilidade são construtos históricos, determinados na e pelas relações sociais. Em cada conjuntura sócio-histórica é preciso, portanto, analisar os elementos de determinação do ponto

de vista econômico, político e cultural que incidem na vida cotidiana dos indivíduos e estruturam valores, modos de pensar, de ser e agir. Ou seja, trata-se não apenas de reconhecer quem tem poder e visibilidade, mas em quais condições materiais foram alicerçados e são efetivados. (SANTOS E OLIVEIRA, 2010, p. 2).

De maneira mais específica, romper com as barreiras sociais construídas há séculos em relação ao mercado de trabalho e aos papéis que homens e mulheres precisam desempenhar socialmente, se torna um desafio ainda maior em organizações historicamente marcadas pela dominação masculina, como as cooperativas.

Dando continuidade às visitas e ao cronograma de atividades, no dia 15 de maio de 2019, foi a vez de visitar a propriedade da Flora. A cafeicultora estava na lavoura com o filho pequeno de dez anos que não conseguiu ir para a escola porque o ônibus não passou para buscar as crianças, pois havia chovido muito na noite anterior e as estradas não possuem infraestrutura suficiente para transitar em períodos de chuva forte. Seu marido começou como cooperado na COOPFAM, e a incentivou a também ser cooperada e a criar o MOBI. Foi assim que Flora se tornou uma das pioneiras do grupo.

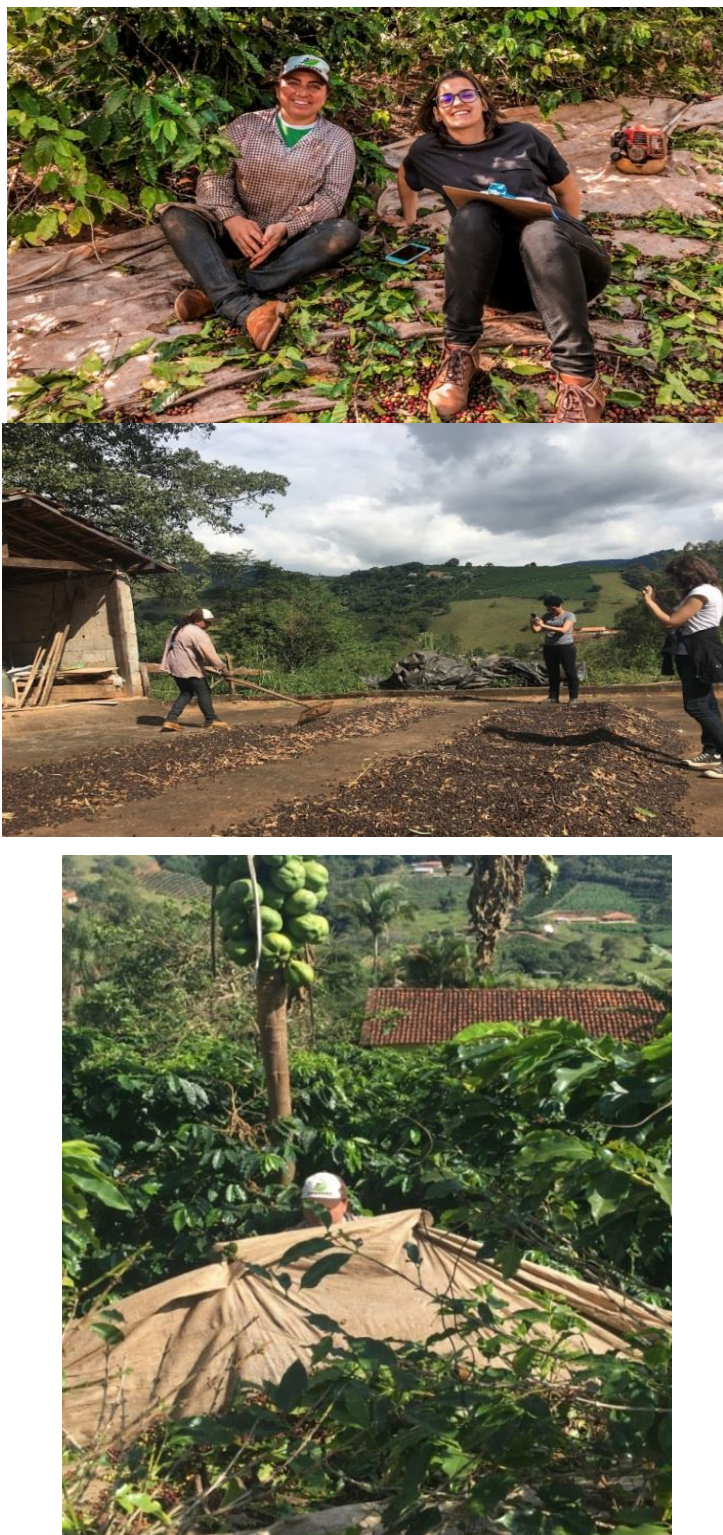
A lavoura da Flora era muito bem cuidada, se localizava acima da sua residência, que ficava em uma montanha de frente para outros cafezais e tinha uma vista deslumbrante. Ficamos sentadas próximo de onde estavam colhendo o café, consegui fazer várias fotos e vídeos. Findada a entrevista, ela nos mostrou onde secava o café, que era em um terreiro de chão batido, e onde ele era armazenado depois de seco. Em seguida, ela gentilmente me convidou, juntamente com a minha equipe de fotos, para tomar um delicioso café da manhã com quitutes que ela mesma havia preparado. Durante o café, ela revelou os desafios de ser cafeicultura, mãe, esposa e dona de casa, mas destacou que fazia a divisão das tarefas domésticas com o marido.

A gente acaba aprendendo a lidar com este tipo de coisa, porque, às vezes, a gente mesmo acaba se fechando e achando que aquele trabalho é muito feminino ou não dá para o esposo fazer. Então, parece que a gente começou a participar da cooperativa e a gente se libertou. Daí, agora, eu sei que é tudo normal. Não é que eu estou fazendo errado, é isso que tem que ser feito dentro de uma família: a gente trabalha cem por cento junto. (ENTREVISTADA FLORA, 2019).

Para melhor ilustrar este momento, a Figura 13 traz como perspectiva o trabalho feminino na lavoura. A cafeicultora estava junto de seu esposo e seu filho de doze anos, o trabalho era coordenado por ela, que direcionava onde colocar o pano, como ia ser feita a colheita do grão, em alguns pés era feita colheita seletiva, ou seja, os grãos maduros eram retirados e os verdes deixados nos pés; já quando o pé estava todo maduro a colheita era feita com uma colheitadeira manual. Flora realizava o trabalho na lavoura, cuidava do café já

colhido que estava no terreiro secando e fazia todo o trabalho doméstico. Além disso, ela também coordena o grupo da Cooperativa na sua comunidade, realizando reuniões uma vez por mês na comunidade e uma vez por mês no grupo MOBI.

Figura 14 – Flora no seu cafezal



Na segunda visita do dia, a cooperada do café feminino havido sido mãe há 40 dias e estava muito radiante com seu primeiro filho. Ela fez questão de nos apresentar a sua criança, foi conosco até a cozinha para fazer a entrevista e nos mostrou um rio de queda d'água no fundo da sua casa. Ela é uma mulher que gosta de cavalos e vacas, bem diferente das outras entrevistadas. Contou histórias da sua família de mulheres veterinárias, e que gostavam de lidar com cavalos e gado, falou de como foi ser mãe – que perdeu o líquido da bolsa em casa, por isso, não conseguiu ter o filho de parto normal e teve de fazer cesárea – e dos custos de ter um filho: “não senti dor quase nenhuma. Não é querendo te desanimar, mas são caros os custos com o parto. Como se diz, é a realidade. Mas ele é uma paz, só dorme e come” (ENTREVISTADA JASMIM, 2019).

Segundo Jasmim, seu marido ficava cuidando do serviço pesado, porque, devido à cirurgia, ela ficava mais em casa cuidando do bebê e das atividades domésticas, ou seja, ela não estava fazendo o trabalho braçal do sítio, porém o trabalho doméstico (lavar, passar, cozinhar, cuidar dos pequenos animais) era de sua responsabilidade, e se somava ao de amamentar e cuidar do recém-nascido.

Em uma conversa mais informal, Jasmim disse que se sente uma mulher muito disponível para o trabalho do campo: “eu sou o tipo de pessoa que se chama para capar um porco, ‘bamo’, para panhar um café, ‘bamo!’, para montar um cavalo, ‘bamo!’, sou revoltada, como dizia minha vó”. Vale ressaltar, ainda, que ela não considera o trabalho realizado atualmente como importante para a manutenção da propriedade. Mesmo estando com um bebê de quarenta dias, ela continua a fazer o trabalho doméstico, acreditando que está oferecendo pouco para a família. Sob esse enfoque, Tedesch (2012, p. 296) afirma que “a divisão sexual do trabalho está, também, relacionada com a representação social do ser mulher e do ser homem nessa sociedade. Em última instância, o valor social do trabalho é dado a partir de quem executa e não pela natureza do trabalho em si”.

Sob tal ótica, Tedesch (2012, p. 296) relata que, por séculos, o trabalho feminino no meio rural é ignorado, considerado complementar e adicional, não sendo considerado essencial “em várias esferas da agricultura familiar, sejam no arado, na plantação, no leite, na coleta, pesca e, principalmente, percebendo a casa como unidade doméstica que, ao incluir o quintal e a criação de animais, constitui um espaço produtivo e gerador de renda familiar”.

Como na divisão do trabalho na unidade produtiva só é reconhecido o trabalho na lavoura, uma vez que a mulher não contribua com este trabalho, ela não está realizando

nenhum trabalho, mesmo sendo ela a responsável pelo trabalho doméstico e a criação dos filhos.

Segundo Heredia (1979),

A concepção do que se define como trabalho permitiu-nos compreender e dar sentido à divisão das tarefas por sexo e, em resumo, levou-nos a compreender a oposição masculino-feminino. Esta oposição vai além de uma simples divisão de tarefas, expressando-se em outra oposição que é casa-roçado. Esta última é que define efetivamente as esferas do que é trabalho e do que não é trabalho. A partir dessa oposição, articulam-se e se reforçam os papéis que cabem aos membros do grupo, expressando, em essência, as esferas de autoridade. Também a partir daí, os bens e outros objetos reconhecidos socialmente são classificados como femininos ou masculinos e, por conseguinte, também são hierarquizados. (HEREDIA, 1979, p. 26).

Nessas duas visitas, foi observado que a participação das mulheres no trabalho braçal trouxe mais valorização e inclusão para elas, ou seja, seu trabalho agora tinha importância, pois trabalhar na lavoura trazia reconhecimento e visibilidade, uma vez que existe uma grande diferenciação entre trabalho na roça e/ou lavoura e o trabalho doméstico, o qual é considerado apenas complementar, não sendo visto como algo que contribua para a renda da família. Assim, de acordo com Heredia (1979, p. 50), “as atividades da casa, por estarem ligadas ao consumo, não são consideradas como trabalho e correspondem à esfera de domínio feminino. O campo de ação da mulher é a casa e, por consequência, considera-se que esta não trabalha”.

Pôde ser observado que, na propriedade da Flora, havia o café do seu marido e a sua lavoura do café feminino, ou seja, a unidade de produção fora dividida, sendo que a exigência da Cooperativa para uma mulher ser cooperada é que ela tenha uma propriedade no seu nome.

De um lado, portanto, a mulher ocupar espaços considerados masculinos traz a ela uma melhor posição social e econômica, mas, por outro lado, homens que ocupam espaços considerados femininos, como o trabalho doméstico, são vistos como “super homens”, ou mesmo homens que valorizam a família.

No caso do Café Feminino, o trabalho da mulher atingiu outras esferas, principalmente em relação à renda, uma vez que o dinheiro da venda do café é depositado diretamente na conta da cafeicultora. No entanto, muitas mulheres ressaltaram que, antes de existir esse café, o seu trabalho na lavoura era considerado apenas complementar e elas trabalhavam tanto em atividades domésticas quanto na lavoura, mesmo não podendo fazer a comercialização do produto, sendo esta atividade destinada ao público masculino, o que fazia com que o dinheiro da venda ficasse sob sua posse. De certa forma, as mulheres eram consideradas incapazes de vender aquilo que elas mesmas produziam, reproduzindo, assim, a supervalorização da figura

masculina na hora de negociar o café. Nesse sentido, Heredia (1979), em seu estudo sobre o trabalho familiar de pequenos produtores no nordeste do Brasil, corrobora em vários aspectos com esta pesquisa, afirmando que:

Dentro da unidade familiar a mulher deve estar disposta a ajudar ao esposo ou ao pai realizando, quando necessário, todas as tarefas do roçado, o mesmo não acontece com a venda dos produtos. Cabe ao pequeno produtor, por sustentar a família, realizar a venda dos produtos. A imagem de que o pai é a figura hegemônica dentro do grupo familiar, na medida em que é o responsável por sua subsistência, deve ser apresentada ao mundo exterior à própria unidade. (HEREDIA, 1979, p. 54).

Figura 15 – Visita na Propriedade da Cafeicultora



Fonte: Pesquisa de Campo (2019)

Um aspecto interessante da pesquisa, como visto na Figura 14, é que praticamente todas as vezes as conversas aconteceram na cozinha. Quando não era recebida na porta de entrada da cozinha, entrava pela sala e iam me direcionando para a cozinha, espaço onde já estava tudo preparado para me receber. Mesmo nas conversas que foram realizadas na lavoura ou no terreiro de seca do café, sempre foi oferecido um lanche, e o espaço apropriado para tal atividade era a cozinha. Em alguns casos, eu conheci toda a família; em outros, conversei apenas com a mulher, visto que o marido e as(os) filhas(os), quando havia, estavam trabalhando na lavoura: lembrando que esta fase de entrevistas da pesquisa de campo ocorreu no mês de maio, período de colheita do café na região de Poço Fundo.

Nesse contexto, vale destacar o conceito de dominação simbólica apresentado por Bourdieu (1999), o qual é caracterizado pela expressiva divisão entre masculino e feminino,

ou seja, entre os papéis que, para o homem, seria mais adequado a desenvolver, principalmente na vida pública, e os papéis que a mulher seria mais habilitada a ocupar, geralmente cuidando da casa, dos filhos e sendo subalternas aos mandos masculinos. Essa divisão de papéis também se dá dentro da residência, onde as mulheres são mais permissíveis no espaço da cozinha e os homens em espaços onde geralmente recebem as pessoas, como a sala.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, como o salão, e a parte feminina, como o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida como momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 1999, p. 18).

Em alguns casos da minha pesquisa, os maridos participaram da entrevista em algum momento. A sua participação se dava com algumas conversas paralelas para explicar principalmente o trabalho com a lavoura, respeitando o espaço de fala da esposa. Os filhos estiveram presentes de forma a enriquecer o debate sobre a produção orgânica do café em um caso específico: o da Maia, já que as suas filhas Hortência e Dália também eram produtoras do café feminino e faziam parte da MOBI, fazendo, dessa forma, a entrevista ficar muito mais enriquecida com fatos e detalhes tanto da vida da família.

4.13 AS FESTAS LOCAIS E SUA RELAÇÃO COM O GÊNERO

A Festa do Café aconteceu no mês de novembro de 2019, próximo à sede da COOPFAM, em Poço Fundo. No primeiro dia, ocorreu um festival de pratos, com bebidas e comidas feitas à base de café. Vários pratos foram preparados pelos maridos e filhos das mulheres do café, mas a organização do evento se deu por mãos femininas. As mulheres do café tiveram ajuda das outras mulheres cooperadas e dos funcionários da COOPFAM. A participação masculina, por sua vez, se deu principalmente na distribuição de cadeiras, mesas, no cuidado com a loja que vende produtos da Cooperativa e na preparação dos cafés para a venda na cafeteria. Tive a oportunidade de conversar com alguns membros das famílias das mulheres do café, tendo sido bem recebida pelos maridos e os filhos das cooperadas.

Figura 16 – Festa do Café da COOPFAM, nov. 2019



Fonte: Pesquisa de Campo (2019)

Nessa foto, pode ser observado o primeiro dia da Festa do Café, quando aconteceu o Festival Gastronômico, com pratos e bebidas que os cooperados trouxeram usando o café como ingrediente. Pode ser observada, também, a exposição que realizei de fotos das mulheres do MOBI, fotos estas que foram feitas durante as visitas no mês de maio de 2019, tendo sido disponibilizados dez cavaletes na entrada da festa para a sua distribuição. No total, foram trinta fotos profissionais, impressas e distribuídas por temas nos painéis, onde os destaques das fotos foram as mulheres do MOBI que fizeram parte da pesquisa. Como Alem (2005, p. 96) diz no seu estudo:

A categoria *rural* tomou uma dimensão geográfica, social e simbólica imprecisa, até se tornar quase indefinida, graças ao caráter diluído e abrangente que tantos rituais, produtos e símbolos lhe conferem. Trata-se, então, de uma rede que compõe parte da vasta produção material e simbólica da indústria cultural, que recobre toda a sociedade e é promovida nas mais diversas instâncias de consagração das culturas hegemônicas de consumo. (ALEM, 2005, p. 96).

Nesse primeiro dia de festa, também passaram no telão várias outras fotos tiradas durante a minha pesquisa de campo. Antes do início do show ao vivo que aconteceu nesse dia, foi colocado no telão o vídeo com o trailer do documentário que eu estava organizando como uma forma de agradecimento por todo o esforço deste grupo e da Cooperativa em viabilizar esta pesquisa.

O trailer teve como objetivo transmitir uma prévia do documentário de quinze minutos que foi apresentado no dia oito de março de 2020, na festa em comemoração ao dia das mulheres, completando, assim, um ano de pesquisa com o grupo. As mulheres tiveram uma mobilização admirável, já que, além de prepararem os pratos para concorrer no festival, participaram de toda a organização, desde a infraestrutura até a distribuição dos pratos para os que estavam presentes na festa, não havendo desperdício de alimentos.

A festa do café movimentou a economia da cidade. São três dias em que a cidade recebe turistas, cafeicultores, figuras públicas, pesquisadores, dentre outros, com o intuito de conhecer a festa, a cidade e o seu entorno. A festa do café é a festa mais importante para os produtores de café que são cooperados da COOPFAM. É uma festa pensada na valorização deste produto tão importante para esse povo que tem todo um cotidiano construído em volta desta cultura. São três dias de festa que vão desde um concurso de pratos feitos de café até uma missa no último dia para celebrar e agradecer este momento, além do curso de baristas e a escolha do melhor café em concurso com participantes de toda região. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

O Trailer teve duração de 2min e 41 segundos. O objetivo era introduzir um pouco de como a minha pesquisa ia acontecer juntamente com o Grupo MOBI e a COOPFAM. As mulheres vieram me agradecer pelas fotos e o trailer, pois ficaram felizes e se emocionaram com o trabalho e o carinho que receberam. Em contrapartida, eu me emocionei e fiquei muito feliz por fazer parte daqueles momentos em conjunto. No final da noite, teve show com uma banda local. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

No segundo dia, logo pela manhã, as escolas municipais do município apresentaram seus projetos em prol da melhoria da cidade e região, com oficinas para o público infantil, atividades que foram lideradas pelo grupo de jovens da Cooperativa. Na parte da tarde, aconteceu o concurso de baristas, e, mais uma vez, a juventude da COOPFAM estava presente como organizadora e participante. Em seguida, houve um concurso com os dez melhores cafés, sendo que o segundo lugar foi de uma produtora do Café Feminino. De acordo com Oliveira, “a ênfase na memória e nas manifestações culturais populares está alicerçada nas novas políticas culturais e na ação de toda uma rede global de defesa e promoção da diversidade e da identidade” (OLIVEIRA, 2017, p. 24).

Os participantes do concurso de barista são jovens filhos de cooperados que fazem cursos para se profissionalizar. Eles se dedicam durante semanas para escolher o melhor método e poder oferecer seu melhor trabalho. Essa metodologia de inclusão dos jovens no processo do café é algo que se inicia de forma natural na vida deles, com o apoio da família, comunidade e da Cooperativa, como pode ser observado na figura 16.

De acordo com o seu regulamento, o Festival tem, inicialmente, como objetivos “incentivar o consumo de Café, seja como bebida ou em elaboração de doces e salgados, e

valorizar as habilidades das famílias para a fabricação de alimentos com a inserção do café” (COOPFAM, 2019), uma vez que este concurso “é aberto a todas as famílias do município e região que se dedicam ao processamento artesanal de alimentos” (COOPFAM, 2019).

Figura 17 – 4ª Festa do Café Orgânico *Fair Trade*



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Em vários momentos, consegui dialogar com as mulheres do MOBI. O concurso de pratos foi organizado e coordenado por elas, que, além de preparar os pratos para participar do concurso, se preocupavam em distribuí-los para todos os que estavam ali presentes. Os colaboradores do Festival Gastronômico tiveram os nomes falados no microfone e receberam um brinde e uma medalha da 4ª Festa do Café Orgânico *Fair Trade*.

No terceiro e último dia da Festa do Café, ocorreram, na parte da manhã, trilhas de bicicleta pelos cafezais da região, com premiação dos primeiros colocados. O grupo de participantes foi formado por pessoas da região que gostam de praticar o esporte, sendo uma forma de também incentivar o turismo rural de aventura nessa região. Em paralelo, acontecia na igreja matriz da cidade, uma Missa em agradecimento pelo sucesso da Festa.

Teve, também, um palco com a apresentação de violeiros e outros gêneros musicais, um bingo em que a renda seria revertida para o hospital da cidade, e, por fim, houve o encerramento da festa pela Presidenta seguido por um show com uma banda local. Outra questão importante a ser colocada sobre a Festa do café é o fato de as mulheres terem uma preocupação muito clara com a sua participação nesse evento. Um concurso de Miss Café, por exemplo, já foi cogitado por ser algo tradicional neste tipo de evento. No entanto, uma forte reflexão foi proposta pelo grupo e essa ideia foi descartada, pois entenderam que a apropriação do corpo feminino não tem que ser aceito.

Na primeira festa do café, a gente estava discutindo sobre fazer o desfile da miss café, mas aquilo estava me incomodando, mesmo a ideia tendo saído das próprias meninas. Aí, eu falei de fazer um miss dos meninos também, mas as meninas não concordaram. Então, eu pensei se isso dialogava com a nossa proposta do MOBI, porque estamos buscando provar que as mulheres são muito mais que um corpo bonito. E as meninas que não atendem aos padrões de beleza que a sociedade coloca como sendo o bonito? Como vamos pensar nestas questões? Essas perguntas jogaram um balde de água fria na ideia, e, então, vieram as reflexões. Isso foi retirado, porque, senão, a gente teria a miss do café todo ano na festa. Isso é bem comum, mas será que é isso que queremos para as nossas filhas? A gente sempre quis mostrar mais com o nosso café. Não é este caminho que o grupo está construindo (INFORMANTE CHAVE, 2019).

No dia 08 de março de 2020, aconteceu o segundo encontro da Mulher COOPFAM, com o tema “A importância do trabalho da mulher fortalece o trabalho de toda a família na agricultura”. Compareceram em torno de cinquenta mulheres, alguns companheiros delas estavam presentes, e tinha uma pequena brinquedoteca para o entretenimento dos filhos. Logo após a primeira atividade, muitas mulheres participaram colocando suas opiniões referentes ao assunto “importância do trabalho da mulher na agricultura familiar”. A maior participação foi das mulheres do Café Feminino e da MOBI, o que demonstra o Empoderamento e a ocupação de espaços proporcionados pela participação no Grupo.

Teve o momento do lanche, com bolo caseiro, suco, refrigerante, café feminino, pão de queijo, pão e muito afeto, porque foram elas que fizeram as comidas que estavam ali disponíveis. Após o lanche, o restante da comida ficou disponível até o final do evento. Havia também uma mesa com variadas frutas, com sementes para serem trocadas entre as(os)

participantes, sem falar da pastinha do evento com informativos, bloquinho e caneta. No final, teve uma oficina de como usar a argila, e todas foram presenteadas com uma argila rosa para poder usar em casa.

Figura 18 - Segundo encontro do Dia Internacional das Mulheres



Fonte: Pesquisa de Campo (2020)

Por dois anos seguidos, as mulheres na COOPFAM se reuniram para comemorar e refletir sobre o papel das mulheres na sociedade. Na foto 17, podem ser observadas as mulheres assistindo ao lançamento do documentário que foi produzido durante o mês de maio de 2019 como contribuição a este trabalho e pode ser observada, também, a exposição de fotos que fizeram parte desta tese. Estes encontros representam a união de forças e de projetos em prol de melhorias no campo de atuação das mulheres, buscando ocupar espaços e se fortalecerem como uma rede de apoio e de diálogo em prol da construção de objetivos e metas coletivas, bem como Aguiar (2016) traz em um de seus artigos:

Diante dos processos de transformação em curso no campo, incluindo as florestas e as águas em toda sua diversidade e dinâmica, e dos conflitos e resistências que vivem suas populações, principalmente diante da expansão do agronegócio e dos impactos dos grandes projetos que norteiam o modelo de desenvolvimento vigente, e que impactam sobremaneira a vida as mulheres que ali vivem talvez o grande desafio que se apresenta, hoje, para as mulheres rurais, camponesas, mulheres do

campo, da floresta e das águas, enfim, seja a construção da unidade. (AGUIAR, 2016, p. 290).

Nessa perspectiva, as mulheres vêm se apropriando de novos espaços através do seu poder de articulação, podendo, assim, entender quão importantes são os movimentos de encontro para debater ações que efetivamente garantam seus direitos como mulheres trabalhadoras rurais.

CAPÍTULO 5

“Eu comecei meio pentelha na agricultura. Meu pai faleceu e eu fui mexer, trabalhava com contabilidade. Antes, era assalariada. Hoje, pago bem as contas, consigo comprar carro e sobra. A MOBI agrega de outras formas. Como pessoa, ajuda muito. A gente leva “sacolejo”. Queria estar mais próxima delas, dos olhares carinhosos, porque fui muito bem aceita, tiveram carinho comigo” (Orquídea, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste capítulo é apresentar as principais conclusões do estudo. Desta forma, para desenvolvê-lo, são retomados os objetivos principal e específicos da pesquisa com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão dos resultados. Em seguida, são apresentadas as principais conclusões deste trabalho, e, por fim, são discutidas as limitações, propostas e sugestões para estudos futuros.

5.1 RETOMANDO OS PRIMEIROS PASSOS

O objetivo geral deste estudo consistiu em compreender se ocorre o processo de Empoderamento de mulheres rurais produtoras de Café Orgânico Feminino de uma Cooperativa de Agricultores Familiares em Poço Fundo – MG, além de analisar como e que tipo de Empoderamento acontece, visando um entendimento ampliado das dinâmicas e dos processos de inclusão de mulheres no sistema de cooperativas de café, os desafios enfrentados, a rotina, o cotidiano dessas mulheres, o caminho percorrido do café feminino, visto como uma construção que envolve mulheres, homens e comunidade, pautada por quebra de paradigmas, e implantação de novas formas de gerir o trabalho dos envolvidos nas diferentes etapas da cafeicultura.

No presente estudo, foi analisado um grupo de mulheres pertencentes ao grupo de mulheres em uma cooperativa de cafeicultores da agricultura familiar em Minas Gerais. Esse estudo teve como base seis objetivos específicos, os quais são retomados neste capítulo a fim de ressaltar os principais apanhados de cada um deles. Tendo por base o primeiro objetivo específico, traçar um perfil das mulheres participantes da MOBI e do Café Feminino, destaca-se que ele foi apresentado na sessão 4.4 As mulheres do “café orgânico feminino”. No total, foram dez mulheres participantes da MOBI e produtoras do café orgânico feminino que se declararam agricultoras. As idades variaram de 28 a 70 anos, com uma média de escolaridade de quarta série primária completa, sendo oitenta por cento casadas com uma média de dois filhos, residentes no entorno da cidade de Poço Fundo e Andradas, em Minas Gerais. Pode ser observado um resumo do perfil no Quadro 11. Os resultados da pesquisa revelaram que os perfis das entrevistas são bem semelhantes, uma vez que, de acordo com a metodologia de saturação, com dez entrevistadas, já começaram a se repetir os discursos e as histórias de vida.

O segundo objetivo específico era “verificar se existem políticas e projetos que incentivam a equidade de gênero dentro da cooperativa”. De acordo com a pesquisa, os projetos de incentivo iniciaram depois da criação do grupo de mulheres (MOBI), ou seja, quando as mulheres começaram a participar das atividades de forma mais acentuadas e como cooperadas, as políticas começaram a mudar e se adaptar às novas demandas. No entanto, levou mais de 20 anos para que as necessidades das mulheres fossem ouvidas, e, de forma gradual e lenta, sanadas.

O terceiro objetivo foi “entender como acontece a inserção dessas mulheres na COOPFAM e se esta inserção promove o Empoderamento”. De acordo com os dados encontrados, uma forma de incluir as mulheres na cooperativa como associadas é através do Café Feminino e do Grupo MOBI. Foi observado, ao longo da história da cooperativa, que, se a mulher não for dona de uma cota, ela perde muitos direitos e deixa de ter inúmeros benefícios, como não dar sua opinião na gestão da sua cooperativa. O MOBI é o maior canalizador de mulheres em busca de conhecimento. Logo, se a mulher não for fazer parte da cooperativa, ela pode fazer parte do grupo desenvolvendo atividades que ela já realiza no seu dia a dia, como cultivar rosas, fazer artesanato, cultivar horta, fazer pães e bolachas caseiras para vender na feira de orgânicos que a cooperativa desenvolve toda semana, produzir sabão e produtos de limpeza para o auto consumo.

O grupo desenvolve atividades para beneficiar as mulheres de toda comunidade com algo que as mulheres já sabem fazer, podendo, além disso, gerar renda extra, inclusão, lazer,

pertencimento e autoconhecimento. Todos estes benefícios são empoderadores e transformam a realidade das mulheres participantes. Dessa forma, a cooperativa é o meio pelo qual as mulheres buscam seu Empoderamento e o MOBI é o espaço onde tudo acontece e se concretiza.

O quarto objetivo foi “compreender como foi o processo de construção do café feminino nesta cooperativa e qual sua relação com a agricultura familiar”. De acordo com o campo da pesquisa, a agricultura familiar é o berço para existência da cooperativa e do café feminino. As entrevistas revelaram que o café da cooperativa sempre foi feminino, porém não havia sido reconhecido como tal, já que as mulheres estavam presentes nas varias etapas do cultivo e da comercialização, mas o mercado não reconhecia um conjunto de valores embutido nesta produção. Dessa forma, foi construído, ao longo da história dos agricultores da cooperativa, a importância da sucessão familiar para a manutenção da produção e, o mais importante, para a continuação de uma agricultura orgânica.

O quinto objetivo foi “analisar quais tipos de Empoderamento está presente entre as mulheres pesquisadas”. Ao longo da pesquisa e de acordo com a literatura, quatro tipos de Empoderamento foram encontrados, o financeiro, o organizacional, o individual e o coletivo e ou comunitário.

E, por fim, o sexto e último objetivo foi “produzir material audiovisual das sujeitas da pesquisa”. Nesse sentido, foi produzido um material com as fotos editadas e selecionadas de acordo com cada etapa da pesquisa. Deste material, surgiram duas exposições: a primeira aconteceu na festa do café, onde foram exibidas pré-dispostas em cavaletes ao longo do espaço da feira. A festa do café aconteceu no mês de novembro de 2019, com duração de três dias, na Cidade de Poço Fundo - MG. Além disso, foi produzido um trailer curto resumindo o documentário final da tese.

O documentário teve duração média de 3 minutos e foi exibido no primeiro dia da festa do café em 2019, e no dia 8 de março de 2020 na festa em comemoração ao dia das mulheres com o intuito de divulgar a pesquisa e também de homenagear cada uma das participantes da pesquisa do grupo MOBI e todos os participantes da copa.

Pode ser observado ao longo deste trabalho que o processo de Empoderamento das mulheres rurais, especificamente das que trabalham com a produção do café, possibilitou que elas conquistassem seus espaços políticos, sociais, econômicos e culturais.

Pode ser observado, ainda, que o Empoderamento dessas mulheres tem como princípio a ocupação de espaços e a materialização da realização de suas inserções políticas e sociais

dentro da organização cooperativa, dentro da sua residência e na sua família, fazendo com que aconteça uma transformação simbólica social do ambiente onde elas atuam, visto que, diante da realidade observada, várias transformações aconteceram desde a criação da MOBI e desde que a primeira mulher foi inserida dentro da cooperativa.

Este trabalho mostra uma experiência de agricultoras familiares organizadas dentro da COOPFAM, que romperam com a tentativa histórica de invisibilizar o trabalho feminino e se colocaram como sujeitas da produção de café e protagonista de toda etapa de produção. A cooperativa não promove o Empoderamento, mas as mulheres são sujeitas que lutam e que tencionam a COOPFAM para que ela seja um espaço promotor de equidade de gênero. É através do MOBI e do Café Orgânico Feminino que esse Empoderamento acontece. Dessa forma, o MOBI é um espaço importante para articular a luta pelos direitos das mulheres na cooperativa e o Café Orgânico Feminino demonstra que as mulheres são sujeitas da produção de café para a sociedade nacional e internacional. As Cooperativas da agricultura familiar, dessa forma, precisam ser espaços sociais onde as mulheres construam ferramentas de luta por equidade de gênero.

Pode ser concluído que o Empoderamento está ligado à capacidade de transformação através do conhecimento. Isso se dá como uma “auto performance” da capacidade das mulheres conquistarem seus espaços. Sendo assim, as mulheres do café e da MOBI na região de Poço Fundo possuem um grande envolvimento grupal, fazendo com que elas possam desfrutar de diversos níveis de trabalho depois de anos de muito empenho para que as conquistas pudessem aparecer. Pode ser entendido, nesse caso, que o Empoderamento acontece de forma individual, grupal, social e econômico através de várias abordagens. O feminismo e as lutas das mulheres rurais por conquista de espaço social e político faz com que a força do grupo se restabeleça e se perpetue para as próximas gerações.

Por fim, a temática aqui construída serve como um aporte de reflexão sobre o universo complexo que é o meio rural brasileiro. Nesse contexto, pode ser colocado que, ao mesmo tempo que as mulheres reivindicam seus direitos por políticas que possibilitem a sua inclusão e a sua diversidade, elas se deparam com uma cultura de valores enraizados no patriarcado, que as mantém, muitas vezes, invisibilizadas, principalmente em relação ao trabalho doméstico e ao trabalho na lavoura. O café feminino, por outro lado, possibilita o empoderamento dessas mulheres através de uma estratégia de mudança nas relações de gênero.

5.2 LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS

Pelo fato desta pesquisa ter abordado uma cooperativa e um grupo de mulheres, vale expandir o estudo para outras cooperativas, não apenas do ramo agropecuário, mas também de outros grupos de mulheres ou trabalho feminino.

Uma limitação destacável é o fato de este ter sido um caso único, não podendo ter generalizações, restringindo os resultados à realidade estudada.

Através da realização desta pesquisa pretende-se possibilitar novos *insights* e reflexões inovadoras que possam conduzir a novos direcionamentos e à realização de novas pesquisas e estudos que possibilitem um aprofundamento conceitual e empírico ainda maior sobre as questões de gênero e do Empoderamento da mulher rural inserida na agricultura familiar e em organizações coletivas. Desse modo, algumas sugestões serão colocadas:

- Espera-se que aconteça a ampliação desta pesquisa em diferentes ambientes e em variados estudos de caso;
- A realização de novos estudos envolvendo associações, sindicatos, mulheres rurais que atuam em diferentes setores da agricultura, sendo ela familiar ou convencional;
- A realização de novos estudos abraçando o Empoderamento feminino em diversos setores da agricultura e do mundo rural;
- O desenvolvimento de pesquisa que possa apresentar o trabalho feminino em várias áreas, tanto no meio rural como no urbano, ressaltando as necessidades de melhorias e de equidade de gênero nestes meios.

Por tudo o que aqui foi exposto, entende-se que a realização deste estudo foi uma oportunidade excepcional para se buscar uma melhor compreensão sobre a equidade de gênero, sobre o trabalho feminino no meio rural, sobre o Empoderamento feminino e sobre o trabalho da mulher na agricultura familiar.

Obrigada por ter me acompanhado até aqui. Este trabalho foi feito com muito carinho e dedicação. Para finalizar esta experiência, lhe convido novamente para assistir ao documentário, juntamente com o restante de fotos que foram realizadas ao longo dos doze meses de pesquisa.

Pegue seu celular, aponte para o QR Code e aproveite!



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.

ACI. **Aliança Cooperativa Internacional**. Disponível em: <<http://www.aciamericas.coop>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

AGUIAR, Vilenia Venancio Porto. Mulheres Rurais, Movimento Social e Participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. In: **Política & Sociedade**. Florianópolis - Vol. 15 - Edição Especial, 2016.

ALEM, João Marcos. Rodeios: Fabricação de uma identidade caipira-sertanejo-country no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 64, dez/fev, 2004-2005, p. 94-121.

ALVES, Eliseu Roberto de Andrade. A agricultura familiar. In: **Área de Informação da Sede-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 1997.

ANDERSSON, Fabiana da Silva. **Processos de empoderamento e agroecologia: valorizando o trabalho das mulheres rurais?** Universidade Federal de Pelos. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós Graduação em Agronomia. Pelotas, 2015.

BAQUERO, Rute Angelo Vivian. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. In: **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 2, mai / ago. 2006, p. 77-93.

_____. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. In: **Revista debates**, Porto alegre, v. 6, n. 1, jan/abr. 2012, p.173-187.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BARRETT, Michèle; LIMA, Ana Cecilia Acioli. As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea. In: **Estudos Feministas**, v. 7, n. 1/2, 1999, p. 109-125.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – Fatos e Mitos**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre : **Sociologia**. Organizado por Renato Ortiz. Tradução Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática. 1983.

_____. “**The forms of capital**”, in J. G. Richardson (org.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, Nova Iorque, Greenwood, 1985, p. 241-58.

_____. **Choses dites**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.

_____. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

———. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

———. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

———. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BRASIL. Cooperativismo de gênero - **As interfaces institucionais com o cooperativismo**; Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo, 2009.

BRASIL. Gênero, Cooperativismo e Associativismo: Coopergênero, Integrando a Família Cooperativista / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo**. – Brasília : Mapa/ACS, p. 41, 2012.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, 25 jul, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul**. Brasília: Ministério do desenvolvimento agrário, 2006.

BREGAGNOLI, Marcelo; MONTEIRO, Alexandre Vieira Costa. **Café nas Montanhas, Cafeicultura Sustentável no Sul de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem Editora, 2013.

BRUMER, Anita; ANJOS, Gabriele. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. In: **Revista NERA**. Presidente Prudente, ano 11, n. 12, jan/jun, 2008, p. 6-17.

BUTTO, Andréa. A perspectiva de gênero nos programas de desenvolvimento rural e combate à pobreza no Brasil: políticas públicas. In: **Seminário “Gênero y Enfoque Territorial del Desarrollo Rural”**. Natal, 14 a 17 de julho, 2003. Disponível em: <http://www.metas2015.unb.br/Documentos/Genero>. Acesso em: 11 jul. 2020.

CALÁS, Marta. B.; SMIRCICH, Linda. Do ponto de vista da mulher: abordagens em estudos organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999, p. 276 - 281.

CARNEIRO, Maria José. **Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero**. Estudos Sociedade e Agricultura, 1994.

———. **Herança e gênero entre agricultores familiares**. Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 1, 2001.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. In: **Serviço Social em Revista**, v. 3, n. 2, jan / jun. 2001.

CARLOTO, Cássia Maria; GOMES, Ana Graça. Geração: enfoque nas mulheres pobres e divisão de renda sexual do trabalho. In: **Serviço Social & Sociedade**, n. 105, 2011, p. 131-146.

CARRASCO, Cristina. **La economía feminista: una apuesta por otra economía**. Estudios sobre género y economía / coord. por María Jesús Vara Miranda, 2006, p. 29-62.

CASSOL, Kelly Perlin; WISNIEWSKY; Carmen Rejane Flores. **Agricultura e desenvolvimento sustentável**. Fronteiras da Pesquisa em Geografia / organização de Lauro César Figueiredo. Santa Maria: UFSM, 2012.

CAZELLA, Ademir Antônio; BONNAL, Philippe; Maluf Renato. **Multifuncionalidade da agricultura familiar no Brasil e o enfoque da pesquisa**. Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil / Ademir A. Cazella, Philippe Bonnal e Renato S. Maluf organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

CHANT, Sylvia. **Women-Headed Households: Diversity and Dynamics in the Developing** COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). Acompanhamento da safra brasileira: café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília: Conab, 2014- v. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>.

CONTE, Isaura Isabel; WESCHENFELDER, Noeli Valentina. Mulheres camponesas em luta: resistência, libertação e empoderamento. In: **Revista da Faculdade de Educação**. ano X, n. 17, Jan / Jun, 2012.

CORDEIRO, Antônio Teixeira; FILHO, Gabriel Singulano; RIBEIRO, Marcelo de Freitas. Caracterização da Cafeicultura de Montanha de Minas Gerais / coordenadores, Pierre Santos Vilela, José Luís dos Santos Rufino. In. **Capítulo II, características da propriedade cafeeira, do cafeicultor e do parque cafeeiro**. Belo Horizonte: INAES, 2010.

CORNWALL, Andrea. Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. In: **Cadernos Pagu**, n. 52, 2018.

COSTA, Bianca Aparecida Lima; JUNIOR, Paulo Cesar Gomes Amorim; SILVA, Marcio Gomes. **As Cooperativas de Agricultura Familiar e o Mercado de Compras Governamentais em Minas Gerais**. Piracicaba-SP: RESR, v. 53, n. 01, 2015, p. 109-126

COSTA, Cassiane. **“Somos solteirões”. A construção social da solteirice na Agricultura Familiar de Alegre/RS**. 2014. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

CRUZ, Maria Helena Santana. Empoderamento das Mulheres. In: **Inclusão Social**, v. 11, n. 2, 2018.

DEERE, Carmen Diana. Os direitos da mulher a terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, jan / abr, 2004.

DELGADO, Reyna Floridalma Montejo. **Empoderamiento y Autonomía de Mujeres Campesinas de Musa, Las Margaritas, Chiapas, México**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade do Chile, Chile, 2013.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Qualitative research**. Thousand Oaks ua, 2000.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Cecília de Souza. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26^a ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ENGEL, Vania; ALMEIDA, Giovana Goretti Feijó; DEPONTI, Machado Cidonea. Agricultura familiar no contexto das cooperativas rurais: o caso da Ecocitrus. In: **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 34, n. 1, jan/abr, 2017, p. 59-81.

ENGESTRÖM, Yrjö. **Learning by Expanding: an activity-theoretical approach to developmental research**. Helsinki, Filand: Orienta-Konsultit Oy, 1987.

FAIR TRADE. **Organização de pequenos produtores**. Disponível em: http://www.fairtrade.net/fileadmin/user_upload/content/2009/standards/documents/2012-07-11_PT_SPO.pdf. Acesso em: 08 nov. 2018.

FLICK, UWE. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008.

FONTENELE, Tania; ARZABE, Cristina; NOGUEIRA, Julia. **Trabalho feminino e maternidade nas lavouras de café**: um relato a partir da memória oral de mulheres da agricultura familiar. In: *Mulheres dos Cafés no Brasil / Cristina Arzabe... [et al.]*, editoras técnicas. Brasília, DF: Embrapa, 2017.

FREITAS, Alan Ferreira; FREITAS, Alair Ferreira. Interações entre organizações coletivas na promoção do desenvolvimento local. In: **Interações**, Campo Grande, v. 14, n. 2, jul-dez, 2013, p. 177-188.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. In: **Saúde e Sociedade**. v. 13, n. 2, maio / ago, 2004, p. 20-31.

GOMES, Romeu Souza; MINAYO, Edinilsa Ramos; MALAGUIAS, Maria Cecília de Souza; SILVA, Joaci Vitória; RIBEIRO, Claudio Felipe. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa, Ramos. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 185-221.

GUIMARÃES, Nathalie; RIBEIRO, Silvana Maria Novais Ferreira. A força das mulheres na Cafeicultura das Matas de Minas. In: **Mulheres dos Cafés no Brasil** / Cristina Arzabe... [et al.], editoras técnicas. Brasília, DF: Embrapa, 2017.

GUIMARÃES, G. M. et al. O rural contemporâneo em debate: temas emergentes e novas institucionalidades. In: **Ijuí: Editora Unijuí**, 2015.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia; CINTRÃO, Rosângela Pezza. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. In: **Revista Nera**, ano 9, n. 8, 2006.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17/18, 2002, p. 139-156.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, 2007, p. 595-609.

_____. **Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparada**. Friedrich Ebert Stiftung Brasil, n.7, 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 10 maio 2018.

_____. **Censo Agropecuário 2006/Agricultura Familiar: primeiros resultados**. 2006. Disponível: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 10 maio 2018.

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. In: **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 18, n. 4, 2009, p.733-743.

KRUL, Agenor; RHODEN, Assabido; POYER, Carlos Nilton. **Caminhos de investigar: metodologia, técnica de pesquisa**. Londrina: CEFIL, 2001.

LAGARDE, Marcela. **Gênero y feminismo: desarrollo humano y democracia**. Madrid: Horas & Horas, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. In: **La Ventana**, n. 13, 2001, p. 94-106.

LIMA, Alfran Oliveira. **Transferência de conhecimento no contexto de uma cooperativa de produtores de café orgânico**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,

Faculdade de Engenharia Agrícola. Orientador: Alfran Oliveira Lima. Campinas, SP: [s.n.], 2016.

LIMA, Marcos Antonio Martins; FROTA, Sâmia Araújo. O empowerment e a teoria organizacional: um incremento no quantum de poder. In: **Revista Eletrônica de Administração**, v. 1, 2002.

LIMA, Michelle da Silva. Cooperativismo: uma experiência feminina na arte de produzir conquistas. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 20(1): 344, jan / abr, 2012.

LIMA, Telma Cristina Sasso; MIOTO, Regina Cecília Tamasso; DAL' PRA, Regina Keli. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. In: **Revista Texto & Contextos**. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2007.

LISBOA, Teresa Kleba. O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: **Fazendo gênero**, v. 8, 2008, p. 25-28.

_____. Democracia de gênero: é possível um pacto entre as mulheres? **O Social em Questão**, v. 20, n. 38, 2017, p. 23-37.

LISBOA, Teresa Kleba; MANFRINI, Daniele Beatriz. Cidadania e equidade de gênero: políticas públicas para mulheres excluídas dos direitos mínimos. In: **Katálisis**, Florianópolis, v. 8, n. 1, jan. / jun. 2005, p. 67-77.

LOMBARDI, Maria do Rosário. A ocupação no setor agropecuário no período 1993-2006 e o trabalho das mulheres. In: DI SABBATO, Alberto. *et al.* (Org.). **Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. In: **Uma perspectiva pós estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis**, RJ: Vozes, 1997, p. 14-36.

LUZ, Nanci Stancki; CASAGRANDE, Lindamir Salette. **Entrelaçando gênero e diversidade: matizes da divisão sexual no trabalho**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.

MACÊDO, Kátia Barbosa et al. O processo sucessório em organizações familiares e a exclusão da mulher. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 3, 2004, p. 69-81.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? In: **Cadernos Pagu**, n. 11, 1998, p. 107-125.

MAPA. **Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/portal/page>. Acesso em: 02 maio 2018.

MARTELETO, Regina Maria; PIMENTA, Ricardo Medeiros. **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

MELO, Lúgia Albuquerque de. **Relações de gênero na agricultura familiar: o caso do PRONAF em Afogados da Ingazeira-PE**, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MINAYO, Maria Cecília; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade. In: **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, 1993, p. 239-262.

NARAYAN-PARKER, Deepa (Ed.). **Empoderamento e redução da pobreza: Um livro de referência**. Publicações do Banco Mundial, 2002.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. Revista Estudos Feministas, v. 11, n. 2, 2000, p. 9-41.

OAKLEY, Peter; CLAYTON, Andrew. **Monitoramento e avaliação do empoderamento (“empowerment”)**. Tradução de Zuleika Arashiro e Ricardo Dias Sameshima. São Paulo, Instituto Pólis, 2003.

OLIVEIRA, Josilene Ribeiro. “Festa na Fazendinha”: formas de consumo simbólico-cultural e de apropriação do rural por famílias urbanas. In: **Revista de Ciências Sociais: RCS**, v. 48, n. 1, 2017, p. 16-68.

ONU, BRASIL. 17 objetivos para transformar nosso mundo. [s/d]. **Nações Unidas – ONU Brasil**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/principais-fatos/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

ONU. **Organização das Nações Unidas**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/> m: Acesso em: 16 maio 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. Cooperativismo. Disponível em: http://www.ocb.org.br/site/brasil_cooperativo/index.asp. Acesso em: 12 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS / OCEMG. Anuário de informações econômicas e sociais. Disponível em: <http://www.Minasgerais.coop.br>. Acesso em: 10 maio 2018.

OSORIO, Hernández Carmen. **Política de crédito rural com perspectiva de gênero: um meio de “empoderamento” para as mulheres rurais? 2009**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Mulheres rurais: quatro décadas de diálogo**. Editora da UFSC, 2016.

PEDINI, Sérgio. *Frair Trade: Alternativa ao mercado convencional de café e processos de empoderamento de cafeicultores familiares*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Lavras – UFLA. Lavras, 2011.

PEDINI, Sérgio; MACHADO, Rosa Teresa Moreira. Fair trade: possibilidades de empoderamento de cafeicultores familiares no sul de Minas Gerais. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2014.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. Os atores da construção da categoria agricultura familiar no Brasil. In: **Revista de economia e sociologia rural**, v. 52, 2014, p. 63-84.

PINHO, DIVA. **Dicionário de cooperativismo**. São Paulo: FFCL–USP, 1962.

QUINN, Robert E.; SPREITZER, Gretchen M. “The road to empowerment: seven questions every leader should consider”. **IEEE Engineering Management Review**, v. 27, n. 2, Summer, 1999, p. 21-28.

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista. In: **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, mai/ago, 2015, p. 229-246.

RAMOS, Crystiane Pontes. Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local. In: **Revista Gênero**, v. 15, n. 1, 2014.

RECOARO, Deise et al. O Trabalho das mulheres no setor de serviços. **Reflexões coletivas de sindicalistas. Fortalecimento político das mulheres para garantir e ampliar direitos, promover a igualdade no mundo do trabalho e a autonomia econômica**. Organizado por Eugenia Troncoso Leone, José Dari Krein, Marilane Oliveira Teixeira. São Paulo: Secretaria de Políticas do Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres. Campinas, SP: Unicamp. IE. Cesisit, jun., 2017.

RODRIGUES, Claudia Heloisa Ribeiro; SANTOS, Fernando César Almada. *Empowerment: ciclo de implementação, dimensões e tipologia*. In: **Gestão & Produção**, v. 8, 2001, p. 237-249.

ROMANO, Jorge O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. In: **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002, p. 9-20.

ROSA, Bárbara Oliveira. Mulheres invisíveis: a identidade das catadoras de materiais recicláveis. In: **Revista Gênero**. Niterói. v.14, n.2, 2014, p. 91-104.

ROSO, Adriane; ROMANINI, Moises. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. In: **Psicologia e Saber Social**, v. 3, n. 1, 2014, p. 83-95.

RUFINO, José Luís dos Santos; SILVEIRA, Victor de Souza; JR. Adelmo Cardoso Ribeiro. Caracterização da Cafeicultura de Montanha de Minas Gerais / coordenadores, Pierre Santos Vilela, José Luís dos Santos Rufino. In: **Capítulo I. Introdução e metodologia de estudo**. Belo Horizonte: INAES, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. In: **Lutas sociais**, n. 2, 1997, p. 59-79.

SALVAGNI, Julice; CANABARRO, Janaina. Mulheres líderes: as desigualdades de gênero, carreira e família nas organizações de trabalho. In: **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 6, n. 2, 2015, p. 88-110.

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; ESTEVAM, Dimas de Oliveira; FELIPE, Daiane Fernandes. Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade. In: **Psicologia: ciência e profissão**, v. 34, n. 2, 2014, p. 390-405.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. Trad: MURAD, Fátima Conceição; KASSNER, Melissa; LADEIRA, Sheila Clara Dystyler. IN: **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, Nilma Angélica. A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar: entre a invisibilidade e a desvalorização do trabalho (re) produtivo de mulheres trabalhadoras rurais do município de Brejo/MA frente à expansão da monocultura de soja. In: **Revista Políticas Públicas**. São Luís, Número Especial, 2016, p. 331-337.

SCHAAF, Alie Van Der. Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, 2003, p. 412-442.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista estudos feministas**, v. 13, 2005, p. 11-30.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

SILVEIRA, Miguel Angelo; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. Desenvolvimento territorial e multifuncionalidade da cafeicultura familiar no sul de Minas Gerais. In: **Embrapa Meio Ambiente** - Capítulo em livro científico (ALICE), 2009.

_____. **O enigma da igualdade**. Tradução de um *paper* (título original: *The Conundrum of Equality*) publicado pela escritora na série *Occasional Papers* da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Estudos Avançados – *Princeton*, lançado em mar/ 1999. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, 2005.

SANTOS, Nilma Angélica. A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar: entre a invisibilidade e a desvalorização do trabalho (re) produtivo de mulheres trabalhadoras rurais do município de Brejo/MA frente à expansão da monocultura de soja. In: **Revista de Políticas Públicas**, 2016, p. 331-337.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. In: **Revista Katálysis**, v. 13, n. 1, 2010, p. 11-19.

SAWAIA, Bader et al. (Orgs.). **As artimanhas da exclusão social: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SILVA, Camila Marques Viana; VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. Agricultura familiar, gênero e dinâmicas sociais: um estudo sobre a construção territorial do assentamento. Nova Lagoa Rica. In: **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 2, 2013, p. 387-399.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, 2016, p. 123-139.

STREY, Marlene Neves; CÚNICO Sabrina Daiana. **Teorias de Gênero Feminismos e Transgressão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

TAUNAY, Affonso. **História do Café no Brasil, no Brasil colonial 1727— 1822**. Edição do departamento nacional do café. v.1. Rio de Janeiro, 1939.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero: uma palavra para desconstruir sentido e construir usos políticos. In: **Revista Àrtemis**, v. 6, jun, 2007, p. 106-113.

_____. Mulheres e a sociedade agrária: representações sociais e relações de gênero. Saeculum. In: **Revista de História**, João Pessoa, 2012.

TILIO, Rafael. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. In: **Revista Gênero**, Niterói, v. 14, n. 2, 2014, p. 125-148.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2007.

VALE, Ana Rute; CALDERARO, Rodrigo Alexandre Pereira; FAGUNDES, Francielly Naves. A cafeicultura em minas gerais: estudo comparativo entre as regiões Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Sul/Sudoeste. In: **Campo Território: Revista de Geografia Agrária** - Francisco Beltrão, n. 2012, 2014, p. 1-23

VALENTIN, Ismael Forte. A Reforma Protestante e a educação. In: **Revista de Educação do Cogeime**, v. 19, n. 37, 2010, p. 59-70.

VILLACORTA, Alberto E.; RODRÍGUEZ, Marcos. Metodologias e ferramentas para implementar estratégias de empoderamento. In: **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002, p. 45-66

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. “Franja Periférica”, “Pobres do Campo”, “Camponeses”: dilemas da inclusão social dos pequenos agricultores familiares. In: **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**, v. 1, 2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. In: **Estudos sociedade e agricultura**, v. 21, n. 10, 2003, p. 42-61.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. In: **Revista Agriculturas: experiências em Agroecologia**. RJ: Rio de Janeiro, 2009, p. 33-46.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO A - CARTA CONVITE DA PESQUISA DE CAMPO (MINUTA)

Prezado(as) senhores(as) da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região – COOPFAM e do Grupo MOBI - Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade,

Venho por meio desta solicitar apoio para a realização de minha pesquisa acadêmica sobre “Empoderamento das mulheres rurais: café feminino em Minas Gerais”.

A preocupação com o tema deriva do crescente interesse que esses assuntos vêm gerando tanto na instância acadêmica quanto no contexto social. Trata-se de um estudo científico que resultará na elaboração de uma Tese de Doutorado da aluna Viviane Flaviano, sob orientação do Prof. Renato Santos de Souza, junto ao departamento de Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul.

A pesquisa implicará a realização de entrevista estruturada com os dirigentes, responsáveis pelas diversas áreas da cooperativa e as mulheres que fazem parte do grupo MOBI. Além da elaboração de um material audiovisual do trabalho das mulheres, pretende-se realizar grupo focal e observação não participante com as mulheres cooperadas.

Caso seja liberada a realização da pesquisa, peço permissão e gentileza para indicar os profissionais com os quais possamos manter um contato preliminar e definir as datas e demais condições para realização da pesquisa, além de indicar os cooperados e cooperadas que possam ser entrevistados.

Asseguramos à COOPFAM que os dados coletados serão confidenciais, apresentados de forma agregada e utilizados para fins estritamente acadêmicos. Ademais, ao final do estudo, se houver interesse, a COOPFAM terá acesso irrestrito às informações e às análises que integrarão a tese de Doutorado.

Por fim, certo de que será um prazer fazer a pesquisa nesta cooperativa, esperamos contar com a participação de todos(as) da COOPFAM e do Grupo MOBI para o estudo, certos de que em muito contribuirão para o desenvolvimento da pesquisa sobre gênero e Empoderamento Feminino no Brasil. Desde já, agradecemos.

Prof. Dr. Renato Santos de Souza

Professor titular da Universidade Federal de Santa Maria

Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural

Viviane Flaviano

Doutoranda em Extensão Rural - UFSM

E-mail: vivianeflaviano@gmail.com

Fone: (11) 99774-5699

ANEXO B - PROTOCOLOS DE ENTREVISTA

PROTOCOLO SEMIESTRURADO - MULHERES DO MOBI E DO CAFÉ FEMININO

1. DADOS GERAIS

1. Primeiro Nome _____
2. Idade _____
3. Estado Civil _____
4. Escolaridade _____
5. Profissão _____
6. Tem filhos/filhas () sim () não _____
7. Caso tenha respondido sim: número: _____ Idade _____
8. Possui cargo na cooperativa, se sim, qual seria. _____
9. Tempo de cooperativa. _____

2. QUESTÕES REFERENCIADAS PELAS CATEGORIAS ANALÍTICAS

2.1. Empoderamento Feminino

2.1.1. Financeiro

10. Qual tamanho da sua propriedade, quem é responsável por ela?
11. Quem é o chefe da sua família? Qual a sua contribuição financeira na sua família?
12. Como era sua condição financeira antes de se tornar cooperada? E agora sendo cooperada?
13. Quantas pessoas moram na sua residência?
14. Na sua casa, quantas pessoas trabalham fora de casa?
15. Que tipo de atividades (agrícolas e não agrícolas) desenvolvia antes de ser cooperada e produtora de café?
16. Tinha alguma renda dessas atividades?
17. O que é produzido na propriedade?
18. Como é definido o uso dos recursos financeiros na sua propriedade?

2.1.2 Organizacional

19. Por que você se tornou cooperada da COOPFAM?
20. Fale-me do seu trabalho como cooperada (cotidiano, funções, especificidade, horários, relacionamento com outros cooperadas (os) e colegas).
21. Como era sua rotina antes de se tornar cooperada?
22. Quais são os desafios que você possui como produtora de café e como cooperada da COOPFAM? Facilidades e Dificuldades?
23. Como é sua rotina de trabalho na sua propriedade e no GRUPO MOBI?
24. Você se sente valorizada pelo trabalho que desenvolve tanto na sua propriedade como no grupo MOBI?
25. O que melhorou na sua vida depois do grupo MOBI?
26. Houve melhoria na sua renda depois de entrar para o MOBI.
27. Quais são os pontos onde a cooperativa pode melhorar para contribuir com o empoderamento das mulheres?
28. Como a cooperativa tem contribuído com a construção da equidade de gênero? O que você entende por equidade de gênero?
29. Em quais pontos a cooperativa precisa avançar para contribuir mais nesse sentido?
30. Quais são as políticas e ações da cooperativa para a promoção da equidade de gênero, no seu ponto de vista?
31. Participa de outras organizações coletivas como (Cooperativas, Sindicados, Associações).
32. Você já encontrou dificuldades por ser mulher na cooperativa? Quais foram? E no seu dia a dia?
33. Como você enxerga sua vida antes e depois de ser cooperada e de participar do Grupo MOBI?
34. Como você se sente sendo cooperada? E como produtora de café?

2.1.3 Coletivo e/ou Comunitário

35. Como sua família enxerga seu trabalho antes e depois de se tornar cooperada?
36. Sua relação com sua família mudou depois que se tornar cooperada?

37. Seu companheiro (a) (caso tenha) facilita ou dificulta sua participação na cooperativa?

De que forma?

38. Como é a divisão de trabalho (atividades domésticas, filhos e trabalho na lavoura) entre os membros da família?

39. Como são tomadas as decisões dentro da sua família?

40. Quem desenvolve as atividades domésticas na sua casa?

2.1.4 *Individual*

41. Qual é a importância de participar da cooperativa para você?

42. Você acredita que a participação na cooperativa promove o empoderamento das mulheres? De que forma isso se daria?

43. Como você se sente em relação ao número de homens e em relação ao número de mulheres cooperados?

44. Como foram construídos os projetos e ações relacionadas a gênero na cooperativa?
Qual a sua participação?

45. Como surgiu o café feminino?

46. Qual a importância do café feminino em sua vida?

47. Você possui cargo de gestão na cooperativa? Se sim quais são os desafios?

48. Gostaria de ocupar alguma? Qual seria e por quê?

49. Você é produtora de café?

50. Quando você iniciou a produção de café?

51. Você acredita que a cooperativa te auxilia na sua trajetória profissional como mulher?

52. O que você entende como relações entre o papel do homem e da mulher na cooperativa e na família? Como você avalia isso?

53. O que você entende por feminismo?

54. Você se reconhece como sendo uma mulher feminista?

55. O que você entende por equidade de gênero?

56. O que você entende por Empoderamento feminino?

2.2 *Roteiro público masculino*

57. Como você enxerga o trabalho das mulheres do café e do grupo MOBI?

58. Como você observa as políticas da COOPFAM para a inclusão das mulheres?
59. Quais outras políticas de inclusão poderia existir na COOPFAM?
60. Pretende ocupar algum cargo de gestão na COOPFAM?
61. O que você entende pelo Empoderamento feminino e o feminismo?
62. E os outros jovens que estudam com você? O que eles pensam sobre estas questões?
63. Se tivesse filha, qual caminho gostaria que ela seguisse?
64. Você acredita que é importante a mulher saber cozinhar?
65. O que você acha do trabalho que a atual presidência da cooperativa vem desenvolvendo?

2.3 Roteiro informante chave

66. Como você conheceu o grupo MOBI?
67. Qual ligação existente entre as mulheres da MOBI e a cooperativa?
68. Me relate como você enxerga o trabalho da cooperativa em relação à desigualdade de gênero?
69. Como funciona o Grupo MOBI?
70. Quais os projetos da MOBI?
71. Qual a ligação do grupo MOBI e o café feminino?
72. Qual a importância do café feminino na vida das mulheres?
73. Qual a importância do café feminino para a Cooperativa?
74. Onde posso encontrar essas mulheres?
75. Você acredita que aconteça o processo de Empoderamento feminino dentro do grupo MOBI?
76. Você acredita que aconteça o processo de Empoderamento feminino dentro do grupo da cooperativa?

ANEXO C - FOTOS ARTÍSTICA DA PESQUISA (2019)

Todos os direitos reservados a Viviane Flaviano, Alessandra Nohvais e Anna Gobbi.

“Sempre tive facilidade de comunicação, fui curiosa de pesquisar e perguntar e sempre fiz meus experimentos. Sou agraciada com isso, porque eu acho que ajuda muito, né?!”.



“Eu entrei, e 2006, com o café, eu fui a primeira a ter o café feminino. Ai, depois, vieram minhas amigas, ai já entrou feminino. Em 2008, nós vendemos um contêiner de café feminino para os EUA”.



“No meu ponto de vista, como mulher pode ser dona de fazenda, dona de qualquer coisa e pode ser muito bem-sucedida, e como homem pode ser dono de fazenda ou restaurante e ser bem-sucedido naquilo que quiser”.



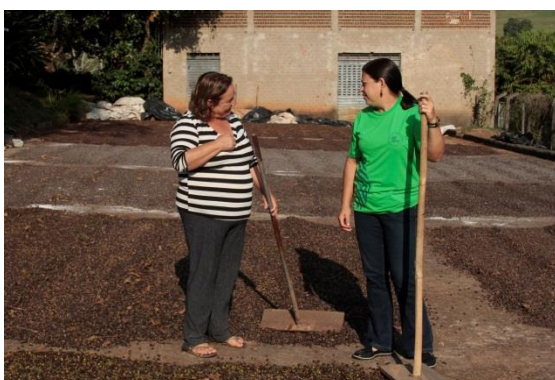
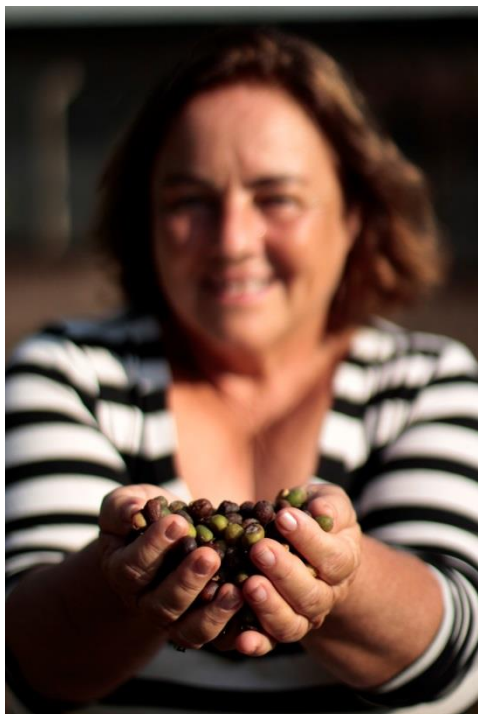
“Desde quando nós casamos que as decisões são tomadas de forma conjunta na família. Tenho trinta e dois anos de casada”.



*“A COOPFAM fez um trabalho de conscientização para passar para criança de onde está sua origem, ensinar a plantar, colher e a gostar de sua origem .
O café feminino é a materialização do nosso trabalho. É o que dá visibilidade, é uma vitrine.
Tem como objetivo também empoderar as mulheres”.*



“Eu frequentei o MOBI por dois anos; depois disso, as mulheres perguntaram para mim se eu não queria participar da COOPFAM”.



“Como se diz, não é um passo, são vários passos que a cooperativa vem dando. Ali dentro, a gente vê que não tem distinção entre homens e mulheres. Não é uma coisa que só fala, nós ‘trabalha’ mesmo lado a lado, homens e mulheres”.



“A gente se reunia porque as mulheres chegavam nas reuniões e a gente não podia votar nas assembleias . Aí, a gente conversava que era importante se reunir para um dia retirar espaço poder ter o nosso café”.



Poço Fundo e suas Belezas



